

SÉRIE ANTROPOLOGIA

277

HARI NAMA SANKIRTANA:
ETNOGRAFIA DE UM PROCESSO RITUAL
Marcos Silva da Silveira

Brasília
2000

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
<i>ARATIK</i>: UM PRIMEIRO RITO.....	7
ESCALA EM ZURICH.....	12
À CAMINHO DE MAYAPUR.....	18
O <i>PARIKRAMA</i> DE <i>NAVADWEP</i>.....	27
O <i>PUSPA SAMADHI</i>.....	39
<i>SWAMIS</i>, <i>BRAMACHARIS</i>, <i>BRÂMANES</i> e <i>BHAKTAS</i>.....	44
O <i>SANKIRTANA</i> DE <i>PRABHUPADA</i>.....	53
BIBLIOGRAFIA.....	60

AGRADECIMENTOS

Esta é uma versão condensada da tese de doutoramento intitulada “*Hari Nama Sankirtana: Estudo antropológico de um processo ritual*”, defendida em 30.07.99. no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade de Brasília. Sou especialmente agradecido ao orientador, Stephen Grant Baines, aos membros da banca examinadora, Deis Elucy Siqueira, Ellen Woortmann, Heraldo Maués, Laís Mourão de Sá, e a Mariza Peirano, pelos comentários, sugestões, a boa vontade e paciência, com que me receberam durante a elaboração da tese e deste artigo.

Este Doutorado foi possível graças a bolsa de estudos concedida pelo CNPQ, instituição a qual também sou grato, durante os anos de 1995 a 1998. Agradeço também aos colegas do Programa, aos funcionários do departamento de Antropologia, à minha família, e, principalmente, aos membros do Movimento Hare Krishna, pela acolhida e pelo diálogo, permitindo a elaboração deste trabalho. Espero, de alguma forma, poder ter satisfeito os ideais de *Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami*, honrando o Movimento de *Sankirtana* de *Sri Chaitanya Mahaprabhu*, seu idealizador e fonte eterna de inspiração.

INTRODUÇÃO

O *Hari nama sankirtana* é a marca registrada do Movimento Hare Krishna. É a cerimônia pública que seus adeptos popularizaram pelas ruas das grandes cidades modernas, cantando e dançando “*Hare Krishna! Hare Rama*”. Seu objetivo explícito é levar a pureza de *Krishna* para todos aqueles que participarem de tais cerimônias, indistintamente. Aqui encontra-se o cerne da universalidade deste movimento, que auto-denomina-se, na Índia, **Movimento de Sankirtana**, a mais característica expressão do *Gaudya Vaisnavismo*¹, uma das mais importantes seitas do leste da Índia, popularizado no Ocidente por Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami, a partir do ano de 1965.

Desde as minhas primeiras reflexões sobre o tema, procurei situar o momento que o Movimento Hare Krishna atravessava, ao longo da década dos 90, através de alguns conceitos fundamentais dos estudos sociológicos do fenômeno religioso. Antes de discutir categorias como **rotinização do carisma**, todavia, procurei caracterizar o Movimento Hare Krishna como uma religiosidade de **renúncia estruturada**, segundo os conceitos que Victor Turner(1974), usara para discutir o movimento de *Sankirtana*. Turner discutiu as origens do *sankirtana*, o movimento *Bhakti* de Sri Chaitanya Mahaprabhu, durante o período medieval² indiano, utilizando este Movimento para ilustrar seu conceito dialético, **estrutura:anti-estrutura(communitas)**, no quarto capítulo do conhecido ‘O Processo Ritual’.

Turner(1974:187) considerou a Índia e sua religiosidade como tendo melhores exemplos do que o Cristianismo.³ O conceito parece ter sido influenciado pela atmosfera contracultural dos anos sessenta, marcada por protestos, *happenings* e orientalismos diversos. O significativo, no caso do Movimento Hare Krishna, é que este nasce nessa mesma atmosfera anti-estrutural, permitindo, trinta anos depois, retornar às considerações teóricas de Turner, dentro do seu desenvolvimento. Na época em que Turner lançava a primeira edição de O Processo Ritual, em 1969, Srila Prabhupada e seus adeptos já haviam gravado um disco com os Beatles⁴, que fez muito sucesso. O mantra *Hare Krishna* também foi incluído na trilha sonora do musical *Hair*, associando-se definitivamente à cultura *hippie* novaiorquina.

Segundo Turner, o cantor *pop* Bob Dylan colocara num de seus discos uma foto sua entre *Baules*, outra seita associada ao *Sankirtana* de Chaitanya. O *sankirtana* chegava ao mundo *pop*, nas suas versões mais expressivas e características, no trânsito religioso característico da contracultura. Turner chegou a ilustrar seu conceito de **communitas espontânea** com uma canção de *sankirtana* dos *Baules*, afirmando que sua existência “claramente indica como o espírito da “communitas” vaishnava tem persistido no mundo de hoje”. (1974:199). O Movimento de *Sankirtana* de Srila Prabhupada também é uma expressão contemporânea desta persistência. Qualquer canção de *sankirtana* louva a igualdade de todos diante de Krishna. Essa é a essência dos ensinamentos de Chaitanya Mahaprabhu.

Todos esses movimentos operam uma série de trânsitos sociais, permitindo discutir as considerações de Turner de forma satisfatória, pois trazem a força do espírito anti:estrutural da

¹ *Gaudya Desh* é a região ao `este da Índia, que compreende os atuais estados da West Bengal, Orissa e Bihar. O culto de Chaitanya Mahaprabhu é muito popular nesta região. O hinduísmo divide-se em três grandes troncos, *Vaisnavas*, *Shivaítas* e *Shaktas*, respectivamente, adoradores de Visnu, Shiva e Durga. As diferenças são rituais e regionais, com versões particulares para as mesmas escrituras e mitos.

² A noção de “Índia medieval” é problemática. Segundo Chattopadhyaya(1996:135), a idéia de um “feudalismo” na Índia tem origens marxistas. O termo também é utilizado para designar a Índia muçulmana, e diferenciá-la da “antiga Índia hindu” e da “moderna Índia britânica”. Cobrindo um período que vai do século VII ao século XV, tal noção situa o período que Weber(1958) denominou de “Restauração ortodoxa do Hinduísmo”, de Shankaracharya até Chaitanya. O termo pode ser utilizada para denominar essa “Índia das seitas”, aqui considerada. O importante a ser registrado é que a “Índia medieval” culmina e termina no movimento de Chaitanya Mahaprabhu.

³ Seu exemplo cristão é São Francisco de Assis, um renunciante europeu comparável a similares orientais.

⁴ “**My sweet lord**”.

Índia. A questão colocada por esses movimentos, a ser discutida, é que, do ponto de vista de uma teoria do ritual, a noção de **espontaneidade** não faz sentido. Desde Van Gennep, Durkheim, Radcliffe-Brown, Malinowski, até Stanley Tambiah, mais recentemente, processos rituais sempre foram percebidos como a dimensão mais formal da vida social de qualquer cultura, embora caracterizados por uma intensa emotividade. Elas geram tais emoções, que jamais poderão ser devidamente interpretadas a partir de uma noção como “**espontânea**”.

Como já discutira Geertz(1985:13), no caso da teoria antropológica em particular, o objetivo final de uma pesquisa é a realização de descrições minuciosas de uma situação social, na qual os conceitos teóricos e suas generalizações são postos à prova dentro dos casos, e não através deles. Ao rever criticamente a maneira como Turner trabalhou suas considerações teóricas, a partir da Índia, tornou-se necessário rediscutir este referencial, dentro da reflexão sobre os dados obtidos durante o trabalho de campo. Este texto rediscutirá o conceito de **Estrutura/communitas**, à luz dos dados etnográficos obtidos junto a delegação de adeptos brasileiros do movimento Hare Krishna, presentes no Festival do Centenário de Srila Prabhupada, o fundador da versão ocidental deste Movimento.

Peirano(1995:50), ao discutir a importância da etnografia para a reflexão antropológica, percebe que o esforço de Turner, no seu “O Processo Ritual”, sacrifica seu próprio objetivo. Ao buscar compreender a importância da vida ritual para a humanidade, Turner toma um sem número de eventos religiosos em sua análise, comparando-os com seus exemplos *Ndembu*. A universalidade se perde no mosaico, pois a importância de um rito só é revelada na profundidade de um estudo de caso.

Tal crítica pode ser aplicada à maneira como Turner discutiu o movimento de Sankirtana de Chaitanya Mahaprabhu. Turner(1974:193) não explorou a fundo as características singulares do *Gaudya Vaisnavismo*. Ele fez uma leitura desta religiosidade dentro de um esquema geral, um tanto forçada em certos pontos, com base nas seitas *Sahajyas*. Essas seitas são a vertente *tantrica* do vaisnavismo, característica das castas baixas da Bengala e em clara oposição às hierarquias estruturais da ortodoxia vaisnava, como o Movimento Hare Krishna.

Numa de suas definições do espírito de **communitas**, Turner afirma, ao analisar o movimento *Sahajya*: “É destino de toda communitas espontânea na história sofrer aquilo que muitas pessoas consideram um “declínio e queda” na estrutura e na lei. Nos movimentos religiosos do tipo communitas não é apenas o carisma dos líderes que se “rotiniza”, mas também a “communitas” de seus primeiros discípulos e seguidores.” (1974:162)

O que irei demonstrar, a partir do Movimento Hare Krishna, é que as distinções propostas por Turner só fazem sentido, sociologicamente, do ponto de vista do indivíduo que se torna adepto. **Espontâneo/estruturado** não vem a ser uma oposição entre a fase inicial do Movimento e seus desdobramentos, mas duas dimensões simultâneas de um mesmo processo social, muito dinâmico, como o nome “Movimento”, sugere. São os adeptos, individualmente, que passam de uma situação de atração “espontânea”, para uma situação de ressocialização “estruturada”. O Movimento, como um todo, constitui-se em torno dessas passagens.

Srila Prabhupada não deixou somente o *Sankirtana* para seus discípulos, ele deixou a ISCKON, a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna, para administrar e manter seu Movimento. Esta sociedade organiza-se numa modalidade do que Turner(1974:234) considerou uma “pseudo-estrutura”, com fins bastante práticos. Impressão e distribuição de livros, abertura de templos, adoração de deidades, realização de Festivais. Tudo, de algum modo, é *sankirtana*, o rito que realiza o princípio de **communitas**, dentro de estruturas sociais a ele subordinadas. Este é o Movimento Hare Krishna que se expande mundialmente.

O Centenário de Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami revelou-se uma feliz oportunidade de pesquisa, com resultados consideráveis para este tipo de reflexão. Não estamos diante de um movimento religioso em seu início, nem passando por uma crise comprometedora de seu desenvolvimento. Ao contrário, a ISCKON comemorava seus trinta anos de fundação, nos Estados

Unidos, e seus vinte anos no Brasil, durante os anos de 1996 e 1997. O Festival do Centenário, principalmente em sua sede indiana, foi a apoteose de um vigoroso processo histórico, cujas origens estão nos Estados Unidos, na década de sessenta.

Sua estruturação definitiva, no sítio de origem do Movimento de *Sankirtana* de Chaitanya Mahaprabhu, em Mayapur, West Bengal, permite reconsiderar os conceitos de Turner, numa situação exemplar. Foi possível acompanhar a cerimônia mais importante em louvor a Srila Prabhupada, a instalação de seu memorial, denominado *Puspa samadhi* (Mausoléu das flores). Esta cerimônia, centrada em torno do *Hari Nama Sankirtana*, revelou aspectos fundamentais do significado deste ritual para o Movimento Hare Krishna. Foi possível perceber *in loco*, a necessidade dos primeiros discípulos de Srila Prabhupada, os atuais líderes do Movimento, de recriar o espírito da **communitas** original do período 1966-1977⁵, para transmiti-lo aos novos adeptos do Movimento, em diversos contextos sociais.

Tentarei demonstrar que os conceitos de Turner permanecem válidos, através da interpretação etnográfica de um movimento social que ele abordara a partir de dados de segunda mão. Meu objetivo é fornecer uma etnografia do *Hari Nama Sankirtana*, no seu lugar de nascimento, a partir de um referencial brasileiro. Passei cinco semanas na Índia, em fevereiro e março de 1996, acompanhando um grupo de cerca de sessenta adeptos brasileiros do Movimento Hare Krishna, durante os festivais do Centenário de Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami. Visitamos algumas de suas mais importantes cidades santas, *Navadwep, Jaganatha Puri, Jaipur, Delhi, Agra, Mathura, Vrndavanam, Haridwar* e *Rishikesh*, parte de um popular e tradicional circuito de lugares santos, por onde circulam, anualmente, milhões de peregrinos.

Turner defendeu a tese de que há uma: “conexão regular entre liminaridade, inferioridade estrutural, baixas posições sociais e estranheira estrutural, por um lado, e de valores humanos universais, paz, saúde, justiça, fraternidade, igualdade, formulados de maneira utópica”. (1974:163). Grosso modo, tal consideração faz sentido ao *gaudya vaisnavismo*, e é extremamente apropriada para pensar os “western vaisnavas”⁶, diante da universalização Hare Krishna, pois estes personificam, em sua evidente alteridade, a dimensão utópica do Movimento de *Sankirtana*, estando numa posição anti-estrutural frente à tradição *Gaudya vaisnava* propriamente dita. Nestes termos, o comportamento dos devotos brasileiros tem algo importante a dizer.

Diante da delicadeza, educação e atenção dos brâmanes, *swamis* e devotos indianos, a sensação dos brasileiros era de desconforto. Um incômodo sentimento de serem mais brasileiros do que gostariam. Por outro lado, a *impoliteness*⁷ brasileira ilustra o significado da universalização do *Gaudya vaisnavismo* via *Hari Nama Sankirtana*. Brasileiros podem ser purificados e espiritualizados, graças ao poder do Mantra *Hare Krishna*. Haviam *Swamis* brasileiros liderando o grupo, expressão do sucesso deste processo.

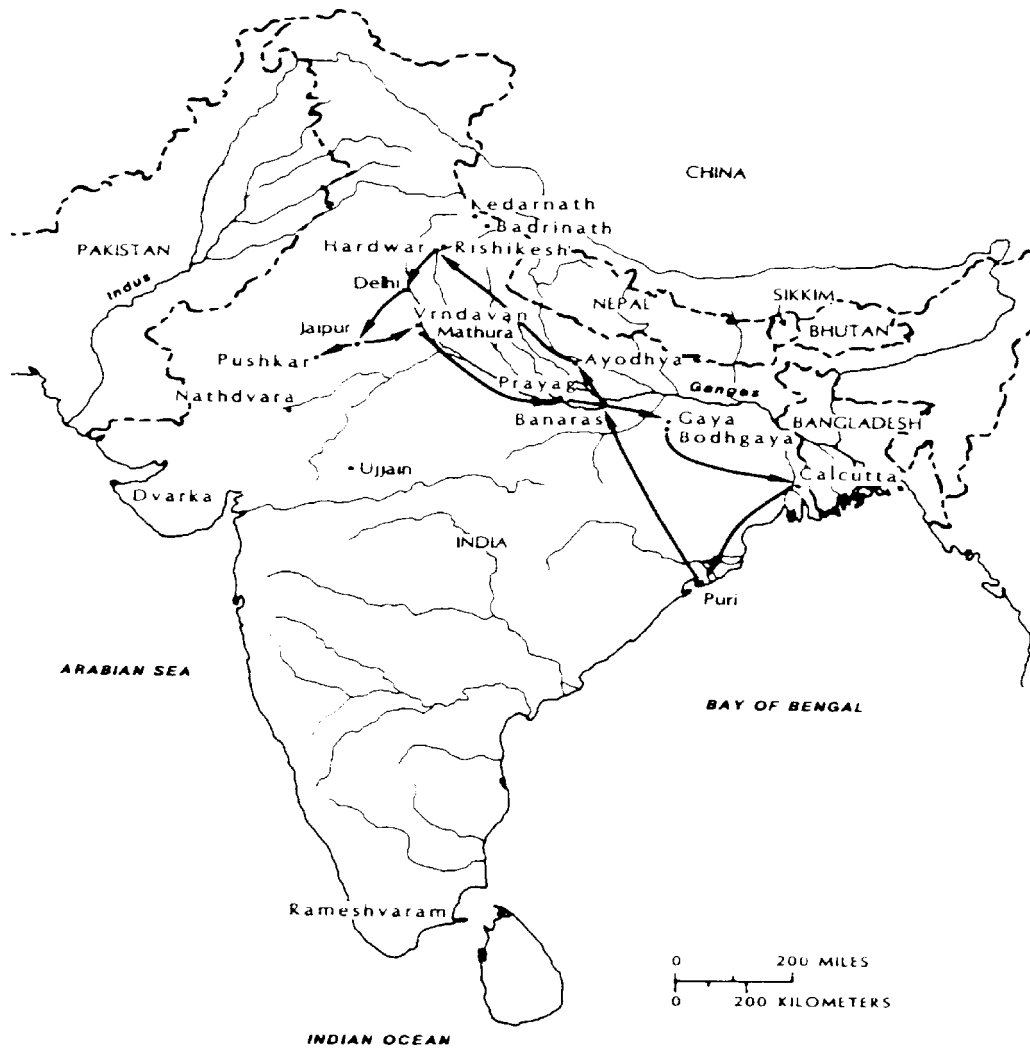
Dentro de um contexto cultural tão polarizado entre *Western* e *Eastern*, a delegação brasileira surgia como uma mistura de pessoas com aparência asiática, até mesmo indiana, e européia, sem ser uma coisa nem a outra. Os devotos brasileiros faziam referências a essas constatações, chamando atenção para a singular universalidade, que o Movimento *Hare Krishna* estabelece. Sem essa evidente inferioridade neófito, os vaisnavas indianos não poderiam realizar os valores de sua civilização. Tratar bem os inferiores, necessários à afirmação de um *status* social

⁵ 1966 foi o ano que a ISCKON foi oficialmente fundada, em Nova York. 1977, o ano da morte de Srila Prabhupada, em Vrndavanam, a cidade de Krishna e de todos os vaisnavas. Ver, a respeito, Brooks(1992).

⁶ Este termo é de Shrivatsa Goswami, em entrevista publicada por Gelberg(1983:252). Ele utiliza um conjunto de termos – Western brahman, Western Chaitanism, Western Vaisnava, ao fazer menção à ISCKON.

⁷ Este termo é de Mariza Peirano(1991:181), que, sentiu, diante da educação indiana, “um grau de *impoliteness*”, comparável aos dos peregrinos brasileiros. No Brasil, os devotos são muito educados, para os nossos padrões, que a etiqueta indiana fazia reconsiderar.

superior, realiza sua concepção de humanidade. Esta é, sem dúvida, uma das grandes lições da Índia, que Srila Prabhupada e seu Movimento de *Sankirtana*, permitem considerar⁸.



⁸ Este mapa foi copiado de GOLD A.G. *Fruitful Journeys*. (1988:266), descrevendo importantes lugares de peregrinação hindus e as rotas utilizadas. Viajamos por esta Índia, durante o Centenário de Srila Prabhupada.

ARATIK:UM PRIMEIRO RITO

Antes de chegarmos ao Festival do Centenário, porém, serão descritas cerimônias fundamentais e conhecidas do Movimento Hare Krishna fora da Índia. Não só o trabalho de campo começou com a observação desse tipo de cerimonial, como são os mais conhecidos deste Movimento no Brasil. Qualquer cerimônia de adoração chama-se *puja*, existindo diversas modalidades de *puja*, bem distintas entre si.

Com relação à adoração em altar, existe um conjunto de oferendas que são realizadas em cerimônias denominadas *Aratik*. Estas podem ser feitas de formas mais simples ou mais elaboradas, mas nunca presenciei uma cerimônia entre os Hare Krishna sem que um *Aratik* fosse realizado. Para a maioria dos peregrinos brasileiros, os ritos que acompanhavam em solo indiano faziam sentido a partir de suas experiências nos pequenos templos do Brasil, com suas formas consagradas de adoração. É possível fazer uma breve descrição dos ritos realizados regularmente nos templos do Brasil em seus programas dominicais.

O **Programa Espiritual** começa com um *Bhajam* (cântico devocional) que serve para criar uma atmosfera apropriada na sala do templo. Num altar, permanentemente separado da sala, por uma cortina fechada, residem as deidades. cantam-se músicas em sânscrito e bengali, acompanhados por um harmônio(pianola de chão), címbalos, palmas e pela *mrdanga*, um tambor de barro indiano. Os devotos e os visitantes vão se misturando ao *bhajam* a medida que chegam.

O *Aratik* começa solenemente, quando o *pujari*, o devoto que oficia o rito, soa um búzio. Os presentes se levantam, a cortina é aberta e todos se ajoelham para saudar as deidades no altar, entoando mantras com esta finalidade. Enquanto o *pujari* oferece os elementos de adoração, incenso, lamparina de *ghee*⁹, água, um lenço, flores e abanos, os devotos presentes entoam o cântico característico da cerimônia em curso. Para cada personalidade adorada existe um cântico principal. Nas cerimônias dominicais, costumam ser os de Chaitanya Mahaprabhu. Ao final deste cântico, sempre recitado por um devoto e repetido por todos que o conheçam, canta-se o mantra *Hare Krishnûi* também puxado por um devoto e repetido pelos demais, num ritmo cada vez mais entusiasmado, até que outro toque do búzio anuncia o final da adoração. Um *Aratik* leva cerca de vinte minutos, podendo se estender conforme o entusiasmo dos presentes, que alimentam o *Hari Nama Sankirtana*.

Enquanto o mantra *Hare Krishna* é cantado, o *pujari* distribui os elementos da adoração aos presentes. Ele joga a água oferecida às deidades na platéia, que se posiciona para receber as gotas de “misericórdia”, depois passa a chama e a flor da adoração. Um outro devoto pega a chama e a flor e a oferece aos presentes, obedecendo a uma ordem estabelecida. Primeiro os *swamis*, depois os brâmanes, os devotos de 1º iniciação, os não iniciados e por fim os visitantes. A seguir tais coisas são passadas a uma devota que repete o oferecimento às devotas e às visitantes. A cortina do altar é fechada. Os devotos sentam e, após terem cumprimentado novamente as deidades, de joelhos. Canta-se o mantra de *Sri Narashinha Deva*¹⁰, o protetor dos devotos. Em seguida, pode acontecer uma aula baseada nos livros de Srila Prabhupada, uma distribuição de *prasadam*¹¹, ou um evento esPrcian, como um batizado, um casamento ou uma iniciação espiritual. Nestes últimos casos, montam um arena de sacrifício de fogo, o *Agni Hotra*. Em geral, essas passagens de *status* social costumam acontecer todas numa só cerimônia.

Toda aula termina com um momento para perguntas e respostas, às vezes ocupado por animados debates, nunca muito longos. São interrompidos por distribuição de *prasadam*, ou pelo

⁹ “**Ghee**”, é a manteiga clarificada, da qual toda a água e resíduos sólidos foi eliminada. Tem uma série de usos rituais e atribuições simbólicas, na medida em que é resultado último de um processo de “purificação” do leite da vaca. (É o líquido de cor âmbar que fica no alto das garrafas de manteiga do Nordeste).

¹⁰ A encarnação metade homem(*Nara*) metade leão(*Simha*) do Senhor *Krishna*, alvo de uma adoração especial.

¹¹ *prashadam* significa literalmente “misericórdia divina”. No contexto ritual, refere-se a tudo o que foi sacralizado por ter sido oferecido no altar, durante as cerimônias, e depois distribuído aos devotos. O valor da *prashadam* está no fato de ter sido espiritualizada, pelo rito. Comumente, porém, *prashadam* significa “refeição”, pois todo alimento é consagrado.

cantar sistemático do *mantra Hare Krishna* no rosário de contas, a *japa-mala*, ou por um novo *bhajan*. Nos programas voltados para o público externo, como nas cerimônias dominicais, o rito termina com a distribuição de *prasadam*. Há sempre uma equipe de devotos encarregado de prepará-la e servi-la. O cardápio costuma ser o definido por Srila Prabhupada, nos seus primeiros dias na América, composto de suco, arroz, pratos vegetarianos e doces indianos.

Há uma expectativa de que, a presença nesses festivais leve os visitantes regulares, a medida que forem sendo purificados ritualmente, a se tornarem os novos devotos. Por isso, a distribuição de *prasadam* é muito valorizada, assim como as aulas. Mesmo que não cantem e dançam, os visitantes ouvem e comem, purificando seus sentidos. Tais ritos tem um importante componente de transformação simbólica de elementos naturais, que são “espiritualizados”. Todo simbolismo relaciona verticalmente os símbolos e as coisas simbolizadas, e no caso hindu, em particular, este tipo de relação hierarquiza os diferentes níveis da realidade e de modos de ser ao plano divino¹².

Ao descrever os *Hare Krishna*, em seu templo do Rio de Janeiro, por exemplo, Ana Cristina de Abreu observou a importância do *Aratik*:“(…) Na cerimônia de adoração a Krishna(*aratik*) esses traços são reforçados através da dança e dos cânticos, canais privilegiados de liberação das energias e purificação do corpo. A *prasada* é especialmente apreciada por ser considerada uma alimentação que contribui para purificar o corpo, e, por conseguinte, aproximar o devoto do patamar transcendental. Um visitante chegou a resumir o *aratik* como “uma experiência maravilhosa, um êxtase! “Me sinto inteiramente livre de todas as ansiedades, me transporto para uma esfera superior!” (1990:204)”.

Para uma análise desta descrição, uma discussão a respeito da importância social dos ritos torna-se necessária. Peirano(1995:59), estabelece críticas ao uso que Turner fez do esquema tripartite de Van Gennep, baseada em Tambiah¹³. Turner analisou três níveis fundamentais dos ritos dos *Ndembu*, em particular. O exegético, o operacional e o posicional, mas evitou discutir a existência de um sistema simbólico que suas detalhadas descrições expõem. Turner enfatizara somente o caráter polissêmico dos ritos e de seus símbolos.

Peirano, reanalisando o material *Ndembu*, distingue duas modalidades rituais principais, os ritos de aflição, ou de cura e os ritos de iniciação à vida adulta. Ela percebe que, os primeiros, ao contrário dos segundos, não obedecem ao sistema de Van Gennep, pois ao invés de se operar com um rito de três fases, os *Ndembu* curam dentro de um mesmo complexo ritual, cujo objetivo é apaziguar espíritos ancestrais. São para estes espíritos, e não aos pacientes de fato, que o rito é realizado. Tomado como sujeito, o espírito “passa”, de uma condição ameaçadora para uma benéfica.

Srila Prabhupada Bhaktivedanta está no altar, adorado com seus antecessores, junto às deidades. Estas, como os ancestrais *Ndembu*, são os sujeitos do rito. O *Aratik* é feito para a satisfação delas. O esquema de VanGennep faz sentido quando percebido nestes termos. O *Bhajan* inicial assinala uma fase caracteristicamente pré-liminar. Alguns devotos começam a tocar músicas devocionais, sentados em frente ao altar, em torno de um harmônio, instrumento que produz um som muito melodioso. O objetivo do *bhajan*, segundo eles informam, é criar uma atmosfera espiritual para receber os visitantes e avisar aos demais devotos que o ritual vai começar. O búzio, cujo toque assinala o início formal da cerimônia, é entoado avisando que a cortina, que separa as deidades dos adoradores, será aberta. Este momento é muito especial, pois somente aqui o mundo espiritual, corporificado nas deidades, manifesta-se plenamente para os presentes.

¹² Ver, a respeito Saran(1962:68), Tambiah(1985:128) e a discussão de Peirano(1991:163) sobre a influência hindu na sociologia indiana.

¹³ Tambiah(1997:201) entende que o esquema tripartite de Van Gennep, conforme discutido por Victor Turner, é insuficiente para uma compreensão plena da dinâmica dos processos rituais e das interrelações que os constituem. Existem uma série de eixos que perpassam os processos rituais, sendo que o esquema de Van Gennep(separação-liminariedade-reagregação) é apenas um deles.

O objetivo da cerimônia é a expressão da devoção amorosa dos presentes, para a satisfação da deidade adorada. Exceto nos templos muito imponentes, as deidades da ISKCON costumam ser de Chaitanya Mahaprabhu ou de Sri Jaganatha¹⁴, cuja adoração é considerada mais simples e mais adequada para os neófitos. Além dessas deidades, todo altar tem quadros da sucessão discipular da ISKCON, os *Swamis* antecessores à Srila Prabhupada Bhaktivedanta. A atenção de todos deve estar voltada para as deidades no altar. Virar as costas para elas é considerado falta de educação, e quem o fizer é imediatamente corrigido.

O altar está sempre decorado para a cerimônia, seja ela qual for. Este momento é liminar na medida em que é um momento de comunhão, entre os seres humanos e os seres divinizados. Enquanto o *aratik* desenrola-se, no altar, os devotos, à sua frente, devem estar cantando e dançando, realizando um *hari nama sankirtana*. Aqui se instaura o espírito de *communitas* que lhe é característico, com muito entusiasmo, principalmente depois que o *pujari* faz circular os elementos de adoração na platéia. Os visitantes são convidados a cantar, dançar, manifestar respeito pelas deidades. Quando isso realmente acontece, o *Hari Nama* cresce e se estende, o que é considerado sinal de que as deidades, ao invés dos devotos, estão particularmente satisfeitas com a adoração. É o espírito de *Chaitanya Mahaprabhu* que se manifesta ali. Ele encarna no evento, quando esse, inesperadamente, atinge seu objetivo.

A noção de dimensão **anti-estrutural** faz muito sentido aqui. Turner definiu *communitas* pelo efeito de simplificação da estrutura social, “acompanhada de uma rica proliferação de estrutura ideológica, sob a forma de mitos e de *sacra*, na acepção de Levi-Strauss.”(1974:162) É o que acontece nestes ritos Hare Krishna. Quando não há mais distinções sociais reconhecíveis, no rito, Krishna encarna, na manifestação da potência de Seu Santo Nome. Naquele momento não se percebe a estrutura social envolvente. É um efeito especial, um estado de espírito, como os devotos mesmo ressaltam.

Nestes casos, é possível falar num momento de **communitas espontânea**, simultaneamente inesperado, do ponto de vista dos visitantes, e avidamente esperado, pelos devotos propriamente ditos. Ocorre uma integração entre os devotos e os visitantes. O êxtase indicaria que os primeiros tiveram sucesso em transmitir os ideais expressos pelo *Hari Nama Sankirtana* aos segundos, como Srila Prabhupada o fizera antes. A posição do *Swami* encontra-se ocupada pelos atuais devotos. A posição dos primeiros adeptos, pela dos atuais visitantes. Estes últimos, quando “purificados”, poderão tornar-se os futuros devotos. Percebido dentro deste rito, a idéia de **espontâneo** seria a expressão de um dos pólos de uma relação estabelecida ritualmente.

Na fase pré-liminar deste tipo de rito, existem dois grupos muito distintos, os devotos, que realizam a cerimônia, e os visitantes, que a assistem. O momento liminar, instaurado pela adoração, tem como efeito a possibilidade de **misturar os conjuntos, diante do altar**. O objetivo deste ritual padrão gira em torno da possibilidade da conversão de novos adeptos, e na atualização da devoção dos já convertidos¹⁵. Ao longo do programa, ambos vão sendo ritualmente combinados, com os visitantes entrando progressivamente em contato com a “misericórdia de Krsna”, manifestada na presença das deidades, nas estampas que adornam o Templo, nos mantras e nos versos das escrituras, em tudo que lhes é oferecido, como a água, a flor, o fogo e o alimento, e nos presentes reunidos pela e para a adoração.

Quando o *aratik* termina, cerca de vinte minutos depois, o búzio é novamente tocado e a cortina é fechada. Após este momento, o calor do rito dá lugar a uma atmosfera de solenidade, sem a espontaneidade do *kirtana*, ou a informalidade do *bhajan*. Em relação às deidades no altar, é

¹⁴ Chaitanya Mahaprabhu é adorado de duas maneiras distintas; na companhia de Nityananda, seu discípulo mais íntimo, ou no *pancha tatwa*, junto com mais três discípulos. *Jaganatha*, o “Senhor do Universo”, é o próprio Krishna, adorado junto à *Baladeva* e *Subhadra*, seu irmão e irmã, respectivamente. Chaitanya Mahaprabhu viveu a segunda metade de sua vida junto ao Sr. Jaganatha, em seu templo na cidade de Puri, Orissa.

¹⁵ Como Guerriero(1989: 38) constatou no templo de Nova Gokula, Pindamonhangaba, São Paulo, a sede sul americana dos Hare Krishna. A atualização do êxtase devocional é diária, permanente e compulsória. Este *ethos* devocional necessita revitalizar-se, dialeticamente, dentro da “espontaneidade” que sua rotinização propõe.

uma fase pós-liminar, centrado nas relações que os devotos e os visitantes estabelecerão entre si. Neste momento, a expectativa da progressiva socialização dos estranhos sintetiza a atividade missionária, dos adeptos de Srila Prabhupada. É para isso estes festivais são realizados, eles são a principal porta de entrada do Movimento Hare Krishna, seu cartão de visitas.¹⁶ Ao final, espera-se que haja apenas um grupo de pessoas, todos “*krishnaizados*” (a expressão é de Srila Prabhupada), diante do altar. Todos estão, agora, iguais pela adoração à Pessoa Suprema, na posição de almas espirituais.

Os dois principais pólos simbólicos do culto são atualizados, *Bhagavam/Bhakta*(a pessoa suprema/devoto) e *Paramatman/Jivatman*(A super alma/ a alma individual), através do rito, que celebra a relação *guru/chela*(mestre:discípulo). Os termos das três séries são correspondentes. O guru, no caso Srila Prabhupada, é o representante de Krishna¹⁷, mediador privilegiado entre o plano divino e o plano humano. A adoração, que os adeptos oferecem à Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami, é a expressão ritual da eficácia do mestre espiritual em mediar o plano espiritual e o plano material. Ele transita do segundo plano para o primeiro, no qual os indivíduos, ao tornarem-se discípulos-devotos, buscam realizar a alma espiritual. A idéia da “satisfação das deidades” articula-se aqui. Quando o primeiro termo está satisfeito, pelo ritual, o segundo estará satisfeito também, pela prática do rito. Este é o eixo das cerimônias Hare Krishna.

Com relação à posição dos adoradores, frente às formas adoradas de Krishna e seus *Swamis*, esses são vistos como pessoas que estão passando por um processo de **purificação**, de cura. Comparável aos *Ndembu*, há uma noção de aflição presente, que deve ser superada através da satisfação da alma individual, que busca conexão com Deus, a Super Alma. Por isso, o rito satisfaz a deidade, não o aflito. Esta, satisfeita, irá aliviar o indivíduo, em seu íntimo.

Quem se familiarizar com o pensamento de Srila Prabhupada, irá perceber como a noção de **pureza do conhecimento espiritual** está oposta a uma noção de **contaminação pela ignorância material**. Tornar-se um devoto, seguindo suas instruções, tem por objetivo efetuar esta passagem, que resume sua versão do que venha a ser tornar-se um *Yogi*. Esta visão de mundo supõe que toda indivíduo padece de uma espécie de aflição fundamental, a necessidade de contactar-se com o plano divino, processo este que é representado enquanto uma cura espiritual.

Este processo mediador continua, apresentando uma dinâmica estruturante, na medida que mais e mais simpatizantes vão passando da espontaneidade dos primeiros *sankirtanas*, de rua, para uma relação simbólica com o universo representado no altar, os *Swamis* e as deidades, dentro dos templos. A aceitação do processo purificador regular, se faz, formalmente, pelo cantar do mantra Hare Krishna. A primeira iniciação, particularmente, é o rito¹⁸ no qual o neófito formaliza o compromisso com o cantar de dezesseis voltas diárias da *mala*, o rosário de 108 contas, diante de um representante de Prabhupada. Este será o seu mestre espiritual, lhe dará um novo nome, “espiritual”, re-identificando-o, dentro do Movimento de Sankirtana. Servir ao mestre espiritual é o fundamento da devoção, e em torno desse sentimento, estão configurados os valores mais caros do Vaisnavismo.

O *Hari Nama Sankirtana* é somente uma das modalidades de cantar o mantra Hare Krishna. O processo completo, *Sravanam Kirtana*, ouvir e cantar, é realizado no *sankirtana* e na *japa*

¹⁶ Somente após o ritual propriamente dito acabar, é que um clima de informalidade, caracterizado por “bate-papos”, tem lugar. Só há um retorno às condições originais, devotos de um lado e visitantes de outro, quando tudo realmente termina, os devotos vão dormir e os visitantes vão embora.

¹⁷ Simultaneamente a Pessoa Suprema, situada no mundo espiritual, e a Super alma, presente no coração de cada ser vivo. O mestre espiritual sintetiza o vínculo entre os dois planos.

¹⁸ Hubert e Mauss(1999:152) fizeram referências a “**sacrifícios sacramentários...que acompanham os momentos solenes da vida**”. O *Hari Nama sankirtana* não se encaixa nesse tipo de rito, os *sanskaras*. Significativamente, a iniciação formal ao Movimento é um *sanskara*, uma entrada noutra dimensão desta religiosidade. Embora discutindo um material indiano, o artigo de Mauss só será utilizado na interpretação de outros materiais etnográficos, nos quais aqueles ritos de passagem são mais importantes.

mala(canto regular no rosário). Quem canta, o faz para ouvir o canto¹⁹. *Sankirtana* é o cantar congregacional, em público, significando glorificação. Qualquer pessoa é apta a participar e sendo assim, pode ser convidada a juntar-se a este cantar. *Sankirtana* é um rito evangelizador, por excelência.

É importante perceber os diversos planos da dialética entre a vida comunitária e a devoção individual, presentes na distinção *Sankirtana/Japa mala*. O primeiro é uma prática coletiva, a segunda, individual. *Sankirtana* pode ser feito por todos, sem nenhuma formalidade, enquanto *Japa mala* indica o cumprimento de uma disciplina espiritual, conforme as instruções de um *guru* de alguma seita. É uma prática individual dentro da relação social mestre:discípulo. Uma não é anti-estrutural em relação a outra, mas o devoto se realiza através das duas, que nunca se confundem. *Japa mala* está relacionada com a adoração no altar, seja este doméstico ou de templo. Deve ser realizada, sempre que possível, diante do altar.

O Movimento Hare Krishna foi estabelecido dentro dessas duas dimensões dialéticas a serem consideradas, a do *Sankirtana*²⁰ e a do Templo. A dimensão do *sankirtana* enfatiza o serviço devocional que os discípulos oferecem aos seus mestres espirituais, é a expressão desse sentimento, que os purifica, os realiza enquanto devotos. A dimensão do templo enfatiza as deidades e os mestres espirituais, enquanto aqueles que devem ser satisfeitos pela adoração.

Segundo um manual de adoração, sem a adoração vaisnava, a pregação vaisnava não faz sentido, pois: "Estas duas linhas chamam-se *Pancaratrika-vidhi e Bhagavat-vidhi*. A *Bhagavat-vidhi* é o trabalho de pregação em si, o *sankirtana*, e a *Pancaratrika-vidhi* é a adoração das Deidades no templo e no lar. A adoração no templo nos manterá santificados, e quando pregarmos com o coração puro e santificado desta maneira, tal pregação surtirá efeito imediatamente."²¹

Segundo a apostila "A ciência do kirtana", *Bhagavat-vidhi* relaciona-se com a "1ª iniciação", quando o adepto recebe oficialmente o mantra Hare Krishna e a *mala* (rosário de contas), além do nome espiritual, capacitando-se para aprender a manipular os símbolos vaisnavas. *Pancaratrika-vidhi*, por sua vez, realiza-se na "2ª iniciação", quando o adepto torna-se um brâmane vaisnava, recebe o mantra secreto da seita, podendo adorar as deidades instaladas nos templos. Após este momento, o adepto tornou-se realmente um devoto, re-estruturando sua vida diante dos valores vaisnavas.

¹⁹ Alguns devotos chegam a tapar o ouvido esquerdo, com a mão esquerda, enquanto fazem correr as contas do rosário pelos dedos da mão direita, para se concentrarem mais.

²⁰ Movimento Hare Krishna foi um termo criado por não adeptos, é um termo "de fora". O nome original utilizado por Srila Prabhupada, "*Sankirtana Yatra*", é significativo. *Yatra* relaciona-se ao movimento anti-estrutural dos santos auto realizados, as peregrinações, *Pada yatra* (caminhar a pé) e as procissões, *Ratha Yatra*(o desfile dos carros), como a famosa cerimônia de *Sri Jagannatha*, em Puri. *Yatra* significa movimento de purificação.

²¹ APOSTILA DE ADORAÇÃO, apresentada por *Paravyoma Das*, no Primeiro Encontro de Filosofia Vaishnava e Bhakti Yoga, no ASHRAM VRAJABHUJI 94.

ESCALA EM ZURICH

Ao reconsiderar seus conceitos, num estudo voltado para o fenômeno das peregrinações, Turner(1975) manteve a distinção entre *communitas espontânea, normativa e ideológica*, discutidas no “Processo Ritual”, caracterizando as peregrinações como um caso de *communitas normativa*. Ele percebe que estas tem características de ritos de passagem (para os peregrinos, evidentemente), com espaços e momentos de separação, liminariedade e reagregação. Turner realizou uma importância retomada do referencial hindu, discutindo o papel das seitas indianas frente ao sistema de castas. Percebeu que os protestos contraculturais podiam ser comparados àquelas, assim como as soluções alternativas que as comunidades do Ocidente estabelecem. Noções ocidentais e orientais convergem em metáforas sincréticas de uma vida social aperfeiçoada. Turner adota o seguinte plano de comparação: “But in the West the tempo is much more rapid under conditions of large-scale industrialism and urbanism and multiple communications media, and the tempos of change in East and West might be compared with the differential effects of sun and incubator. But the processual form is similar, though the transformations are speedier and more blurred.” (1975:277).

Tal perspectiva permite equacionar características importantes do Movimento de Srila Prabhupada e das celebrações de seu Centenário. A missão espiritual desses *Swamis*²² no Ocidente, pregar, fazer discípulos, criar comunidades alternativas, adquire o valor de uma liminariedade intensificada. Podem ser interpretadas como consistindo num rito que ganha proporções epopéicas, na qual a realização espiritual do *swami* gera uma nova sociabilidade.

Srila Prabhupada e seus adeptos, entre outros, estiveram sempre situados entre dois sistemas sociais, circulando entre uma Índia independente, que se ocidentalizava progressivamente e um Estados Unidos que relativizava seu protestantismo, junto às seitas hindus e budistas. Seja no Ocidente ou no Oriente, seitas de pequeno porte têm uma influência social muito maior que suas reais dimensões. Esta característica serve para situar as seitas orientalistas e seu significado dentro dos movimentos alternativos do Ocidente. Estamos tratando de um trânsito, entre as “seitas protestantes e o espírito do capitalismo” norte americano, e as seitas hindus e o espírito da Índia contemporânea.

Turner(1975:286), irá discutir como processos de **estrutura, anti-estrutura, contra-estrutura**²³ e **reestruturação** coexistem e modificam-se num mesmo campo ritual. Suas influências estão expressas em metáforas, através das propriedades de reversibilidade desse campo, característico das seitas indianas. Turner conclui que sociedades complexas, como a indiana, possuem uma multiplicidade de subsistemas estruturais, que formam um campo propício para o crescimento de **contra estruturas**, pelos quais indivíduos passam pelos subsistemas.

Turner discute, em especial, um exemplo indiano, a comunidade *Lingayat*, modalidade de *Bhakti yoga* característica do sul da Índia. Tal movimento começa como um movimento de oprimidos, não de castas baixas contra castas altas, mas de iletrados contra letrados. Um protesto simbólico em nome da experiência religiosa direta, original e individual, contra as hierarquias templárias e seu ritualismo. Semelhante à Bengala de Chaitanya Mahaprabhu, tivemos a produção de traduções da literatura sânscrita para o *karnak*, a língua de Mysore, produzindo as primeiras expressões regionais distintas, inclusive com santos originados de todas as castas.

No lugar da antiga hierarquia por nascimento, o movimento propunha uma hierarquia mística por experiência, uma hierarquia fundada na experiência da auto-realização espiritual. No campo propriamente simbólico, a trindade fundamental dos *virasaivas* é composta por *guru, linga* e

²² O exemplo de *Osho* e sua comunidade norte americana de Rajneeshpuram também é significativo. Ver Lyra(1987), Amaral(1994), entre outros.

²³ Turner discute que anti-estrutura não significa oposição, à estrutura social. Como os casos indianos mostram, o igualitarismo das seitas complementa a hierarquização das castas. Mas existem situações **contra-estruturais**, que estabelecem passagens entre planos estruturais.

jangama, o mestre espiritual, o emblema simbólico de Shiva e o santo renunciante, considerado o representante vivo da *linga* do templo. Esta relação é expressa em termos de uma oposição, pois o movimento característico dos *jangama* ambulantes opõe-se a evidente fixidez da *linga do templo*, *sthavara*.

Turner(1975:291) propõe que a distinção entre as características de *sthavara* e *jangama* pode ser interpretada em termos de **estrutura:anti-estrutura**. Ao primeiro termo corresponde, em primeiro lugar, o templo e tudo o que ele representa, o Estado, a propriedade, as posições de status. O segundo, ao contrário, é um indivíduo místico em constante movimento, um homem santo, auto-realizado, em permanente liminarietàade, de aldeia em aldeia. Ambos são aproximados, tornam-se um só, nos seguintes termos: ao templo da *linga* corresponde o corpo do renunciante. O primeiro termo é fixo, os devotos vão ao templo. O segundo termo está em movimento, o *jangama* vai até os devotos. As passagens entre esses dois planos são estabelecidas ritualmente.

Nesta retomada do tema, Turner fornece um horizonte de comparação mais adequado à oposição **normativo:espontâneo**, que é preciso considerar. No caso do Festival do Centenário de Srila Prabhupada encontraremos, não só pessoas santas e seus discípulos circulando por templos e lugares santos, mas uma série de inversões simbólicas estabelecidas ritualmente. Templos e suas deidades também podem circular, junto com os adeptos. Um “devoto puro”, como Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami, pôde ser entronizado em seu memorial, tornado-se um ser divinizado. Uma imagem de seu corpo ocupa um lugar central no seu templo, enquanto o “corpo” de seus seguidores mantém vivo o seu espírito. A peregrinação dos adeptos do mundo inteiro, ao Festival indiano, permite discutir tais dimensões dentro desta religiosidade.

As próximas sessões deste texto irão demonstrar como a inevitável normatização do Movimento de Sankirtana de Srila Prabhupada procura, deliberadamente, manter vivo o espírito do entusiasmo espontâneo personificado por Chaitanya Mahaprabhu, estabelecendo uma dialética entre todos estes termos.

A cerimônia descrita a seguir aconteceu na recepção que os Hare Krishna de Zurich ofereceram para a comitiva de devotos brasileiros, na escala em sua viagem para o Festival do Centenário. Saímos de São Paulo no dia 16 de fevereiro de 1996, chegando em Zurich na manhã seguinte. Os devotos suíços nos buscaram no Aeroporto e promoveram uma empolgante recepção em seu templo, para o grupo de 60 peregrinos. Os brasileiro deixaram suas bagagens de mão, e seus calçados, na entrada do templo, como é de praxe. Depois, todos foram convidados a entrar no salão do altar, para a cerimônia matinal, idêntica a descrita anteriormente. Quando o altar foi aberto, às 07:30, brasileiros e suíços, de diversas origens, cantaram juntos:

“Govindam ādi-purusam tam aham bhajāmi, renum kvanantam aravinda-dalāyatāksam barhāvatamsam asitāmbuda-sundarāngam, kandarpa-koti-kaminyā-visesa-sobham, Govindam ādi-purusam tam aham bhajāmi.”²⁴

Em seguida, todos dançaram, pularam e suaram entre a deidade local de Sri Jagannatha, devidamente instalada no altar, e a figura de Srila Prabhupada, disposta no canto oposto, num empolgante *kirtana*, ocupando todo o salão, enquanto o *aratik* era realizado. Fazia muito frio, mas o *Hari Nama* foi realmente caloroso, obrigando os devotos a rapidamente retirarem seus casacos e luvas. Todos conheciam a linguagem ritual vaisnava, sabiam cantar os *mantras* e sentiam-se unidos por aquela celebração matinal, denominada “*Govinda*”. Ela significa que as deidades vão começar seu dia e, por isso, devem receber a adoração de seus devotos.

²⁴ “Adoro Govinda, o Senhor primordial, que é perito em tocar Sua flauta, que tem olhos exuberantes como pétalas de lótus e a cabeça ornada com uma pluma de pavão. Sua bela forma apresenta o matiz de nuvens azuladas, e Seu encanto incomparável cativa milhões de cupidos”. O *mantra* completo dessa adoração foi retirado dos versos 30 e 32 do *Sri Brahma-Samhita*, uma oração atribuída ao Sr. Brahma, o criador do mundo, encontrada por Sri Chaitanya Mahaprabhu num templo do sul da Índia.

A espontaneidade marcava aquele momento, transcendendo os limites do formalismo próprio ao ritual matinal. Estávamos num momento da entrada no espírito do Centenário, por parte dos devotos brasileiros. O grupo de peregrinos adorava Srila Prabhupada pela primeira vez, enquanto os representantes brasileiros presentes naquele evento internacional. À caminho do Festival na Índia, estavam manifestando o espírito que o Festival do Centenário buscava atualizar. Srila Prabhupada, o guru do mundo moderno, trouxe-lhes o mantra *Hare Krishna*, que pode ser cantado no mundo todo, por qualquer indivíduo que desejar purificar-se através dele.

A seguir *Iswara Swami*, líder da delegação brasileira, foi convidado, pela direção do templo, a ministrar a aula matinal. Esta parte do programa segue um padrão bem formal. Toda aula gira em torno de um verso específico de alguma obra traduzida e comentada por Srila Prabhupada, principalmente o *Bhagavad Gita*. Antes de recitar o verso, o devoto entoava uma série de mantras em homenagem a todos os mestres espirituais da linha de sucessão discipular *gaudya vaisnava*, assim como aos lugares santos da Índia. O devoto lê o verso em sânscrito, palavra por palavra, que é depois repetido pelos presentes, em grupo e individualmente. Depois, lê a tradução do verso e os comentários de Srila Prabhupada, acrescentando ao final um comentário pessoal a respeito do mesmo. São nestes comentários que os adeptos conferem suas atitudes junto ao plano das escrituras, estabelecendo as permutações necessárias à compreensão eventual dos principais conceitos da vida espiritual, expressos naqueles significados.

O tema da aula de *Iswara Swami* foi o poder divino. Tomemos um trecho:

“Hoje é o dia de Shiva.²⁵ Shiva é o maior vaisnava, o protetor da terra sagrada de Vrndavanam e o protetor dos devotos. O que todos nós buscamos, no final das contas, é a proteção do poder divino. Todos estamos buscando isso de várias maneiras. Há muitas formas de se conseguir isto e as pessoas devem ser cuidadosas com o caminho que seguem. Mesmo Hare Krishna pode conduzir uma pessoa ao inferno, se ela se relaciona com o Maha mantra de forma desrespeitosa. Mas o ponto chave é o poder de Deus. O Maha Mantra tem poder. A misericórdia divina é para todos. A proteção de Deus é para todos. Isso é sério. Chaitanya Mahaprabhu pregou isto. Krishna afirma isto no Bhagavad Gita. Nós temos a tendência de nos vermos mais próximos ou protegidos por Deus, mas suas bênçãos são para todos. Os devotos de Krishna costumam dizer: Nós, os *bhaktas*, eles, os *karmis*. É um sentimento de “eleição divina”, de que somos um tipo especial, mas o fato é que a proteção divina é para todos.”

Estas considerações deram origem a uma série de conversas, com os presentes refletindo a respeito do que vem a ser um devoto *Hare Krishna*, dentro do panorama religioso mundial. Existe um código de conduta que prescreve como ser um devoto, que todos demonstravam conhecer de alguma maneira, mas a pregação de *Iswara Swami* tocava em outro plano, na atitude dos devotos diante do mundo, nas suas realizações de fato. Sobre isso conversaram, naquele momento.

Tambiah(1985:123), discute que, se ritos são performances estereotipadas, existe um limite para essa dimensão. A cada cerimônia realizada, uma performance muito específica é realmente encenada. Existem diversos graus de formalização de eventos, com significados próprios, em qualquer sociedade. Enquanto construções culturais de comunicação simbólica, os rituais possuem diversos níveis de convencionalismo, limitados pela especificidade de cada encenação. Esta tensão, entre a realização de um rito, seguindo um padrão estruturado, que nunca é realmente repetido da mesma maneira, aparece tanto na espontaneidade dos *kirtanas*, quanto nos comentários das aulas dos programas da ISCKON. Eles nunca são os mesmos, embora obedeçam sempre ao mesmo molde.

No caso de Zurich, tudo era muito semelhante aos templos *Hare Krishna* do Brasil, dentro de suas dimensões suíças. O templo, como um todo, é muito bem equipado, principalmente a

²⁵ Shiva é um dos deuses da *trimurti* (as três formas do Divino), sendo tão importante e popular quanto Krishna e suas encarnações. Sua posição, para os Hare Krishna, é tremendamente ambígua, pois ele é reconhecido mas não é adorado. A noite que antecede a lua nova lhe é consagrada, em especial a que cair entre o mês de fevereiro e março. (É a mesma data do Carnaval).

cozinha, na qual foi preparada uma saborosa *prasadam*, em estilo suíço. Eles possuíam duas “Vans”, adaptadas especialmente para a distribuição de livros através das cidades européias, com as quais nos buscaram e nos levaram ao aeroporto. Havia equipamento de tradução simultânea, com o qual traduziram, para o alemão, a palestra proferida por Iswara *Swami*. O tradutor foi um de seus discípulos, filho de um alemão com uma brasileira.

O Movimento Hare Krishna, na Suíça, é muito bem sucedido e conhecido. Uma parcela considerável da população adquire os livros de Srila Prabhupada, principalmente o *Bhagavad-Gita*, e também a grande coleção do *Srimad Bhagavatam*. Os livros são lidos, enquanto cultura religiosa universal, mas as conversões são poucas. Os suíços continuam apegados à comer carne e a beber álcool. Os leitores suíços do *Bhagavad-Gita* têm atitudes singulares frente à literatura vaisnava, distante das expectativas dos devotos propriamente ditos. Iswara *Swami* foi tocando nestes pontos, contando a história do templo de Zurich para os brasileiros.

O “**Hare Krishna Tempel**”, em Zurich, está situado num casarão de dois andares, possuindo a maior biblioteca do Movimento Hare Krishna em todo o mundo. Todas as publicações do Movimento estão lá. Aquele templo é o responsável, proporcionalmente, pela maior distribuição de livros de Srila Prabhupada em escala mundial. Alguns campeões mundiais de distribuição de livros vivem ou passaram por lá. Viviam ali cerca de duas dúzias de devotos residentes. Alguns já haviam partido para a Índia.

Srila Prabhupada viveu naquele templo, e seu escritório, situado no segundo andar, mantém-se como em sua época. Ele é adorado, na forma de uma deidade que permanece sentada em sua mesa, traduzindo os livros vaisnavas, e cercado por estantes repletas de seus livros. O térreo e este andar, onde estão o salão do templo, a recepção e todos os livros da ISCKON, parecem um museu. Srila Prabhupada afirmou, várias vezes, que “viveria eternamente em seus livros”. O templo de Zurich fornece uma visão desta perenidade, deste transcender o tempo material, da sua evidente realização espiritual. É possível consultar os livros, as revistas, e tudo o mais que já foi impresso pelas seis **Bhaktivedanta Book Trust** existentes no mundo, no salão de leitura, localizado ao lado do salão do templo.

Uma das características mais importantes do Movimento Hare Krishna é que ele é um movimento literário. Quando estamos falando de uma cultura espiritual sendo trazida da Índia para o Ocidente, temos que ter em mente que o trabalho principal de Srila Prabhupada sempre foi a transliteração da literatura vaisnava, sua publicação e sua divulgação, através de seus discípulos. Ele os instruiu pessoalmente para isso. Mesmo que nem todos os devotos a conheçam inteiramente, seu conteúdo circula por todo o meio de influência dos adeptos do Movimento.

Há uma descontinuidade fundamental entre Srila Prabhupada, um indiano, e seus adeptos no Ocidente. Não são os mitos *vaisnavas*, em “si mesmo”, que constroem uma visão de mundo alternativa para jovens desiludidos com a modernidade ocidental. Foram as narrativas *vaisnavas* de Srila Prabhupada, produzidas num diálogo com este público, que construíram uma visão de mundo “alternativa”. Nestes termos, mesmo a literatura tem que ser vista dentro de suas dimensões rituais, ou seja, nas relações em que foi produzida e é narrada.

O responsável pela organização do Festival indiano, *Lokanath Swami*, assim descreveu as preocupações atuais da **Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna**, trinta anos depois da sua fundação:

“Quando começamos a estabelecer as metas para o centenário de Srila Prabhupada, pensávamos que as celebrações pudessem ser vistas como uma campanha para eleger Srila Prabhupada como o mestre espiritual do mundo moderno. Assim como uma campanha política ajuda a crescer um partido e seus líderes, a campanha pelo Centenário iria apresentar a hierarquia filosófica do Senhor Sri Krishna, a suprema personalidade de Deus, de Sri Chaitanya Mahaprabhu, seu *avatara* para a era, e de Srila Prabhupada, o mestre espiritual que pavimentou a estrada espiritual para o mundo moderno. Queríamos colocar na cabeça de todos que foi Srila Prabhupada

quem mostrou o manifesto para a era dourada através de seus livros e construiu uma casa onde o mundo todo poderia viver em paz.”²⁶(1996:15)

Em 1996, o Centenário evidenciava o desenvolvimento que o Movimento atravessara durante este período. O objetivo dos Festivais do Centenário, para aqueles discípulos que o organizavam, era provar que Srila Prabhupada estava vivo, encarnado em seu Movimento, agora sob a direção deles. Esses novos *Swamis* precisavam provar sua capacidade de manter o espírito do *Hari Nama Sankirtana* dentro da crescente organização da ISCKON, e expandi-lo em determinadas direções.

Os *Swamis* da ISCKON são os mais proeminentes agentes de transmissão dos valores vaishnavas, no trânsito entre as fontes indianas e as missões no Ocidente, notadamente os discípulos de Srila Prabhupada. A viagem ao Festival do Centenário foi organizada por *Iswara Swami*, o diretor da editora brasileira, a **Bhaktivedanta Book Trust** de São Paulo. Ele organizou a excursão, contatando uma agência de viagens, em troca da sua passagem. Cuidava dos principais passos da viagem, graças a um pequeno grupo de auxiliares que executava suas instruções.

Iswara Swami foi a pessoa mais importante de toda a viagem à Índia. Era o representante de Srila Prabhupada diante dos demais, portanto, o mediador privilegiado nas relações entre os adeptos brasileiros e o universo social vaishnava. Sua primeira iniciação espiritual aconteceu quando Srila Prabhupada ainda estava vivo, na primeira cerimônia realizada na cidade de São Paulo, no início de 1976²⁷. Recebeu *Sannyasa* de Hrinayananda Goswami, o fundador do Movimento no Brasil, em 1982, no Rio de Janeiro, junto com outros dois devotos, *Parangatit Swami*, também brasileiro e *Guruprasada Swami*, norte americano com atividades missionárias na América do Sul. Foram os primeiros a tomarem tal iniciação no Brasil.

Na época, o Movimento Hare Krishna passara pela sua primeira grande transformação após a morte de Srila Prabhupada. No lugar dos *sannyasis* iniciadores zonais, que Prabhupada havia deixado, como *Hrinayananda Goswami*, para o Brasil, foi incentivado que os novos adeptos tomassem iniciação com os *swamis* que desejassem. Discípulos mais novos de Srila Prabhupada, que tivessem conduta exemplar, foram convidados a tomar *Sannyasa*, em todo o mundo. O resultado foi uma expansão do Movimento, e um simultâneo surgimento de novos líderes. Nesta fase, conhecida como “**Reforma**”, alguns *swamis* fizeram discípulos e deixaram a ISKCON, aproximando-se de irmãos espirituais de Srila Prabhupada na Índia.

Muitos dos *Swamis* iniciados pessoalmente por Srila Prabhupada, cerca de cento e vinte e cinco, haviam “caído”²⁸, deixando a posição de *sannyasin*. A maioria casou-se, e alguns também abandonaram a ISCKON. Daquele grupo original, em 1996, restavam cerca de vinte. Em 1997, Iswara Swami tinha cerca de oitenta discípulos, mas em 1998, dentro das transformações que o Movimento passou no Brasil, após o Centenário e a celebração dos vinte anos de Nova Gokula, ele abandonou a posição de *Swami* e casou-se. Aproximou-se de Narayana Maharaja, um *Swami* indiano de Vrindavanam, sobrinho espiritual de Srila Prabhupada, sem abandonar formalmente a ISCKON.

Iswara Swami estava indo pela sétima vez à Índia. As informações oficiais do Festival na Índia eram retransmitidas pelo *swami* aos demais, ou por seus associados mais próximos. Ele traduziu a maioria das palestras, proferidas em inglês pelos demais discípulos de Prabhupada. Sendo assim, os devotos brasileiros participavam do Festival a partir da versão oferecida por ele.

²⁶ Publicada na “**Introdução**” do livro editado em homenagem ao Centenário de Srila Prabhupada, 1996, Nova Gokula, Pindamonhangaba. Todo ano a ISCKON produz um livro com homenagens dos devotos ao seu mestre espiritual. O livro brasileiro continha principalmente as mensagens dos seus discípulos brasileiros e demais adeptos. A oferenda de *Lokanath Swami*, nas quatro primeiras páginas, situa a importância de Prabhupada dentro do *Gaudya Vaishnavismo* como um todo.

²⁷ A primeira iniciação de devotos no Brasil aconteceu em finais de 1975, no Rio de Janeiro.

²⁸ “Cair” é uma expressão que significa descer do nível espiritual para o nível material, dominado por *Maya*, a energia material. Nestes casos, o ato de casar, de assumir a necessidade de viver com uma mulher, é representado nestes termos.

Muitos devotos brasileiros já foram à Índia, mas aquele foi, até hoje, o maior grupo em peregrinação pelos lugares santos do *Gaudya Vaisnavismo*. No grupo de sessenta pessoas, três devotos estavam lá pela quarta vez. Outros participavam pela segunda vez do Festival anual de Mayapur, na Bengala Ocidental. A maioria, porém, nunca tinha estado na Índia antes, e tão pouco falava inglês.

Na viagem à Índia, a condição de pesquisador do Movimento Hare Krishna colocava-me numa situação de neófito, frente ao estilo de vida devocional. Por outro lado, possuía mais conhecimento a respeito da importância dos lugares por onde passávamos, e do desenrolar dos acontecimentos, que boa parte dos devotos. Tive acesso a uma imagem da dinâmica social do Movimento no Brasil, a partir da posição característica do etnógrafo, ocupando um lugar definido dentro do conjunto dos peregrinos. Eu observava o estranhamento dos Hare Krishna do Brasil na Índia, e também dos devotos de lá diante dos brasileiros, checando minhas experiências com as deles. Os fatos mais importantes a serem observados eram a maneira como os devotos brasileiros participavam das celebrações do Festival. A ISKCON organizava uma seqüência de eventos e os devotos brasileiros situavam-se dentro dessa dinâmica, à sua maneira.

Foi através desta observação, que pude ir reconsiderando os conceitos teóricos em jogo, durante a pesquisa. No projeto de pesquisa, defendido após a viagem à Índia, discuti a necessidade de investigar a tensão entre a estruturação de um movimento religioso de apelo extático e transcendente e a própria manutenção deste espírito de êxtase, no seio de uma associação religiosa em expansão. Ao escrever a tese, pude argumentar que o êxtase é mantido pela estruturação do Movimento. O Movimento de *Sankirtana* só faz sentido enquanto a estruturação do êxtase de Chaitanya Mahaprabhu.

À CAMINHO DE MAYAPUR

Chegamos à Índia por Bombaim, na madrugada do dia 18 de fevereiro de 1996, um domingo. O templo Hare Krishna possui um hotel, dentro do complexo cerimonial que a ISCKON administra. A vida ritual em *Hare Krishna Land* era familiar aos devotos brasileiros, mas as dimensões propriamente indianas eram muito estranhas à maioria. Uma expressiva amostra daquela diversidade religiosa circulava pelo templo, durante todo o dia. Alguns renunciantes grisalhos, de ambos os sexos, trajando apenas um *khadi*²⁹ amarrado na cintura; um *sadhu* com cabelos longos e desgrenhados, trajando somente uma pequena tanga e portando um tridente, o símbolo dos adoradores de *Shiva*; jovens de várias partes da Índia; uma congregação de senhores de meia idade, trajando *kurtas* e *dhotis* brancos; casais vestidos de acordo com a moda da sofisticada Bombaim, e principalmente, muitas famílias, até três gerações reunidas. Neste sentido, os brasileiros tinham que aprender que o *Gaudya vaisnavismo*, apesar de ser um estilo de culto muito específico, convive bem, dentro da Índia, com a diversidade característica das seitas hindus.

O *Hare Krishna Temple* é consagrado as deidades de *Sri Sri Radha Rasabihariji*, *Gour&Nitai* e *Sita&Rama*³⁰, sendo visitado diariamente por, em média, 10.000 pessoas, número que triplica nas ocasiões especiais. O templo estava sempre cheio, principalmente das 16:00h às 21:00h, possuindo um ar festivo em seu exterior, graças às barraquinhas de livros e guloseimas e a circulação intensa de pessoas, por todos os seus espaços públicos. Dentro, a atitude predominante era a reverência as deidades, que só podem ser vistas nos horários de adoração, durante os *aratiks*.

O templo é muito grande, com um pátio interno e outro externo. É muito bonito, todo em mármore branco, encimado pelas torres características dos templos hindus. Existe mais uma *murti*³¹ de Prabhupada, bem no meio do salão do templo, situada num quiosque elevado. Abaixo do quiosque fica o pátio interno, num nível mais baixo que o circundante e aberto ao céu. Uma figueira de Bengala foi plantada nele. O salão e o pátio interno são contíguos, circundados por enormes dioramas³² representando deidades importantes, como Sri Chaitanya, as diversas encarnações de Krishna, e o Sr. Shiva, que são visitadas sempre que o templo está aberto.

Do outro lado da rua existe outro templo, que os devotos chamavam de “templo de Shiva”. Este templo segue o sistema *pancopasana*³³, instituído por Adi Shankaracharya, o restaurador do hinduísmo, no século IX. Existem dois conjuntos de deidades neste templo. O casal *Shiva & Parvati*, e seu filho *Ganesha* e o casal *Sita & Rama*. *Rama* é a popular encarnação de *Visnu*, no papel de rei e esposo ideal, adorado com sua esposa, *Sita*. *Surya*, o sol, é adorado num pequeno altar, ao lado do templo principal, consagrado aos nove planetas do horóscopo védico. A complementariedade entre os dois templos era bastante evidente, inclusive pela excitação que os devotos brasileiros, principalmente os mais jovens, sentiam ao visitá-lo e em adorar a *Shiva Lingam*.

A *Shiva Lingam*³⁴ está instalada num quarto ao fundo do templo, decorada por uma serpente de metal, na qual o Sr. Shiva recebe sua adoração básica, composta por potes de água que lhe são

²⁹ *Khadi* é um pano de algodão cru, fiado manualmente, que Gandhi transformou em símbolo de uma Índia livre. *Kurta* são as túnicas indianas e *dhotis*, os panos que os homens usam em torno da cintura.

³⁰ *Gour&Nitai* são nomes de Chaitanya Mahaprabhu e Nityananda Prabhu, seu associado mais íntimo. Ambos são considerados reencarnações de Krishna e Balarama, os jovens pastores de Vrndavanam. Todo templo *gaudya vaisnava* dedica-se a sua adoração. A deidade principal é composta pelo jovem Krishna, juntamente com *Radha*, *Lalita* e *Visakha*, duas outras *gopis* (pastoras) muito importantes. *Sita&Rama* e *Laksman & Hanumam* são outra importante e popular deidade de Krishna, os heróis do épico *Ramayana*. *Rasabihariji* é um nome de Krishna.

³¹ *Murti* significa “estátua”. Os Hare Krishna fazem *murtis* de Srila Prabhupada em fibra de vidro, para adorar nos templos, ou então as instalam em locais onde ocorreram passagens importantes de sua vida.

³² Dioramas são estátuas, geralmente de papel machê. Muitos templos indianos os possuem, representando passagens importantes da vida das deidades.

³³ “As cinco divindades”, no caso, *Surya*, o Deus do Sol, *Visnú*, *Shiva*, *Parvati* e *Ganesha*, adoradas com objetivos bem definidos.

³⁴ A *shiva linga* é o símbolo mais característico do shivaísmo e representa o pênis do Deus. Consiste, normalmente numa abóbada de cimento ou pedra, que é banhada cerimonialmente. Barracas de artigos religiosos vendem *shiva lingas* de pedra sabão em diversos tamanhos.

derramados, acompanhados pela recitação de *mantras*. Devido às torneiras existentes no local, o ambiente é muito úmido. Uma jovem adorava a *Shiva Lingam* com leite, folhas de *beel*³⁵ e flores vermelhas. Este tipo de adoração é característico das jovens em idade de casar. Enquanto ela adornava a *Shiva Lingam* um brâmane muito idoso, já na condição de *vanaprastha*, a vida retirada, meditava, recostado numa das quinas da sala.

Várias senhoras estavam no templo aquela manhã. Uma delas conversava com o brâmane responsável pelo templo, um elegante senhor de meia idade, trajando um *dhoti* de seda; outra oferecia reverências à figueira de Bengala plantada logo à entrada do terreno. A maioria dos presentes eram *vanaprasthas*, circulando pelos dois templos. Este segundo templo é um típico templo de bairro, freqüentado pelas famílias locais, enquanto o templo Hare Krishna é um dos grandes templos de Bombaim.

Em *Hare Krishna Land* também funciona a sede da Bhaktivedanta Book Trust indiana, do Instituto Bhaktivedanta de Filosofia e uma escola védica. Existem livrarias, com livros de Srila Prabhupada e de outros *swamis* vaishnavas, editados em diversas línguas indianas. Um grande barracão vende *prashadam*, composta por doces e salgados oferecidos no altar principal. No quinto e último andar do hotel a ISCKON mantém, inalterado, o escritório de Srila Prabhupada, com uma *murti* em seu gabinete, similar a existente em Zurich, expondo alguns de seus diversos apetrechos pessoais. O hotel possui auditório e salão de festas, alugado para diversos eventos, não só do Movimento. Naquela tarde de domingo, uma rica família de Bombaim havia alugado o salão para o aniversário de um menino. As crianças dançavam ao som de *Michael Jackson*, enquanto aguardavam a *prashadam* ser servida.

O templo começa a funcionar às 04:00 da manhã, mas há um intervalo, entre às 14:00 e 16:00, no qual os portões externos ficam fechados. Os devotos que vivem lá, ou que estejam no hotel, podem circular à vontade em qualquer horário. Na primeira cerimônia matinal, o *mangala aratik*, às 04:30, só estavam presentes os devotos do templo e alguns congregados, cerca de cem pessoas. Às 5:30, os devotos começaram a cantar o mantra Hare Krishna no rosário de contas. Praticavam esta meditação em movimento, circulando em torno do altar. Atrás do altar há um corredor que conduz ao dormitório dos *bramacharis* e a uma varanda externa. Os devotos cantam a *japa* por todo esse circuito. Somente os devotos residentes ou hóspedes participaram dessa cerimônia. Os demais foram para suas casas.

Às 07:00, porém, o templo já estava lotado, para a cerimônia das 07:30, o *Govinda puja*. O altar é aberto, ocorre outro *aratik* e a distribuição de *charinamrita*, a água açucarada que banha as deidades. Um sacerdote coloca o conteúdo de uma colher na mão de cada pessoa, que a sorve. Ao final desta cerimônia ocorre uma distribuição de *halava*, um doce de semolina, oferecida às deidades. Os presentes formam uma enorme fila, para receber esta *prashadam*, distribuída por outro sacerdote, situado no portão principal do templo. É o momento da saída. Todos calçam seus sapatos e retornam para o dia a dia de Bombaim. A visita ao templo e às suas deidades é um hábito, muitos presentes circulavam pelos altares portando sacolas de compras, indicando que vinham de algum mercado próximo.

A partir das 9:00 tem lugar a refeição comunitária dos devotos, num salão situado nos fundos do templo, junto à cozinha. Por volta das 11:00, foi realizada uma distribuição de *prashadam* no pátio externo do templo. Há um corpo de voluntários para essa distribuição, servida para pessoas tão distintas quanto a mendiga que esmolava na porta do templo, homens vestindo roupas ocidentais acompanhados por mulheres em trajes indianos e os *vanaprasthas* locais. Todos

³⁵ *Beel* (*Eugenia jambolana*) é a árvore consagrada à Shiva. Suas folhas de cinco pontas são importantes no seu culto. Os frutos, de polpa laranja, fornecem um suco saboroso, de reconhecido efeito inibidor do desejo sexual.

sentam-se no chão, em tapetes dispostos especialmente naquele momento, para comerem com as mãos, em simples pratos de folha, o *kitiri* e o *sabji*³⁶ servido em baldes de aço.

Foi possível constatar como aquele local institucionaliza o convívio entre pessoas socialmente distintas, dentro do igualitarismo cerimonial característico das seitas hindus. Todos estão em igual posição perante Srila Prabhupada, Sri Chaitanya e Sri Krishna, sejam indianos ou estrangeiros, independentemente de distinções de casta, seita ou renda. Essa igualdade está estabelecida em torno da distribuição de *prashadam*, a misericórdia divina. *Prashadam* é para todos, como pregara Iswara Swami em Zurich, e como tal, sua distribuição cerimonial pode ser universalizada, ocorrendo em locais tão distintos quanto Bombaim, Zurique e São Paulo. Após às 16:00h, o templo fica muito cheio, animado com a venda de doces e salgados consagrados no altar, na grande banca no pátio externo. Este movimento dura até às 9:00 da noite.

Significativa é a passagem do plano da impureza do cotidiano social de Bombaim, para o plano de pureza, institucionalizada pela adoração vaisnava do templo. A entrada do templo é dominada por um comércio ambulante, que vende artigos religiosos, como penas de pavão e pelas *motorikshas*, um serviço de táxi-lambreta. O portão externo conduz ao pátio externo ao templo, uma região liminar. Existe ali um enorme balcão para guardar sapatos, junto à bicas de água para lavar os pés e mãos. A distribuição de *prashadam* é realizada neste espaço também.

Ninguém pode colocar os pés no templo se estiver calçado, inclusive nos degraus de mármore da escada que conduz ao portão e ao pátio interno. Alguns homens sentam nestes degraus para calçarem ou descalçarem os sapatos. Existe um guarda, portando uma enorme vara de bambu, que bate em qualquer pé calçado que pisar no primeiro degrau de mármore. Lá dentro, é como se tudo fosse de outra natureza. As deidades, os altares, os devotos. É preciso purificação para entrar em contato com o mundo espiritual, por isso o guarda e seu bambu, para lembrar que não deve haver negligência na passagem. O resultado é divertido. Diversos homens sentados na escada de mármore, com os pés calçados no chão de cimento, e o guarda passando com o bambu entre os dois planos, chicoteando os incautos.

Com relação à *prashadam*, um episódio envolvendo os devotos brasileiros foi muito marcante. O hotel não é um hotel qualquer, é um hotel para devotos. Sua diária é relativamente elevada para o padrão das hospedarias *Hare Krishna*³⁷, incluindo a *prashadam* servida no salão comunitário, reservado aos devotos. Como, naquele domingo, haviam chegado 60 devotos do Brasil, às duas da manhã, a cozinha do templo preparou a refeição matinal contando com o grupo. Na hora da *prashadam*, todavia, somente eu e outro devoto nos dirigimos para o salão.

No dia seguinte, durante a aula matinal no templo, o Swami que a ministrava saudou os brasileiros em nome do templo, mas lembrou-nos que ninguém havia ido “honrar” a *prashadam* no dia anterior. A questão é que *prashadam* não é simplesmente para comer. Ela deve ser “honrada”, pois é uma refeição cerimonial. Tomar *prashadam*, entre devotos, é uma das seis atitudes devocionais mais recomendadas dentro do vaisnavismo, estando prescrita no quarto verso do manual denominado *Upadesamrta*, o “Néctar da Instrução”, escrito por *Rupa Goswami*, em Vrndavanam, no século XVI. Este manual foi traduzido para o português pela editora do Movimento e é feito especialmente para instruir neófitos.

O Swami fez uma série de considerações à respeito do Brasil. Srila Prabhupada dizia que todos os passatempos das encarnações de Krsna ocorreram na Índia, exceto os de *Sri Ramachandra*, que ocorreram em Lanka, a ilha situada ao sul da Índia, conforme narrado na famosa epopéia, o *Ramayana*. A esposa de Sri Rama, Sita Devi, fora raptada pelo rei de Lanka, o demônio Ravana. Para libertá-la, Sri Rama, liderando um exército de macacos, invadiu a ilha e destruiu sua capital. Ravana possuía um terrível irmão, Kumbakarna, que teria reinado no Brasil, onde está localizada a

³⁶ Este padrão é comum a todos os templos Hare Krishna visitados na Índia. Existem pratos feitos de folhas secas prensadas, de uma determinada árvore, que são jogados fora após o uso. *Kitiri* consiste em ervilha cozida com arroz, temperada com cúrcuma e especiarias. *Sabji* são preparações de vegetais cozidos, como batata com repolho.

³⁷ Cerca de trinta dólares, um quarto para casal, cobrado em rúpias, segundo o câmbio vigente.

pedra da Gávea. Haveria um túnel de “4ª. dimensão” que ligaria misticamente Kumba Karna a seu irmão Ravana, em Lanka. Este demônio explorava as minas de ouro do interior do País.

Em nome de tal versão mítica, o Swami falava de ligações sutis entre Índia e Brasil. Segundo ele: “*para quem conhecesse os dois países, há alguma afinidade, difícil de se explicar. Não estou querendo dizer que vocês sejam adoradores de Ravana, mas por favor, procurem se comportar como autênticos vaisnavas.*”

O incômodo fora causado por dois motivos. Pela manhã, a maioria dos devotos fora dormir, logo após a adoração matinal, que terminara às 08:30, por causa da diferença de fuso horário³⁸. À tarde, todos tinham ido às compras, atraídos pelas sofisticadas e relativamente baratas roupas e bijuterias do Sul da Índia, disponíveis nos mercados de Bombaim. Os brasileiros colocaram-se numa posição de hóspedes do Hotel, sem uma preocupação com a vida devocional do local. Se esta é anti-estrutural, o é em relação a vida social própria de Bombaim, para onde os brasileiros haviam corrido. Dormir fora de hora e comer na rua, particularmente, são atitudes que Srila Prabhupada sempre condenou, no treinamento que dispensava aos seus discípulos.

Naquela tarde, acompanhei um grupo de devotos e devotas às compras, na parte comercial de Bombaim. Comprei uma *kurta* e um *doti*, e foi preciso muita paciência para acompanhar devotas comprando *saris*, *punjabs*³⁹ e roupas para seus filhos. Os devotos brasileiros estavam preocupados em equiparem-se enquanto devotos, reforçando o guarda roupas. Muitos haviam saído do Brasil praticamente sem bagagem, deixando para cuidar da indumentária naquele momento.

Deixei os devotos entretidos com suas compras e voltei para o Hotel. Encontrei Iswara Swami, perguntando pelos demais, pois ninguém comparecera a refeição da tarde. Ele ficou muito desapontado, mas não surpreso, quando disse que os demais estavam fazendo compras. No fim da tarde, fui surpreendido por uma nova situação. Eu estava no quarto, dividido com mais quatro devotos, quando um dos guardas do templo subiu para pedir que eu retirasse as roupas que os demais haviam estendido na varanda para secar. Havia bicas e varais nos terraços do hotel, mas os devotos preferiram deixar tudo por ali mesmo, o que foi muito mal visto pela administração do hotel. Não havia lugar para informalidade “contracultural”, ou “alternativa”. As atitudes dos brasileiros foram interpretadas como desleixo e falta de educação. Tais atitudes foi muito desagradáveis para os devotos de Bombaim, que assim como os de Zurich, prepararam uma recepção para os brasileiros.

Não houve *Hari Nama Sankirtana* no conjunto do templo, com sua programação ritual estruturada em torno do altar. *Hari Namas* saem regularmente do templo para as ruas de Bombaim, mas como a maioria dos *bramacharis* já estava em Mayapur, não houve nenhum durante aqueles dias. Naquela que é a mais ocidental cidade indiana⁴⁰, Srila Prabhupada soube criar seu espaço de transcendência espiritual. Seu sucesso evidenciava-se naqueles ricos comerciantes circulando pelo templo e pelo hotel, mantendo o padrão da adoração do local. Se Bombaim é a Índia Moderna, *Hare Krsna Land* (o nome oficial do local), e a epopéia “neo-hindu” de Srila Prabhupada, fazem parte da dimensão anti-estrutural de toda aquela modernidade. Não há espaço para atitudes “espontâneas” de estrangeiros. Tudo está normatizado.

A estadia em Bombaim foi curta. Na manhã seguinte, dois dias após a chegada à Índia, partíamos para Calcutá, com destino à Mayapur. O voo durou cerca de duas horas e meia, atravessando o norte do seco planalto do Decã. Do aeroporto doméstico, tomamos um ônibus,

³⁸ Diferença de cerca de 08:30 h. Para os organismos brasileiros era cerca de meia noite. Considerando que os devotos dormem a partir das 21:30, todos estavam com muito sono.

³⁹ *Saris* são as típicas roupas indianas que as devotas usam. *Punjab* é um conjunto de calça pijama e camisa, mais elegante. As indianas de Bombaim iam de *punjab* para o templo, mas a ISCKON não o considera um traje devocional.

⁴⁰ Bombaim foi fundada por portugueses no século XVI, conhecendo um enorme desenvolvimento ao passar para o domínio britânico. Nunca possuiu, assim, nenhuma referência tradicional característica da Índia mítica, clássica ou medieval, embora seus habitantes tenham construído uma versão bem original da cultura indiana, com templos e procissões típicas do hinduísmo. É uma cidade cosmopolita também na religião, com grandes comunidades parses, judias, jainas, muçulmanas e cristãs.

fretado pela ISKCON. Mayapur localiza-se em *Navadwep*, distrito de Krishnanagar, ao norte de Calcutá. A viagem durou cerca de quatro horas e foi muito empolgante. Os devotos estavam extremamente animados, cantando *mantras* em louvor à Sri Chaitanya Mahaprabhu, num verdadeiro *hari nama* sobre rodas.

A paisagem da Bengala Ocidental, a terra do Sr. Chaitanya, é muito agradável, bem distinta da impressionante secura à beira mar de Bombaim. Ao invés da poluição industrial da grande metrópole indiana, a suave brisa do delta do Ganges. A domesticidade da terra tem um efeito muito harmonioso, como já havia notado Claude Levi-Strauss, cerca de 60 anos antes. Ele assim a descreveu: “a terra está cultivada até a última polegada e cada campo se assemelha a uma jóia de ouro-verde, pálida e cintilante debaixo da água de que está impregnada, rodeada pela sombra perfeita das suas sebes. Não há arestas vivas, todos os bordos são arredondados, ajustando-se no entanto, uma às outras, como células dum tecido vivo”. (1981:125).

Aquela é uma das regiões mais povoadas da terra, com pequenas aldeias sucedendo-se uma após a outra, por entre os campos, com seus pequenos e típicos bangalôs. Era estação seca, época da colheita da safra do inverno. Trigo, lentilhas, repolhos, pimenta vermelha. Nos campos já colhidos preparavam a terra para as plantações do verão, principalmente o arroz. Numa das regiões mais modernizadas da Índia, via-se muitos tratores, caminhões e outros implementos agrícolas. O tráfego nas estradas também é intenso, principalmente de caminhões. Logo na entrada de *Navadwep*, fomos retidos pela iminente passagem de um trem, junto com dezenas de caminhões. Criou-se um efeito interessante. Todos aqueles caminhões possuíam um adesivo nos seus vidros dianteiros, dos casais divinos *Shiva-parvati* ou *Radha-Krishna*. Com o restabelecimento do tráfego, por um instante, nos vimos no meio de um entrelaçamento daquelas duas duplas míticas, os principais símbolos do hinduísmo.

Estávamos chegando com um dia de atraso à primeira parte do festival, o *Parikrama* de *Navadwep*, que duraria uma semana. O clima era de muita efervescência religiosa, com a presença de quase 2000 devotos do mundo todo, mais algumas centenas de devotos indianos. O Festival de Mayapur é realizado anualmente, envolvendo uma série de atividades no período das duas semanas entre a lua nova do mês de fevereiro e a lua cheia do mês de março. Seu objetivo é levar os devotos a entrarem em contato com os locais aonde o Sr. Chaitanya e seus discípulos deram origem ao movimento de *Sankirtana*.

Mayapur é formada por um conjunto de templos, *asramas* e *mathas*, pequenas comunidades religiosas dispostas ao longo da “*Bhaktisidhanta Sarasvati Road*”, rodovia semicircular, de seis quilômetros, localizada entre o porto de *Navadeep* e o templo de Sri *Jaganatha*. Uma série de templos sucedem-se ao longo do encontro de três braços do Ganges, o coração do conjunto de nove ilhas formadores do *dhama*, a terra sagrada. O local é animado pelos festivais em louvor aos santos vaisnavas da Bengala, nessa época do ano, o qual mantém um pequeno comércio de artigos religiosos. No resto do ano, é pouco visitado, exceto em outras grandes datas do *Gaudya vaisnavismo*.

A importância do Festival de Mayapur precisa ser devidamente considerada, frente à perspectiva metodológica já discutida. Este festival do Centenário envolveu quatro eventos principais: O *Parikrama* de *Navadwep*, a peregrinação pelas suas nove ilhas; uma série de seminários, palestras e shows comemorativos dos 30 anos da ISCKON, que tiveram como auge a apoteótica inauguração do memorial de Srila Prabhupada; a distribuição de *Prasadam* em Shantipur, a aldeia natal de *Sri Adwaita Acharya*, um lugar histórico do Vaisnavismo; a instalação do *Pancha Tatwa*, a deidade mais importante adorada pelos *Gaudya vaisnavas*, no templo principal de Mayapur. Os dois últimos eventos foram realizados dois dias antes do *Gaura Purnima*, o dia do aparecimento de Sri Chaitanya. Este dia, na lua cheia de março, é o *Holi*, o ano novo⁴¹. O Festival termina no dia seguinte, com um banquete em louvor ao nascimento de Sri Chaitanya.

⁴¹ No quinto capítulo do “Processo Ritual”, Turner(1974:) discute o *Holi*, baseado nas experiências de campo de Marriot, numa aldeia de Vrindavanam.

A descrição detalhada de cada evento é impossível de ser realizada de uma vez, tanto pela extensão dos ritos, quanto pelas diversas questões que cada um deles colocará à reflexão antropológica. A primeira parte, em particular, do *parikrama* à inauguração do memorial, é a mais importante para esta reflexão, pois evidencia o aspecto anti-estrutural do *Hari Nama Sankirtana*.⁴² Srila Prabhupada, na forma de uma deidade, era o centro de todas as atenções naqueles ritos, em especial em seu memorial, o *Puspa Samadhi*. A enorme platéia encarnava a vitalidade do movimento de Srila Prabhupada, sendo a expressão de sua realização espiritual. Ele cumprira sua missão. Trouxera para *Navadwep* discípulos do mundo todo.

A descrição a seguir focalizará o plano das deidades e o plano dos adeptos, distintamente.⁴³ Os dois planos configuram uma dialética bem estabelecida. A adoração dos adeptos à pessoa de Srila Prabhupada corporifica, dá vida, ao processo de divinificação do *Swami*. Ele realiza-se, como ser divinizado, nesses ritos. A inauguração apoteótica do seu Memorial prova sua eficácia como agente de purificação das “almas caídas”. Estes, os adeptos, enquanto indivíduos em peregrinação, são indivíduos em purificação. Eles recebem a misericórdia divina, através do *Swami* que adoram, enquanto o adoram. Para isso foram até lá.

O Festival de Mayapur celebra, ano após ano, a profecia de Sri Chaitanya Mahaprabhu. O cantar do *mantra Hare Krishna* espalhou-se pelo mundo todo. A universalização do *Hare Krishna* é o seu tema. Este Festival de 1996 foi consagrado para intensificar este significado, por isso seu momento mais importante, e intenso, foi a inauguração do memorial de Srila Prabhupada. Fora graças a ele que a profecia do Sr. Chaitanya realizou-se. Essa era a essência do Festival. O ambiente era muito solene. A atmosfera do *parikrama* era marcada pelas falas dos discípulos de Srila Prabhupada, que conviveram com ele em vida. Através deles, a continuidade do movimento de Srila Prabhupada é estabelecida.

O *parikrama* de Mayapur, em particular, tem origens na peregrinação que Nityananda Prabhu realizou com *Jiva Goswami*⁴⁴, relembrando lugares e incidentes relacionados à vida de Chaitanya em Nadia, ainda no século XVI. O *parikrama* de Srila Prabhupada teve origem no processo de revitalização da sacralidade de *Navadwep*, realizado pelo seu mestre espiritual, *Bhaktisiddhanta Saraswati*. Ele mudou-se para a região no início do século XX, construindo o primeiro templo de Mayapur, o *Yoga Pitha*, no local onde Sri Chaitanya nascera. Em 1915, inaugurou sua primeira gráfica em *Krishnanagar*, dando início à impressão e distribuição de livros vaishnavas. Em 1921, realizou o primeiro *parikrama* de *Navadwep* do século, sendo seguido por algumas centenas de adeptos.

O rito coloca os termos em ação, o que só pode ser observado no comportamento dos adeptos, até nos mais “espontâneos”. Para explicarmos as características da procissão e sua relação com a adoração às deidades, o dia a dia do templo, durante o Festival, também precisa ser descrito. O templo da ISCKON em Mayapur, realiza um programa de adoração completo, comum a todo o *Gaudya Vaisnavismo*, e seguido pelos templos da ISCKON.

Às 04:15 da manhã ocorre o primeiro *aratik*, oferecido a Srila Prabhupada, em seu memorial. Às 4:30, o *mangala-aratik* no templo, para as deidades de *Sri Sri Radha Madhava*, rodeados pelas oito *gopis* principais⁴⁵. Às 5:00, ocorre o *tulasi puja*, adoração a planta sagrada de *Vrndavanam*⁴⁶, trazida em vasos para o salão do templo. Os devotos cantam o seu mantra enquanto

⁴² As celebrações de *Shantipur*, do *Pancha Tatwa* e do *Gaura Purnima* formam outro conjunto, que explicitam a estruturação da ISCKON dentro do contexto local bengali.

⁴³ Seguimos o modelo das duas séries rituais, conforme Peirano(1995), utilizou em sua reanálise do material *Ndembu*. (ver pg 10).

⁴⁴ Um dos “Seis Goswamis de *Vrndavanam*”.

⁴⁵ *Madhava* é um dos nomes de Krishna. Esta deidade representa uma das mais importantes imagens devocionais do Vaisnavismo. Krishna, Radha, a *gopi* principal, rodeado por outras pastoras, como na dança da *rasa*, o êxtase das pastoras de *Vrndavanam*. O *Hari nama sankirtana*, dentro do templo, é uma representação deste êxtase devocional.

⁴⁶ *Tulasi* é um arbusto do gênero da alfavaca e do manjerição. Apresenta duas variedades, a azul, consagrada à *Ramachandra*; e a verde, consagrada à *Krishna*. Possui origens míticas e é particularmente associada à aldeia de *Vrndavanam*, “ a floresta (*vanam*) de *tulasi* (*Vrndam*).

circumambulam seus vasos, oferecendo uma colherzinha de água às plantas, um após o outro. Nesta adoração existe uma mesa de vasos para mulheres e outra os homens. Às 5:15, mais ou menos, depois desta adoração, ocorre um período intermediário de duas horas, até às 7:15, quando os devotos cantam a *japa mala*. Os mais experientes cantam as dezesseis voltas neste período. Os mais lentos, no mínimo a metade. Muitos devotos permanecem no templo principal cantando *japa*, enquanto outros espalhavam-se pelo complexo, cantando nos jardins e, principalmente, no memorial de Prabhupada, de onde é possível assistir o aparecimento do sol, erguendo-se por sobre as terras de Bangladesh.⁴⁷

Às 7:15 ocorre, no templo, a cerimônia do “*Govinda*”, quando aquele mantra é cantado para as deidades no altar. Após todos receberem o *charimamrta* de *Radha Madhava*, acontece uma outra cerimônia diante do altar de *Narasinha Deva*⁴⁸, que fica bem no meio do templo. É um altar pequeno, com uma deidade enorme, esculpida em ardósia, daquele que representa a “Ira de Krishna”, o protetor dos devotos. Seu mantra é cantado, enquanto seu sacerdote abençoa os presentes, com sua coroa. A deidade usa um turbante de prata, que o sacerdote retira nesta hora e coloca na cabeça dos devotos, um a um. Esta deidade é cuidada exclusivamente por dois irmãos gêmeos, brâmanes *bramacharis*.

Saindo do altar de *Narasinha Deva*, todos dirigem-se para o altar de Prabhupada, colocado no fundo do templo, oposto à *Radha Madhava*. Há uma *murti* de Prabhupada, sentado numa *Vyasa sana* (o assento do mestre espiritual), contemplando eternamente o altar. Aqui ocorre o *guru puja*, a adoração ao *swami*. Todos cantam o mantra de louvor ao mestre espiritual enquanto cada um vai depositando algumas flores aos seus pés, subindo no pequeno altar, e prestando a reverência *dandavati*. (deitar-se com os braços estendidos à frente, em sinal de submissão). Como diante da planta *tulasi*, o *puja* consiste nessa adoração, que todos os devotos realizam, um a um. Simultaneamente, nos dois casos, um sacerdote executa um *Aratik*, cuja duração acompanha o desenrolar do *puja*.

No Festival, em particular, o *Guru Puja* era seguido pela aula matinal do *Srimad Bhagavatam*⁴⁹, das 08:00 às 9:00 horas, ministrada por algum *swami* da ISCKON. Às 9:00 era servida a *prashadam* matinal, no salão do edifício construído especialmente para essa atividade. Ele comporta 1200 pessoas, por isso, haviam dois turnos de devotos para as refeições. No templo, acontecem uma série de *Aratiks*, ao longo do dia, para as deidades. Às 12:30, as deidades recebem o *bhoga aratik*, o almoço, e às 16:00, um lanche. Os outros *aratiks* acontecem às 18:00, às 19:00 e às 20:00, quando, então, as deidades são postas para dormir. Estas adorações pessoais, por a deidade para dormir, acordar, dar banho, dar comida, trocar de roupa, são realizadas nas pequenas deidades de metal, que ficam no pé das deidades de mármore. As deidades pequenas é que recebem a *krishna shakti*, a potência espiritual. Elas estão “vivas”, são pessoas espirituais. As grandes são representações das menores, tem um efeito mais estético, e são um símbolo da importância social da ISCKON e de seus simpatizantes.

No *parikrama*, uma pequena deidade de metal de Prabhupada e outra de *Goura&Nitai*, saíram de Mayapur, num pequeno altar, para a procissão de sete dias pelas nove ilhas de *Navadwep*. O *parikrama*, como um todo, é uma gigantesca adoração, composta por uma seqüência de *Aratiks*, *pujas* e *Hari Namas*. As deidades são conduzidas na frente dos devotos, sendo adoradas no início de cada dia e nos lugares santos. *Parikrama* quer dizer peregrinação, significando, literalmente “dar uma volta”. Esta peregrinação é complementada pela narrativa de estórias ligadas ao surgimento do culto *Hare Krishna*, e da importância de todos estarem ali.

⁴⁷ Esta era uma observação comum entre os devotos que conheci lá. Mayapur está há apenas 30 quilômetros da fronteira com Bangladesh.

⁴⁸ Ao contrário dos templos do Ocidente, onde *Narasinha deva* é apenas cultuado com o cantar de seus *mantras* (ver pg 09), em Mayapur foi instalada uma deidade num altar próprio, para proteger o templo dos ataques dos muçulmanos, comunistas e demais desafetos da ISCKON.

⁴⁹ O *Srimad Bhagavatam*, ou *Bhagavata Puranam*, conta a vida de Krishna e suas encarnações. É a mais importante escritura vaishnava, à altura do *Bhagavad Gita* e do *Mahabharata*. Srila Prabhupada produziu uma tradução para o inglês, editada pela ISCKON em diversas línguas, inclusive a portuguesa.

Em 1972, Srila Prabhupada levou alguns de seus discípulos a conhecerem alguns daqueles lugares santos, na ocasião da instalação da pedra fundamental do templo da ISCKON em Mayapur. Em 1974, cerca de 400 adeptos do mundo todo participaram das celebrações do aparecimento de Sri Chaitanya, junto com Prabhupada, em Mayapur. O prédio do templo estava concluído e foi inaugurado naquela data, num primeiro festival, quando aqueles devotos realizaram o primeiro *parikrama* da ISCKON. O Festival do Centenário, em 1996, repetia um modelo de evento realizado desde 1990.

O conjunto de devotos foi dividido em dois grupos, o *Gauranga*⁵⁰ e o *Nityananda*. Quando na chegada ao complexo de Mayapur, os devotos recebiam uma pulseira plástica, como identificação de participantes no Festival. A pulseira azul representava o *Gauranga Group* enquanto a pulseira vermelha identificava o *Nityananda Group*. Cada grupo contava com mais de mil participantes. Havia cerca de 2500 pessoas no *parikrama*.

Existiam duas maneiras de participar do *parikrama*. A primeira consistia em acampar nas paradas diárias, em cada ilha. A realização do Festival segue o modelo instituído por *Bhaktisiddhanta Sarasvati*, na década de 20, com um grupo de apoio aos peregrinos. Num caminhão são transportados os pertences dos devotos, apetrechos de cozinha e barracas. Os devotos levam sacos de dormir, mosquiteiros, baldes para banho e material de limpeza pessoal. O caminhão também vende essas coisas. A infra-estrutura nos locais era bem organizada, com acampamentos separados para homens e mulheres, banheiros temporários e cozinha.

A segunda, consistia em dormir nos alojamentos do Complexo de Mayapur, indo diariamente, de ônibus, para os locais do *parikrama*. Havia alguns micro ônibus disponíveis, para transportar os devotos. Quase a metade dos participantes, cerca de 500 por grupo, acompanhava o *Parikrama* desta maneira.⁵¹ Os ônibus saíam de Mayapur às 5:30h, logo depois do *tulasi-puja*. Alguns devotos não participavam da adoração matinal. Acordavam, tomavam banho e iam direto para o ônibus.

Nos acampamentos, o dia começava às 4:30h, com um *mangala-arati*, que assinala que as deidades acordaram. Após o mesmo, eram dados avisos a respeito das atividades do dia, e os acampamentos eram desmontados. Às 6:00h, com a chegada dos ônibus de Mayapur, a peregrinação recomeçava, após o *Govinda Aratik*, já acompanhado pelos devotos recém-chegados. O primeiro intervalo era por volta das 9:30h, para a *prasadam* matinal. O cardápio era simples. Bananas, laranjas e maçãs, suco de *beel* e um risoto ou uma macarronada, temperados à indiana, com cúrcuma, castanhas de caju e pimentão picados. Ao final, um pouco de iogurte. Uma hora depois, a peregrinação recomeçava, até a *prasadam* do almoço, por volta das 15:00h. O cardápio era mais reforçado. Arroz, *dal*(creme de ervilhas temperado), *sabjis* de batata com repolho. Como sobremesa, doce de leite. As atividades do dia terminavam no local do almoço. Os ônibus retornavam às 16:00h.

Os devotos do acampamento montavam suas barracas. Os que dormiam em Mayapur, pegavam o ônibus de volta. Somente então, cantavam suas voltas de *japa*. No *parikrama*, ninguém cantava *japa*, pois a peregrinação vem a ser um gigantesco *Hari Nama*, onde o canto congregacional dos santos nomes acontece ao longo de todo o percurso, nos templos e nos lugares visitados. Nesses, os devotos realizavam um verdadeiro *kirtanam*, um *happening* de canto e dança. Percorria-se, em média, dez quilômetros por dia.

A delegação brasileira ficou no *Gauranga Group*, embora, no primeiro dia, tenha participado do *Nityananda Group*. Este incidente foi aproveitado numa das palestras realizadas durante a peregrinação. Um *Swami* disse: “Este *parikrama* é realizado em dois grupos, *Nityananda* e *Gauranga*. Como seria bom se os dois se unissem! Mas, o grupo de *Nityananda* sempre estará por cima, pois ninguém faz nada sem a misericórdia de *Nityananda*. E como se pode ir a *Nityananda*, sem *Gauranga*? Mas, no *Gauranga group* só tem devoto novo e no *Nityananda*, devoto velho sem entusiasmo. Então, como seria bom deixar junto os jovens entusiastas e os velhos experientes.

⁵⁰ *Gauranga* significa “dourado”, e é um dos nomes de *Chaitanya Mahaprabhu*.

⁵¹ Iswara Swami durmia em Mayapur e eu também, para poder acompanhá-lo.

Deixemos o grupo de *Nityananda* chegar aos semideuses e sejamos entusiastas em cantar Hare Krishna. Estão vendo os brasileiros? Estavam no grupo de *Nityananda* ontem e estão no grupo de *Gauranga* hoje. *Nityananda* está unindo todo mundo.”

Estas considerações são esclarecedoras. Em primeiro lugar, o *Swami* aproveitou uma característica fundamental dos santos vaisnavas. Embora todos sejam um só(*Gauranga* e *Nityananda* são uma só deidade), estes personagens santificados também são distintos e servem para estabelecer distinções, dentro da unidade constitutiva do *Gaudya* Vaisnavismo. No caso da ISCKON, a distinção estabelecida entre o entusiasmo dos devotos jovens e a experiência dos devotos maduros, encontrou, nestes símbolos, sua expressão, evidenciando a passagem do sentimento de ***communitas espontânea***, dos devotos novos, para outra dimensão do mesmo espírito, já estruturado, normatizado, pelos devotos experientes.

O PARIKRAMA DE NAVADWEP

Tambiah define o conceito de Ritual como “Um sistema de comunicação simbólica culturalmente construído. É constituído de padrões e seqüências ordenadas de palavras e atos, muitas vezes expressas em múltiplas *media*, cujo conteúdo e arranjo são caracterizados em graus variados de formalidade(convenções), esterotipia(rigidez), condensação(fusão), e redundância(repetição). Ação ritual em seus aspectos constitutivos é performativa em três sentidos: É um ato realizado com o valor de convencional; é um ato intensamente vivido pelos participantes, devido aos recursos estéticos; e indexa valores, agregados e deduzidos, pelos atores, durante a performance.” (1985:128).

O ato ritual, no caso, o *Hari Nama Sankirtana*, é a performance característica do *parikrama*. Sem os *kirtanas*, a visita aos lugares santos não teria muito sentido, pois o objetivo da peregrinação, dentro do padrão da ISCKON, é provar que o movimento de Prabhupada é legítimo em dar-lhes vida, pois é fiel ao movimento de Chaitanya Mahaprabhu. Somente a força do *kirtana* realiza esse ideal. *Kirtana* é *performance*, e a *Chaitanya Bhakti*⁵² re-encarna na sua execução. A peregrinação jamais começava ou terminava com uma aula. Todo dia tinha início com o *Aratik*, e terminava com *prashadam*, como é o costume padronizado. Toda aula, significativamente, terminava num *Hari Nama*. As palestras explicavam o que seria celebrado, através do canto e da dança. Como Tambiah(op.cit) também discute, nos ritos, a forma e o conteúdo se fundem. Canto e dança, ritmo e harmonia induzem a percepção e a introjeção de valores de forma muito singular. No caso do *Hari Nama Sankirtana*, sua execução é tão intensa que torna-se um desafio descrever seu espírito dentro de um texto.

Os lugares santos visitados tinham características importantes. *Navadwep* é descrita como uma flor de lótus composta de nove pétalas, suas nove ilhas, cujo centro é a primeira, *Antar dwep*, onde está localizada Mayapur. O *parikrama* deixa o Complexo da ISCKON em duas direções: O *Gauranga Group* foi para o *Yoga Pitha*, o local de nascimento do Sr. Chaitanya, o coração do lótus, enquanto o *Nitiananda Group* dirigiu-se para *Godruma Deep*, onde viveu Bhaktivinoda Thakur, pai de Bhaktisiddhanta Sarasvati. Estas duas ilhas contém locais importantes do movimento de Sankirtana, em particular, todo o conjunto de templos e locais consagrados pelos esforços destes dois vaisnavas, no início do século XX.

Existem mais dois tipos de lugares santos, todavia. Além daqueles relacionados diretamente com os passatempos de Chaitanya Mahaprabhu, os locais históricos do movimento de *Sankirtana*, existem outros locais relacionados, nos quais as grandes divindades hindus teriam manifestado-se, por ocasião do aparecimento de Chaitanya. *Nawadeep* é descrita como uma síntese de todo o planeta, e as nove ilhas como uma versão reduzida das nove terras emersas, possuindo uma versão original dos lugares santos da Índia. Todos esses lugares consagrados são relacionados através das narrativas que os *Swamis* da ISCKON promoviam em cada parada.

O *parikrama* de *Navadwep* começou com uma cerimônia de bênçãos na *Shiva linga* do *Yoga pitha*, o lugar do nascimento do Sr. Chaitanya. Esta *Shiva linga* é consagrada à *Gopiswara Mahadeva*, a qualidade do deus *Shiva* que protege a terra santa de Vrndavanam. Isto tinha que ser explicado, uma vez que muitos dos lugares santos visitados eram associados a *Shiva* e a sua espôsa, *Kali*. *Shiva* é considerado o protetor do *dhama*, a terra sagrada, e de todos os devotos. As duas divindades são reverenciadas como os maiores vaisnavas do universo. Por isso, a peregrinação começa com a cerimônia na qual todos pedem sua autorização para estarem ali. Não se tratava somente de explicar detalhes míticos, mas de ajustar a atitude correta a ser transmitida aos adeptos, diante dos delicados detalhes do simbolismo hindu. Noutra momento, os *swamis* ameaçaram expulsar do *parikrama* quem fizesse orações materialistas diante das diversas *Shiva lingas* encontradas pelo

⁵² *Chaitanya Bhakti* significa a *Yoga* da devoção (*Bhakti*) conforme proposta por este *Swami*. Conforme discutido na página 10, este espírito realiza-se através da prática do *Hari Nama Sankirtana*.

caminho. O único pedido que os vaisnavas devem fazer diante de *Shiva* é o de “serem ocupados permanentemente em serviço devocional” (Bhakti Yoga).

Saindo de *Antar Dwep* está *Simanta Dwep*, onde localiza-se o *Samadhi* de *Chand Kazi*. Ele fora o governador muçulmano na época de Chaitanya Mahaprabhu, e quando o movimento de *Sankirtana* ganhou as ruas, na antiga *Nadia*⁵³, os brâmanes locais solicitaram a ele que acabasse com o movimento. Ao contrário, após receber Chaitanya e seu grupo, aderiu ao *sankirtana*, dando garantias legais a sua continuidade. Por isso, ele é adorado pelos vaisnavas como um santo. No seu túmulo foi plantada um pé de *Champak*(magnólia), que nunca foi podada, tornando-se uma enorme árvore. Os devotos a contornam, realizando um *Hari Nama*, e oferecendo moedas em sua homenagem.

Madan(1994:204) ao descrever o desenvolvimento do Islã na Bengala, nos leva a crer que o Islã difundiu-se na Bengala oriental dentro da mesma dinâmica social das seitas hindus. Missionários e reis muçulmanos chegaram à Bengala a partir do século XIII, quando a ordem bramínica estava sendo restaurada⁵⁴, tomando o lugar de uma ordem sócio-política de orientação budista. A islamização ocorreu primeiramente nas castas baixas rurais, em oposição às altas castas hindus, dentro de um movimento dinâmico e sincrético que deu origem ao Islã Bengali propriamente dito. Muitos desses convertidos eram *sahajyas*.

Quando o Islã finalmente estrutura uma nova sociedade Bengali, no século XVI, dentro da Índia Islâmica, surge Sri Chaitanya e o *Hari nama sankirtana*, anti-estrutural em relação à nova ordem. A dinastia muçulmana bengali, que na época de Sri Chaitanya governara a Bengala, mantendo-a independente do Sultanato de Deli, deu um grande impulso ao desenvolvimento cultural, traduzindo para o idioma local tanto o Alcorão quanto os textos sânscritos, permitindo à Sri Chaitanya Mahaprabhu populariza-los. Por algum tempo, o vaisnavismo de Sri Chaitanya também foi visto com reservas pelas castas altas, que o acusavam de sentimentalista e ingênuo, divulgador de uma religiosidade adequada as massas incultas, que ele atraía.⁵⁵

Em *Godruma Dwep*, a terceira ilha, está localizada a casa onde Bhaktivinoda Thakur viveu e que recebeu seu corpo, após sua morte. Este foi o criador de Mayapur, e o verdadeiro fundador do Movimento Hare Krishna de Srila Prabhupada. Foi ele quem instalou o *Yoga Pitha*, em 1898 e foi seu filho carnal, *Bhaktisiddhanta Sarasvati Goswami*⁵⁶, quem o transformou no centro espiritual da Bengala Vaisnava, durante as três primeiras décadas do século XX. Os *Swamis* contavam que Bhaktivinoda Thakur, em frente à sua casa, teve visões transcendentais de um enorme templo sendo erguido no lado oposto do *Jalangi*⁵⁷, onde atualmente está a sede da ISKON. Predissera que surgiria uma importante personalidade que realizaria a profecia de Sri Chaitanya Mahaprabhu, espalhando o cantar do Maha Mantra e a fama de Mayapur, por todo o mundo.

⁵³ Navadwep foi construída após uma inundação do Ganges, que afundou a cidade de Nadia, onde viveu Chaitanya. No século XVIII o local da Nadia original reapareceu, permanecendo abandonada até o final do século XIX, quando foi revitalizada pelos *Gaudyas Vaisnavas*, tornando-se a Mayapur atual.

⁵⁴ No sentido da histórica restauração ortodoxa do Hinduísmo, conforme apresentada por Weber(1958) em seu nono capítulo"

⁵⁵ Tal dinâmica entre **estrutura:communitas**, neste caso bengali, permite considerar o universo social indiano, dentro do plano representado por esta dialética, de maneira realmente exemplar, como havia proposto Turner. Este, infelizmente, não considerou o referencial muçulmano, fundamental enquanto referência estruturante do *Hari Nama sankirtana*.

⁵⁶ Todas estas personalidades são deificadas nos templos da ISCKON. Em qualquer altar Hare Krishna encontramos pequenos retratos de **Bhaktivinoda Thakur**, **Bhaktisiddhanta Sarasvati**, **Gaurakishora Babaji** (discípulo do segundo e mestre espiritual do primeiro), e de **Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami**.

⁵⁷ *Jalangi* é o nome do braço do Ganges que corre nos fundos do templo da ISCKON. É considerado a versão local do rio *Saraswati*, e seu encontro com o *Bhagirati*, o braço principal do Ganges, é denominado o *triveni* de *Navadwep*.(O *Triveni* original fica situado em *Alahabad*, no encontro do Ganges, Yamuna e Sarasvati, e é o cenário do *Kumba mela*, a maior cerimônia religiosa do mundo)

Pessoas santas não são queimadas. Ao contrário das pessoas comuns, são enterradas em seus *samadhīs*, mausoléus, que tornam-se importantes locais de adoração. Em *Nawadeep*, todos são muito simples, como tudo na região. Por cima do túmulo propriamente dito, é construída uma base de concreto, que recebe um acabamento com “vermelhão”(comum no interior do Brasil). As deidades ficam acima, num pequeno altar coberto. Há espaço para o sacerdote se locomover, enquanto oferece a adoração. O altar fica sempre elevado, na altura de um homem, por causa das enchentes do Ganges. À frente, separado do túmulo pelo espaço suficiente para passar algumas pessoas, fica o salão de *sankirtana*, onde peregrinos podem dançar, cantar e dar a volta no túmulo. A multidão fazia isso com bastante vigor, principalmente os devotos mais jovens. Nesses locais históricos, a atividade principal era o *kirtana*, após uma pequena explicação a respeito da importância do local na vida de Sri Chaitanya Mahaprabhu e do Movimento de *Sankirtana*.

Quando o *parikrama* chegava a um lugar mítico, todavia, os *Swamis* ministravam aulas para situar a todos dentro do espírito do local. No terceiro dia do *parikrama*, o *Gauranga Group* passou pelo templo de Sri *Hari Har*, uma deidade muito especial. A deidade, instalada num pequeno templo no estilo local, sem salão de *sankirtana*, foi adorada por todos os devotos, na forma de um *puja*, recebendo *dandavatis* e moedas, após a seguinte palestra:

“Krishna é o mais velho e o mais moço ao mesmo tempo. É simultaneamente e não é a fonte da energia e é a energia. O mundo material é marcado pela dualidade: Ou isso, ou aquilo. Na vida espiritual não existe visão sectária. Duas coisas certas completas. A mesma coisa pode se completar. Krishna amoroso e bondoso. Seu aspecto furioso é necessário aos maus. Para o devoto o menino mais bondoso. Para o demônio, a energia mais pesada. Opostos que se unem que se completam. *Hari Har* é uma forma meio Shiva meio Vishnu. Preto e branco. São diferentes, são iguais. Existe Deus e servos de Deus. Existe Krishna e suas expansões plenárias. Ele é um mas ele se revela em diferentes personalidades. Em uns lugares você se manifesta de um jeito e em outros manifesta outra personalidade. Mas se você está bem sua personalidade se revela plenamente. Krishna se dá de acordo com a potência do amor que nós damos a ele.

Não deve haver adoração aos semideuses nos templos Hare Krishna mas eles são adorados enquanto servos de Krishna. Shiva é um servo de Krishna, é o seu agente principal. A Verdade está na união na diversidade. Não está certo só haver diversidade, é confusão. Assim como vocês vem de diferentes países com seus problemas. A diversidade existe. Não há um núcleo que os una. Os semideuses são tão diversificados que as vezes adoram Deus, mas bajulam demônios, e fazem confusão, caem, os demônios os controlam. Eles tem então que reconhecer Deus, o chefe supremo. Se eles pudessem reconhecer essa unidade na diversidade, aí seria perfeito. Shiva protege os vaisnavas. Ele quer ser visto como servo dos vaisnavas. Ele não quer ser visto em separado. Sanatana Goswami, por exemplo, vivia perto de Shiva, num lugar onde havia muito mosquito. Ele disse que ia embora. Shiva disse para ele: “Fique! Eu quero sua companhia. Fique uma noite mais”. Ele apelou aos semideuses e acabou com os mosquitos. Sanatana continuou a meditar em Govardhana, onde não tem mosquito. Shiva é o protetor do dhama de Vrndavanam e Mathura. Existem quatro Shivas lá, ele é o protetor das quatro direções.

Há uma competição para ver quem vai ajudar um ao outro. Há uma linha invível entre os *Devas* e os humanos. Coisas como sol, chuva, vento, terremotos, são controladas por *Devas*. O devoto pode ter a potência de utilizar esta energia ao serviço de Krishna. Este lugar é o lugar que tira o medo da morte. Shiva está sempre dançando aqui. O significado desta deidade meio Shiva e meio Vishnu é que Shiva brota de Vishnu. Depois de ter sido derrotado por *Mohini Murti*⁵⁸, Shiva ficou muito insultado. Shiva tem controle completo dos sentidos, mas perdeu o controle por causa de *Mohini Murti*. Ele veio aqui meditar: “Que forma é esta que me derrotou?” Visnu lhe apareceu e disse: “Não se preocupe. Não há diferença entre nós! Foi apenas uma manifestação de minha energia ilusória. Então ele revelou sua forma *Hari Har*. Quando Nitiananda revelou este

⁵⁸ *Mohini Murti* é uma encarnação feminina de Krishna, de beleza irresistível. Sua estória faz parte de um ciclo mítico muito grande para ser descrito aqui, presente no **Srimad Bhagavatam**.

passatempo a Jiva Goswami ninguém podia ver Shiva dançando entre eles. Ele está fazendo isso aqui. Talvez por isso o *Kirtana* tenha sido tão selvagem! “

Este era o estilo das palestras do *parikrama*. O discurso dos *swamis* consistia em relacionar a sacralidade de um local, com base nas escrituras, ao movimento de Chaitanya, deste à Srila Prabhupada e deste, aos seus seguidores. Do mesmo modo, toda a peregrinação relaciona, via *sankirtana*, os devotos reunidos naquele momento, em louvor à Srila Prabhupada, à Sri Chaitanya, que manifestara todos os lugares santos, conforme contido nos mitos, via o movimento de *sankirtana*.

No quarto dia de peregrinação, o *Gauranga group* passou por *Madhya dwep*(a ilha do meio). Existem lá alguns lugares santos muito importantes para o hinduísmo, que foram celebrados de maneira singular. O primeiro deles foi *Naimisharanya*. Inicialmente, houve uma aula introdutória:

Estes lugares são réplicas dos lugares originais. Nós temos paz aqui na floresta. Ela deixa nossa mente pacífica, limpa. A gente pode captar o Senhor Gauranga. *Naimisharanya* foi escolhida pelos sábios porque quando Brahma criou este universo ele teve uma vista de toda a rotação dos planetas. Cada um tem uma órbita definida. Quando nós falamos uma roda, nós temos que entender que eles não são o centro da roda. *Naimisharanya* é o centro de toda essa roda de órbitas do Universo. A idéia dos sábios foi: Nós vamos lá para o centro espiritual. Eles estão lá para fazer sacrifícios sabendo que eles teriam um resultado muito forte. Esse sacrifício seria a recitação do *Srimad Bhagavatam*. Eles se ocuparam durante mil anos. O propósito era acabar, ou diminuir, a tendência demoníaca dos demônios da Kali Yuga. Esse local, o centro do Universo, é esse centro. Aqui é a *Naimisharanya* original, a outra é uma expansão. A de Uttar Pradesh, no norte da Índia, na verdade foi originada aqui. O que nós fizemos nesta meia hora aqui, terá um grande efeito no universo. Nós temos dificuldades muito grandes no mundo inteiro com o nosso movimento. Demônios, problemas, governos. Onde não existem problemas? No mundo inteiro existem dificuldades. Nós vamos fazer *sankirtana* e *bhajan* aqui. Na próxima meia hora façamos a coisa certa. Pensar em coisas certas. Falar as coisas certas. Nossa tentativa é purificar a consciência de todo o mundo por aí. Especialmente no ano do Centenário nós não queremos nenhum problema. Tenham uma boa mentalidade. Aí, a gente vai até o final da nossa vida assim.

Aqui neste lugar, nosso estado de consciência influencia todo o estado do planeta. Consciência é uma coisa muito forte. Com ela você pode subir e você pode descer. Krishna diz: onde quer que esteja sua consciência na hora da morte, para lá você irá. Consciência quer dizer vida. Foi aqui que os grandes sábios se reuniram. Isso tudo foi baseado no desejo de fazer algo de bom para a Humanidade. Os *sadhus* nunca pensam em si mesmos, no seu desfrute. Os *sadhus* nunca tentam tomar conta do mundo material. Eles não querem controlar. São muito misericordiosos, tem muita compreensão. Estamos aqui, devotos do mundo todo, muito estão preocupados com a difusão deste movimento para todo o mundo. Se todos tiverem uma boa mentalidade é possível que o Movimento possa controlar a vida de muitas pessoas no mundo. É devido a mentalidade que se pode criar um inferno ou o mundo espiritual aqui na terra. Quando vier essa pregação a propaganda demoníaca pode mudar. Diz o *Bhagavatam* que acontecerá uma mudança na aparência dessa mentalidade materialista. Todo mundo que tem uma mentalidade simples e pura irá se ocupar nesse processo. Vamos pensar nisso. Se você puser em prática toda essa influência positiva dos devotos, é claro que influenciará o planeta e ele pode se tornar *Vaikhunta*, o mundo espiritual. É pelo nosso pensamento que essas coisas podem se manifestar. Como dobrar a distribuição de livros nesse Centenário? Isso é um desejo que pode se manifestar. Prabhupada dizia que a doença dele era que ele não podia pensar pequeno. Que esse desejo seja satisfeito.

Há 5000 anos atrás, todos os sábios de Deus se reuniram aqui. As pessoas vieram para aprender alguma coisa. Mesmo os grandes professores se reuniram. Os sábios se reuniam para executar sacrifícios, não para conseguir mais dinheiro ou mais saúde. Eles vieram aqui para o benefício do universo inteiro. Assim, como existem sacrifícios de uma semana, para beneficiar o universo, esses sábios estavam preparados para um sacrifício que levaria mil anos. Quando o sol

levantava eles já haviam levantado o fogo sagrado. Não ofereciam sacrifício ao sol, à Shiva, à Ganesha ou à Durga. O sacrifício era para Vishnu. Eles ouviram muitos livros, como os Puranas. Depois de tantos anos ouvindo, eles quiseram ouvir o Srimad Bhagavatam. Quem está nos dando o Bhagavatam é Sukadeva Goswami. Qual é a sua posição? Ele estava em completa perfeição. *Bhava Bhakti*, auto-satisfeito. Aqui, toda a influência dos processos religiosos materialistas são neutralizados, enquanto os passatempos gloriosos do Senhor e seus devotos são apresentados. Os primeiros volumes do Bhagavatam são os pés de Krishna. Canto a canto sua forma transcendental se manifesta. Esta é uma boa oportunidade de estarmos em Naimisharanya. Eu peço a vocês, se abriguem no Bhagavatam. Assim como vocês podem conhecer estórias de fadas, estrelas de Hollywood ou Rock'n Roll, nós queremos ouvir o maior de todos, Krishna.”

Após esta palestra, os *swamis* da ISCKON deram início a um “*Agni Hotra*”, sacrifício de fogo, numa pequena recriação do que teria sido o sacrifício dos sábios na floresta, com o objetivo de purificar a influência nefasta da Era das Desavenças. Enquanto este era executado diante das deidades, os peregrinos eram instruídos para meditar na expansão do movimento e na conseqüente purificação da Terra, orando ao Senhor Chaitanya para derramar sua misericórdia por todo o planeta. Isto foi feito em silêncio, todos de olhos fechados. Ao final da cerimônia de fogo, todos foram convidados a se levantar e dar início ao *kirtana*, com os *Swamis* cantando aos berros: -*Gauranga! Nitiananda! Jaya Satinanda! Gaura Hare! Gauranga! Nitiananda!*⁵⁹ Teve início um *kirtana* muito vibrante, com todos os presentes deixando o local e continuando a peregrinação com muito entusiasmo.

A *Naimisharanya* de *Navadwep* é um lugar muito simples, apenas um mangueiral, como tantos outros espalhados pelas ilhas. Toda a região é muito singela, um sucessão de pequenas aldeias, campos de cereais, açudes, braços de rio, pomares cheios de mangueiras, coqueiros, bambuzais, e muitos bois, búfalos, cabras, patos, além de uma infinidade de aves aquáticas, típicas do Ganges, nessa época do ano. Quando a peregrinação parava num ponto qualquer, daquela paisagem rústica, graças às palestras e aos ritos, descobríamos que estávamos num local muito sagrado, num centro simbólico do universo.

Claude Levi-Strauss(1917:183) discute a construção de geografias míticas, enquanto expressão da lógica classificatória, por ele denominada de “Pensamento Selvagem.” Mitos são alocados no espaço, alargando os horizontes culturais do grupo social. Os ritos que celebram estes mitos revivem esses momentos fundamentais da criação, integrando-os no ciclo com que uma sociedade marca sua temporalidade. Este tipo de classificação permite estabelecer mediações entre dimensões muito concretas e particulares, como dar nome a alguém, com as dimensões universais que os mitos contém.

No caso do *parikrama* de *Navadwep*, é possível perceber que o ritual não apenas vai até aquelas fontes de sacralidade, originais e eternas, mas leva até elas seu movimento característico, seu dinamismo, presentes em seus novos adeptos. O presente vai, não ao passado, mas a eternidade do mito, em busca da sua força original, mediado pela ação das pessoas santas, do devoto puro, como *Nityananda* ou *Srila Prabhupada*. Sem o ritual, por outro lado, os lugares santos não vivem. É o *Hari Nama Sankirtana* que os faz viver. O *parikrama* evidenciava a força de seu espírito anti-estrutural, pois é através de sua execução que a estrutura simbólica, espacializada, pode ganhar vida. Isto fica muito presente, em *Navadwep*, pelo fato de muitos de seus sítios não terem sido transformados em lugares de culto permanente, com toda a estruturação social característica do Hinduísmo histórico.

Um pequeno açude era o lago sagrado de *Pushkar*, consagrado ao deus *Brahma*, o criador do mundo. Aqui nos foi narrado que:

“Havia um *sadhu* muito velho que não podia mais andar direito. Ele chorava muito por isso, pois queria ir até o lago de *Pushkar*, em *Rajasthan*. Até que um dia, um brâmane lhe disse: “Você não pode ver esse belo lago na sua frente? Vá, tome um banho! Você logo será capaz de ver o lago

⁵⁹ A tradução seria: Chaitanya, Nitiananda, Vitória para o filho de Sati Matha(Chaitanya), Chaitanya(o avatar dourado), Nitiananda!

de Pushkar”. Ao ouvir isso, o *sadhu* foi até lá e banhou-se. Imediatamente, pôde ver o lago. Ele estava em êxtase. O próprio lago de Pushkar disse que o santo não devia se preocupar, pois ele mesmo moraria naquele lago e ele não teria que andar muito. Aquele Pushkar disse: “Todos os lugares de peregrinação vem à Nawadeep. Eu pessoalmente vivo em Nawadeep, eternamente. Por isso, todo aquele que queira sair de Nawadeep para ir a outro lugar de peregrinação é o tolo Nº 1”. Se uma pessoa quiser fazer sua vida perfeita e visitar todos os lugares de peregrinação, aí então ela poderá vir morar em Nawadeep. A expansão desse Pushkar está em Jaipur. Certa vez, logo no começo do Universo, o Sr. Brahma quis fazer sacrifícios. Onde fazê-lo? Ele pegou uma flor (Pushpa) e a jogou, enquanto voava por todo o universo, até descer em Rajasthan, perto de Ajmer, onde a flor caiu. O Sr. Brahma foi lá fazer o seu sacrifício. Todos os brâmanes e *rishis* (sábios) foram para lá fazer as preparações.

Em Pushkar há um lago muito bonito e atrás está o templo de Brahma. É um lugar muito popular, incrível para chegar, cheio de estrangeiros. Quem quiser morar na Índia para pregar lá está convidado! Fomos lá com as crianças do Gurukula e cantamos os hinos do *Sri Brahma Samhita*. Estamos convidando vocês todos para pregar em Pushkar que o Pushkar original está em Nawadeep. Isso tem que ser dito, para todos lá. Vocês podem dar para eles a misericórdia de Gauranga. O que falta lá é o elemento Gauranga. Se ainda não pegaram um pouco desta água transcendental, façam agora.”

A sugestão do *Swami* não foi seguida por um *kirtana*, mas por um banho coletivo. O açude não era muito grande, mas como suas margens eram muito lamacentas e escorregadias, a maioria optou por apenas molhar as mãos, o rosto e os cabelos, o que já é considerado um banho. Muitos molhavam suas *gaunchas*⁶⁰ e depois as torciam sobre a cabeça, outros entravam no lago até os joelhos, suspendendo os *saris* e *dotis*. A atitude dos devotos diante dos lugares importantes da peregrinação variava muito conforme o caso. Em geral, limitava-se ao que é denominado de *Sravanam kirtanam visnoh smaranam*.⁶¹ Ouvir tais narrativas gloriosas, dos mestres espirituais autênticos, o primeiro passo para a realização espiritual, com as quais podem lembrar de *Krishna*, e compreender a importância de cantar Seus santos nomes. A peregrinação tem como objetivo exercitar esta atitude.

Em *Godruma dwep*, há um lago consagrado a *Nisimha Deva*, a encarnação homem/leão de *Krishna*, que teria lavado suas garras em suas águas, após estripar o demônio *Hiraniakasipu*. Ninguém pode tocar na água, pois significaria repetir o gesto da divindade, igualando o devoto ao ser divino, o que foi enfaticamente desaconselhado. No lago de *Hansa Vahana*, também em *Madhya dwep*, há uma *Shiva lingam* submersa. Um único devoto, um *bramachari* indiano, foi reverenciá-la de canoa, representando o *Parikrama*. Quando algumas devotas molharam suas *gaunchas* na água, os organizadores as repreenderam, exclamando: “Por favor, não façam isso! *Shiva* está dormindo!!!” A deidade só “acorda” uma vez por ano, quando a *Shiva lingam* é trazida à superfície e é adorada.

Nos templos, a atitude dos devotos também era bem padronizada. Os templos que nós visitamos estavam todos ligados ao movimento de *Sankirtana*. Eram lugares que Chaitanya Mahaprabhu e seus associados visitaram, ou nos quais os santos da sucessão discipular de Srila Prabhupada viveram. Todos tem salão de *kirtana*. Os devotos iam ver as deidades, prestavam reverências dando *dandavatis*, em meio a um *kirtana* muito intenso. O modelo estava próximo do *Guru puja* de Srila Prabhupada.

Não haviam *Aratiks*, uma adoração característica de templo, realizada em horários predeterminados, exceto o primeiro da manhã, para a deidade de Srila Prabhupada. *Aratiks* são solenes e marcam o tempo, enquanto o *sankirtana* também é *avaduta*, “além das regulações”, expressão bastante reveladora de sua importância. Não havia hora para acabar, depois que começava.

⁶⁰ *Gaunchas* são toalhas indianas feitas em tear, com mil e uma utilidades. Servem para tomar banho, sentar, enrolar na cabeça, na cintura, limpar as mãos e o que mais for possível fazer com um pedaço de pano.

⁶¹ Na tradução do Verso Três do “Néctar da Instrução”, Srila Prabhupada (1975:27) traduz tal expressão por: “ouvir, cantar e lembrar-se de *Krishna*”.

E nem deveria haver. Aqui manifesta-se uma atitude de espontaneidade, promovida pelo cerimonial. Este é o objetivo máximo de todo o *parikrama*. Significativamente, o *kirtana* mais forte era o realizado por último, antes da *prashadam* do almoço, quando a peregrinação do dia terminava.

É preciso não nos iludirmos com essa aparente ambigüidade do *sankirtana*. Como Tambiah(op.cit) também permite discutir, o *sankirtana* não é um tipo de rito que designe ou signifique a expressão de intenções, emoções ou estados mentais espontâneos ou naturais da alma. Significa um distanciamento de qualquer dimensão contingencial ou circunstancial, em nome de uma expressão altamente convencional do sentimento de amor à *Krishna*, fruto de toda a disciplina espiritual ao qual o devoto é submetido. Por isso mesmo, existem os salões de *kirtana*. Não são templos, mas salões cobertos apenas em cima, e totalmente abertos nas laterais. Todos podem entrar e sair a hora que quiserem, manifestando sua devoção. Esta *Bhakti* está além da disciplina, nunca aquém. Dois momentos demonstram bem esta dimensão.

Em *Godrumadwep* existe um lugar chamado *Amhagatha*, onde nos foi contada a seguinte estória: “Quantos passatempos Chaitanya não executou aqui? Chaitanya Mahaprabhu vinha cantar e dançar aqui. Já foi um lago aqui, o lago de *Kalia*. As vacas ficavam aqui e mugiam com medo, porque um enorme crocodilo morava no lago e se aproximava delas. E as vacas saiam correndo e mugindo. Uma senhora que morava aqui na época, fazia preparações de doces de leite para Chaitanya. Tinha um filho, Gopal, da idade de Chaitanya. A mãe de Chaitanya pedia o auxílio dela quando queria fazer doces para o seu filho. Um dia, ela pediu para Nimai chamar essa senhora para vir a sua casa. Mas Nimai avisou sua mãe a respeito do crocodilo. Ele trouxe seus amiguinhos, *kartalas* e *mrdangas*, e começou a fazer um *kirtana* em torno do lago. O grupo veio para o lago, encontrou a senhora e quando estavam cantando, o crocodilo se aproximou da margem e se aproximou de Chaitanya tocando seus pés com seu bico. O crocodilo tornou-se um menino muito bonito. Chaitanya perguntou: “Como você tornou-se um horrível crocodilo?”

- “Na vida passada, fui o filho de um semideus. Na infância, eu importunava as pessoas mais velhas. Um dia, *Durvasa Muni* passava pelos planetas celestiais e estava muito cansado. Eu vim por trás e puxei sua *sikha*(o rabo de cavalo dos devotos). *Durvasa* chateou-se: - “O que você está fazendo?” Ele ficou muito irado”. “Você vai virar um crocodilo!”

O menino começou a tremer de medo e começou a chorar: “Perdoe-me! Tenha compaixão por essa pobre alma!” “Eu terei.”- disse o sábio. – “Quando o Senhor chegar em Nádía ele libertará a todos, até você. Ele vai liberar todas as almas caídas, só pelo cantar dos santos nomes. O crocodilo vai morar perto do local do aparecimento de Chaitanya e então você terá a oportunidade de tocá-lo e retornar ao seu estado original.” Este é o local desta liberação, *Gordhari*. Tem que se entender que uma ofensa a um vaisnava é uma coisa muito perigosa. Façam, agora, se quiserem uma promessa de não mais ofenderem aos vaisnavas.! Pelo menos dentro de vocês, de seus corações, peçam para não ofenderem aos vaisnavas. *Durvasa Muni* se sentiu ofendido mas os vaisnavas não!

A gente trouxe vocês aqui só para dar medo em vocês. Para que no futuro vocês não ajam como o crocodilo. Essa história é uma prova do que acontece se você ofende um vaisnava. A gente pode avançar muito em vida espiritual se a gente para com esse negócio de ofender os vaisnavas. A organização do Festival ficará muito feliz se vocês não cometerem ofensas este ano. Estamos tentando satisfazer a Prabhupada, então, para a sua satisfação, nada de ofensas aos vaisnavas em 1996!!

Esta aula estava enfatizando a disciplina que os devotos devem obedecer para atingir a pureza característica da plataforma espiritual. É esta que deve estar sendo manifestada no calor dos *Hari namas*, nos salões de *kirtana*. Este lugar foi visitado no início do quarto dia de peregrinação do *Gauranga Group*. De lá, o grupo seguiu, de barco, pelo Ganges, até alguns lugares importantes no rio, em particular, *Panchaveni*(os cinco rios), um encontro de cinco braços do Ganges. A viagem de barco foi muito animada, com os devotos molhando suas *gaunchas*, e pegando a água do meio do rio para beber, ato considerado purificador. Paramos, num dos diversos bancos de areia que se

formam durante a estação seca, para tomar banho, repetindo um ato realizado por Chaitanya e seus discípulos. Este banho garante firmeza na vida espiritual.

Todos atiravam-se nas margens do rio, enlameavam-se ao máximo e jogavam lama uns nos outros. A lama do Ganges é *tilaka*, a argila com que todo *vaisnava* marca seu corpo em doze partes distintas, com um símbolo formado por duas linhas verticais, que se encontram numa folha de *tulasi* estilizada. A correnteza do Ganges é muito forte, de modo que ninguém se atrevia a nadar dentro do rio. Foi uma adorável brincadeira. Todos estavam de *gauncha*, e ao final colocaram seus *dotis* novamente. É esse entusiasmo brincalhão que caracteriza o movimento de *sankirtana*, mas ele não é fortuito.

Depois do banho, o *parikrama* seguiu para a cidade de *Navadwep*, a atual sede do distrito, localizada em *Kola dwep*. Existem importantes templos vaisnavas lá, principalmente o *samadhi* de *Sri Jagannatha das Babaji Maharaja*, o mestre espiritual de Bhaktivinoda Thakur, adorado como o primeiro *guru* da linha de sucessão discipular do Movimento Hare Krishna. O *samadhi* não é muito grande, encimado pelas deidades que ele adorava pessoalmente. O salão de *kirtana*, porém, é enorme. Os devotos fizeram um *kirtana* inigualável, os mais jovens, na casa dos vinte anos, pulavam a alturas inimagináveis, enquanto os mais velhos, com mais de trinta anos, terminaram encostados nos corredores, admirando a potência entusiasta da nova geração de *bramacharis* e *bhaktas*.

Este momento de êxtase tão intenso, demonstra bem a tese aqui proposta. O Movimento Hare Krishna de Srila Prabhupada, pode ser interpretado, nos termos propostos por Victor Turner, como anti-estrutural, tanto frente à sociedade indiana, como a qualquer outra onde se instale, como no caso dos Estados Unidos da América, onde se originou. Ele sobrevive, e cresce, porém, porque consegue, dentro do espírito de *communitas* que seu *Hari Nama Sankirtana* instaura, fazer com que indivíduos passem de uma situação de fervor espontâneo para outra de uma conduta disciplinada, em torno do mesmo êxtase transcendental.

Turner(1974:167) havia proposto que: “A *communitas* espontânea não pode nunca ser expressa adequadamente numa forma estrutural, mas pode surgir de modo imprevisível em qualquer tempo entre os seres humanos que são institucionalmente contados ou definidos como membros de algum tipo, ou de todos os tipos, de agrupamento social, ou de nenhum.”

O *Parikrama* de Mayapur, durante o Centenário de Srila Prabhupada, demonstrava que um elemento inesperado, uma surpresa, é possível, dentro do formalismo do rito. Mas todo aquela expectativa, todo aquele apelo à força vivificante de sua dimensão anti-estrutural só pode se manifestar plenamente dentro de um processo social muito bem estruturado, não em termos de uma organização social formalizada, mas em termos de uma sociabilidade de um outro tipo. Ali haviam devotos do mundo todo, a ponto de, em alguns momentos de puro êxtase coletivo, não haver contexto para distinções sociais de tipo algum. **Devoto** é um categoria social, evidentemente, mas não é um posição social rotineira. **Devoto** é quem manifesta de maneira expressiva a sua devoção.

O grande mérito de Turner está em lembrar-nos da importância dos cerimoniais religiosos para a manutenção da vida social. Tal função social torna-se problemática no mundo moderno, sem desaparecer. Como todos os estudos da importância da ética protestante para a formação do indivíduo moderno discutiram, a visão moderna de mundo parte, entre outras coisas, de uma profunda descrença diante daquilo que Levi-Strauss(1970), denominou de **Eficácia Simbólica**.

Como afirmou Douglas(1976:79): “O movimento protestante deixou-nos uma tendência a supor que qualquer código de conduta é estranho a movimentos naturais de simpatia, e que qualquer religião externa trai a verdadeira religião interior(...) Pois é um erro supor que pode haver religião que seja completamente interior, sem regras, sem liturgia, sem sinais exteriores de estados internos. Como na sociedade, assim também na religião, a forma externa é a condição de sua existência”.

No caso de Mayapur, estamos diante de um contexto cultural marcado por uma profunda crença na eficácia de seus ritos e símbolos espirituais. Aqui está a dimensão distintiva, da civilização indiana, frente ao desenvolvimento ocidental da concepção do religioso. Em Mayapur,

onde o contato com a terra, a água do Ganges, e tudo o mais que exista, a todos purifica, não há lugar para somente uma “religião interior”. O *gaudya vaisnavismo* é uma religião extremamente social, constituída em torno de seus *Hari nama sankirtana*, *bhajans* e *pujas*, através dos quais a misericórdia de Sri Chaitanya Mahaprabhu é transmitida a todos os participantes e nas quais, o sentimento interno, de comunhão com o divino, é exteriorizado.

No quinto dia, *Iswara Swami* não foi ao *parikrama*. Alguns devotos, que estavam dormindo no acampamento, voltaram para lavar roupa, e eu também permaneci em Mayapur. No sexto dia, fomos para a nona ilha, *Rudra dweep*, a ilha do deus Shiva. Foi nesta ilha que *Chaitanya Mahaprabhu* atravessou o Ganges a nado e partiu, para tomar a ordem de *Sannyasa*, com *Keshava Bharati*, um *Swami* da ordem de *Adi Shankaracharya*. Sua mãe e sua esposa, inconsoladas, teriam ido atrás dele, mas não conseguiram que ele voltasse. Por isso chamaram o lugar de *Nidaya Ghat*, “o porto impiedoso”. Atualmente o local está seco, pois o Ganges mudou de curso a cerca de duzentos anos. Existe um imponente mangueiral, com a mesma idade, no qual *Suhotra Maharaja*, um *Swami* de origem norte americana, pronunciou a seguinte palestra:

“Como podemos lidar com a filosofia impersonalista? *Rudra Deep* é a última pétala do lótus e é consagrada a Shiva. *Shankaracharya* é um grande professor de filosofia indiana, mas sua filosofia védica não é a verdadeira. Ela está coberta pelo Budismo. Há 2500 anos atrás Krishna apareceu como Buda. Ele tinha a missão de fazer parar os enormes sacrifícios de animais feitos em nome dos Vedas. Para parar com eles ele rejeitou a autoridade dos Vedas. Nos séculos seguintes, Buda estabeleceu sua religião e muitos reis se tornaram budistas. A partir daí, a Índia praticamente como um todo adotou tal religiosidade, abandonando os Vedas. Oitocentos anos depois de Cristo, Shiva encarnou como *Shankaracharya* com a missão de re-estabelecer a cultura védica nestas terras, cobertas pela filosofia budista. Mas como as pessoas já estavam acostumadas com a filosofia budista ele teve que estabelecer um acordo com aquela filosofia. Ele estabeleceu a Doutrina da unidade, ou *Mayavada*, a filosofia da ilusão. Na verdade, sua filosofia foi uma medida de emergência.

Os *Mayavadis* estão esquecendo o ponto principal, que nós vimos neste *Parikrama*. Shiva é o maior devoto de Krishna. É preciso dizer que os maiores *Acharyas*, como Ramanuja, estiveram aqui. Todos receberam *darshan* do Sr. Gauranga. Aqui em *Rudra dweep* *Visnuswami* teve uma visão de Gauranga. Ele disse-lhe que todos estas personalidades são *Paramahansas swamis*. São cisnes transcendentais. Eles tem uma qualidade especial. Numa mistura de leite e água, ele pode tomar somente o leite. Assim, o mundo material, no qual vivemos, é uma mistura de pureza e matéria. Os *vaisnavas* ensinam como vivendo no mundo material é possível extrair sua essência espiritual. Essa essência é a consciência de Krishna e *Chaitanya Mahaprabhu* nos deu o processo de extração. Toda a filosofia dos demais *vaisnavas* está centrada neste processo de cantar o *Maha mantra*.

Shankaracharya viajou pela Índia inteira acabando com o Budismo. Mas quando ele chegou nesta ilha, seu guardião, *Rudra Deva* (Shiva) disse para ele: “Você é uma expansão minha! Estou guardando este lugar para aquele que vai aparecer aqui, daqui a alguns séculos. É bom que você acabe com o budismo, mas aqui não há Budismo. Só há devotos! Por favor, não pregue aqui. Ele atendeu e não pregou. Por isso, ele teve um *darshan* com *Chaitanya*, que o reconheceu como seu devoto eterno. Para acabar com o Budismo e re-estabelecer os Vedas, vários *acharyas* vieram, um após o outro, estabelecer a verdade dos *Vedas*, que é a *Bhakti Yoga*, a *Krishna Bhakti*. Finalmente, *Chaitanya Mahaprabhu* veio para dar o ápice da *Bhakti*, que é *Krishna Prema* (amor puro por Krishna). Tudo isto está concentrado no *Maha mantra*, neste verso. Os *Vedas* foram refutados, mas retornaram através dos *Acharyas*. Nos *Vedas*, afirma-se que toda a filosofia védica está contida nessas dezesseis sílabas. Cantando-o toda a contaminação da *Kali Yuga* é anulada. A pior filosofia de *Kali Yuga* é a filosofia *Mayavada*.

Este ano do Centenário, devotos do mundo inteiro, sejam entusiastas, joguem fora todas as contaminações e preocupações e se sobrecarreguem com a energia transcendental dessas nove ilhas. É como ligar a bateria na fonte original desta energia! Você volta e canta entusiasticamente para quebrar o coração de pedra destes *Mayavadis* que estão em todo lugar. Como Shiva é um *vainava*, ele apareceu como o melhor dos *Mayavadis*. Assim como Shiva, que é o melhor devoto, apareceu como um *Mayavadi*, há um devoto no coração de cada *Mayavadi*. Todo mundo em sua condição original é uma alma inteiramente liberada. Como retornar a essa condição? Através da vibração transcendental do Maha Mantra. Por isso, vocês estão aqui no *Dhama*. Seja para se sobrecarregar desta energia, receber a misericórdia eterna de *Chaitanya Mahaprabhu* e levá-la para todos os lugares. Isso vai mudar a face do mundo.”

Leach(1995:307) formulou uma importante discussão sobre o significado de narrativas míticas. Mito e rito consistiriam em afirmações a respeito de posições sociais e relações estruturais. Mitos são narrativas e ritos apresentam conteúdos. Os mitos, segundo ele pode observar nas terras altas da Birmânia, não contêm apenas uma estrutura simbólica a ser atualizada ritualmente, no sentido utilizado por Turner. Ele observou que a existência de versões rivais dos mitos eram fundamentais para entendê-los. Poder contar um mito, de forma a engrandecer a posição do narrador, ou de alguém para quem se narra, é o objetivo da narrativa. É o contexto social em jogo que dá sentido a dramatização em cena.

Os *Swamis* da ISCKON respeitam muito as deidades, templos e lugares do culto à *Kali* e *Shiva*. O que eles reivindicavam em suas narrativas, era que sua interpretação da posição e papel dos mesmos fosse aceita. Eram reivindicações de hegemonia, de um *status* de pureza e legitimidade, enquanto intermediários entre aquelas fontes de sacralidade e os participantes do Festival. O universo das seitas hindus é marcado pela concorrência entre versões e concepções religiosas. Só existem versões, como os comentários de Srila Prabhupada às principais escrituras *vainavas*. Por isso a relação pessoal com os *gurus* e *swamis* é tão fundamental. O conhecimento espiritual só pode ser transmitido a partir de uma versão muito bem estruturada e os *Swamis* da ISCKON estavam tentando provar que possuem uma legítima versão do *Gaudya Vaisnavismo*.

Esta última palestra, por exemplo, tão enfática em sua crítica a um Shankarismo pouco presente na região, atualizava a necessidade da ISCKON distinguir seu *vainavismo* dos ensinamentos dos célebres *Swamis* neo-hindus de Calcutá, Ramakrishna e Vivekananda, parentes e contemporâneos de Bhaktivinoda Thakur, mas seguidores de Shankaracharya. Muitos participantes, indianos e estrangeiros, provavelmente os conheciam, devido a popularidade dos ensinamentos da influente Missão Ramakrishna, dentro e fora da Índia. Tais tensões expõem uma característica da aultivocalidade dos ritos, que Tambiah(1985:155) distinguiu, enquanto a dimensão semântica e a pragmática do rito. Os ritos tem conteúdos claros, eles querem dizer coisas. No caso, o *parikrama* quer dizer que o movimento de *sankirtana* de Chaitanya Mahaprabhu é a modalidade religiosa mais adequada para o mundo atual, contando com todas as bençãos possíveis do universo simbólico hindu.

Por outro lado, os ritos tem efeitos pragmáticos também visíveis. Seus promotores buscam alocar pessoas em posições e relações de poder e solidariedade. O acesso à participação nos principais ritos sociais é diferencial, com diferentes níveis de desfrutes de tais benefícios. No caso do *vainavismo*, é a noção de **pureza espiritual** que expressa essa diferença. Quanto maior a pureza, maior o benefício. Por isso, em torno de entidades que simbólica e iconicamente representam o Cosmos, como Shiva e Chaitanya, são, simultaneamente indexados valores que legitimam e realizam hierarquias sociais, construídas em torno deste valor.

No *Parikrama*, a hierarquização de posições estava constituída entre **promotores do evento: participantes: expectadores**. Os *Swamis* afirmavam sua posição conduzindo não só o rito, mas as próprias deidades, os sujeitos do rito. Somente brâmanes *vainavas* e *Swamis* podem tocá-las e só alguns, dentre estes, realmente o faziam. Os mesmos que ministravam as palestras, expressando o discurso oficial da ISCKON. Todos os presentes participavam, mas a maioria vivenciava o rito na

condição de expectador. Somente nos *pujas* e *kirtanas* os devotos, individualmente e como um todo, eram chamados a participar ativamente. Os habitantes locais ficavam reduzidos a condição de expectadores. Assistiam a um rito que passava pela porta de suas casas, de seus templos e de suas plantações.

Diariamente, muitos aldeãos saudavam os devotos, quando estes passavam por suas casas e templos, ou acampavam perto delas. Chegavam a assistir alguns *aratiks* e alguns *kirtanas*, nos templos dos arredores de suas aldeias, mas não faziam parte deles. Bhaktivinoda Thakur, ainda no século XIX, sonhara em reunir devotos do mundo inteiro para participarem de *Hari Namas*, junto ao povo bengali. No *parikrama*, este ideal manifestava-se muito mais com a superposição dessas duas categorias sociais, do que com a sua comunhão. Os devotos brasileiros, particularmente, achavam estranho que aqueles *vaisnavas* de *Navadwep* pescassem, criassem uma quantidade notável de porcos, patos, galinhas e cabras, e adorassem a deusa *Kali*, com a mesma familiaridade com que adoram *Sri Chaytania Mahaprabhu* e os *Swamis vaisnavas*.

A zona rural de *Navadwep* é conhecida pelo seu culto *Shakta*, à deusa *Kali*, e várias vezes os peregrinos cruzaram com pequenos templos dedicados a ela. Passamos por uma fábrica de suas deidades, cheio de *murtis* da deusa representada em pé sobre o corpo inerte de *Shiva* com a língua para fora, portando seus punhais e seu colar de crânios. Visitamos também o templo de *Praudhamaya Devi*, onde os devotos adoraram esta encarnação de *Kali*, a protetora da terra sagrada de *Navadwep* e dos devotos *vaisnavas*. Nestes momentos, não eram feitas considerações a respeito dos perigos do impersonalismo *Mayavada*, mas ao respeito que *Shiva* e *Kali* merecem, enquanto os maiores *vaisnavas*.

Para os brasileiros, a concorrência existente entre os ensinamentos dos *Swamis Gaudya vaisnavas* e os ensinamentos de Vivekananda, assim como a necessidade de definir bem as relações entre os principais personagens míticos do panteão hindu, não despertava quase nenhuma atenção. Alguns procuravam entender *Shiva* enquanto o maior *vaisnava*, com o poder de purificar pessoas muito materialistas. Outros, simplesmente consideravam sua adoração, e à deusa *Kali*, coisa de gente ignorante, algo semelhante com a “macumba” brasileira.

No sétimo e último dia do *parikrama* não fomos à peregrinação, mais uma vez. Ao contrário, ficamos no complexo para esperar a chegada dos devotos. Os dois grupos reuniram-se no Bhaktivinoda Institute, em *Yoga Pitha*, para a *prasadam* matinal. Muitos devotos foram para lá, a dois quilômetros do complexo da ISCKON, para voltarem com o grande grupo de devotos. Nós subimos ao terraço do prédio principal à frente do templo, de onde se vê toda a região, para assistir o *parikrama* retornando à ISCKON. À frente, o palanquim com a deidade de Srila Prabhupada e *Goura-Nitai*, transportada pelos discípulos de Srila Prabhupada. Atrás, o *Gauranga Group* e o *Nitiananda Group*, cerca de 2000 pessoas, de todo o mundo, num gigantesco *Hari Nama Sankirtana*, animado por muitas *mrdangas* (tambores de barro) e *karatalas* (címbalos de metal), atravessavam solenemente o portão em frente ao *Samadhi*. Prabhupada saía com seus seguidores numa peregrinação por *Navadwep*, agora todos retornavam, não ao *Mandir*, de onde haviam saído, mas ao *Samadhi*. A peregrinação, propriamente dita, encerrou-se com a *prasadam* vespertina, às 14:00, no grande salão de *prasadam*, com capacidade para 1200 pessoas.

O Festival não perderia o ânimo, todavia. O *parikrama* terminaria no dia 26 de fevereiro, uma segunda-feira. Na programação oficial, a inauguração do *samadhi* estava planejado para o dia 27, imediatamente após o retorno do *parikrama*. Devido à questões técnicas, ele ocorreu dois dias depois. No dia seguinte, 27, começaram uma série de atividades comemorativas, como *shows*, seminários e exposições. Somente no dia 29, porém, o *Puspa samadhi* de Srila Prabhupada foi inaugurado, com o maior *kirtana* de todos, o ponto alto de toda a programação. O dia começou como os outros, às 04:15 da manhã, com o *Aratik* em louvor à Srila Prabhupada. Após o *tulasi puja*, por volta das 05:30, foi anunciado que a inauguração do *puspa samadhi* (o memorial das flores)

aconteceria naquele dia, a partir das 10:00h. O evento propriamente dito era bem simples. Uma *murti* de Srila Prabhupada, em tamanho natural, receberia um *abisheka*, um banho cerimonial. Os elementos mobilizados para este rito, todavia, foram notáveis.

Tambiah(op.cit) denomina o processo de realização de ritos, na escala do *Parikrama* de Mayapur, pelo conceito de **Involução ritual**. Tais super elaborações e super prolongamentos da ação ritual procuram envolver uma determinada categoria social totalmente, como se quisesse afirmar que o rito é maior que a vida. O estilo de vida dos Hare Krishna busca esse ideal, realizando a vida espiritual numa vida ritualizada. Tal mobilização envolve, ritualmente, os domínios do religioso, do político e do econômico, fundido-os num fenômeno único. A realização de tais processos leva a uma intensificação da mensagem do ritual, às custas de um uso extremo de recursos de *media* e do elemento redundante característico da ação ritual. Neste sentido, o *parikrama*, em particular, e o Festival do Centenário como um todo, eram marcados por uma repetição extrema dos mesmos atos, que terminariam sintetizados, de forma monumental, na inauguração do memorial.

O PUSPA SAMADHI



Este mapa do complexo cerimonial da ISCKON foi distribuído a todos os participantes do Festival. Todas as instalações estão assinaladas com números, enquanto o *templo* e o *samadhi* estão marcados pelo nome e pelo desenho de suas *murtis*. O tamanho das imagens está exagerado, assinalando sua importância. Ambos constituem o eixo da vida ritual de Mayapur. Não devem ser vistos como dois “templos”, no mesmo sentido, porém. O templo propriamente dito é o *Sri Sri Radha Madhava Mandir*. O *Samadhi* tem outro caráter, evidenciado durante sua instalação cerimonial.

O memorial chama-se *Pushpa Samadhi Mandir*, mas não é um templo como os demais, da ISCKON ou da região, nem é como os *samadhis* dos seus antecessores, em *Navadwep*. Srila Prabhupada não está enterrado em Mayapur e sim em Vrindavanam, às margens do rio Yamuna, no Uttar Pradesh, a 100km de Nova Déli. Lá, seu mausoléu está situado à entrada do templo. A construção sugere um salão de *kirtana*, tipo bengali, fechado nas laterais, com capacidade para 250 pessoas. Este *samadhi* de Mayapur, todavia, não possui um salão de *sankirtana*, pois ele foi concebido como um gigantesco salão de *sankirtana*, com capacidade para 10.000 pessoas. O prédio principal tem sessenta metros de altura, com um salão interno, para o *sankirtana*, de vinte e dois metros de diâmetro. O conjunto todo pode ser visto como um “palácio do *sankirtana*”. Sua construção teve início em 1984, terminando em março de 1995.

O complexo da ISCKON não foi construído em estilo bengali. Prabhupada optara, em 1972, por um estilo neo-hindu inspirado na arquitetura tradicional da cidade de Jaipur, a capital do estado

do Rajasthan, importante centro do vaishnavismo no oeste da Índia. O *Samadhi* segue o seu estilo palaciano, acrescido de um toque arquitetônico italiano. Há uma questão histórica nessa opção. Embora o Movimento de *Sankirtana* tenha nascido na Bengala, sua estruturação, enquanto seita, ocorreu em Vrndavanam, graças aos Seis *Goswamis*, discípulos bengalis de Chaitanya Mahaprabhu. Este culto vaishnava tornou-se característico daquela região, onde localizava-se a sede do Império *Moghul*, influenciando até seus líderes, como o imperador *Akbar*. No Rajasthan, a “terra dos reis”, ele atingiu um ápice, manifestado no original, e belíssimo, estilo indo-islâmico, típico de cidades como Jaipur, Delhi, Agra e Vrndavanam. Srila Prabhupada trouxe este estilo para Mayapur, e o complexo da ISCKON fez dele sua marca registrada na região.

O Memorial tem quatro níveis. De quem entra, vindo da rua, o primeiro piso é alcançado após uma larga escada em mármore, o principal acesso para o salão de *sankirtana*. O pé direito do salão é muito alto, terminando numa cúpula. As paredes do salão são decoradas com oito mosaicos alusivos à obra missionária de Srila Prabhupada. É possível entrar no alto da cúpula, por uma passagem estratégica no terraço. Deste, é possível ver todo o complexo da ISCKON, o Ganges e boa parte de Mayapur. Existem mais dois andares acima, nas laterais do prédio, com dioramas que retratam os momentos mais importantes de sua vida. A infância em Calcutá, a vida retirada em Délhi, a ida para os Estados Unidos, os *happenings* no Central Park de New York. O último o retrata no leito de morte, na companhia de seus discípulos. São acessíveis por fora do salão, numa entrada independente do segundo andar, onde existe uma livraria da ISCKON, com livros em inglês, bengali e hindi.

Há um subsolo, abaixo do salão, no nível do chão, ocupado por um anfiteatro convencional, com palco, cadeiras, iluminação e aparelhagem de som. Saindo deste subsolo, depara-se com uma pequena confeitaria, que vende os doces oferecidos à Srila Prabhupada no altar do *Samadhi*. Este piso termina num *kunda*, um lago todo cercado por tijolinhos, típico dos templos hindus, rodeado de coqueiros. Todo o *samadhi* é rodeado por jardins com bancos, tendo o ar de uma pequena praça. Placas pedem aos visitantes que não arranquem as flores. Existem guardas uniformizados, portando cassetetes, para zelarem pela ordem no local.

Dentro do salão de *sankirtana* é proibido cantar *japa* sentado, exceto nos dois pequenos degraus que lhe servem de acesso, ou junto às paredes do *Samadhi*. Como o salão fica num nível um pouco abaixo da entrada, existem os degraus circulares. Se alguém sentar no meio do salão ou junto às paredes da deidade de Srila Prabhupada, é advertido pelos guardas. A deidade está instalada bem no centro do salão, num pequeno altar. O devoto deve estar em movimento, um movimento cujo centro de referência é Srila Prabhupada. O salão é tão grande que não ficou lotado pelas três mil pessoas presentes no dia da inauguração. Ao contrário das outras atividades do Festival, o acesso a esta cerimônia era restrito. Somente os devotos devidamente inscritos, identificados com as pulseiras vermelha ou azul, poderiam entrar. Muitos presentes não haviam participado do *parikrama*. Vieram especialmente para a cerimônia, mas estavam inscritos no Festival, possuindo as pulseiras.

No altar de Prabhupada ficaram os *swamis*, os outros filhos espirituais de Prabhupada presentes e alguns sacerdotes. *Iswara Swami* estava entre eles. A cerimônia começou com um *Aratik*. Só que neste, em particular, todas as oferendas eram grandiosas. Ao invés de uma chama, um prato repleto de lamparinas; ao invés de alguns palitos de incenso, um pote dourado cheio de varetas; ao invés de uma flor, o altar repleto de guirlandas; ao invés de uma taça de água, o banho. Primeiro, a *murti* foi esfregada com estrume de vaca, o primeiro banho, seguido de muitos baldes de água pura. Depois, outra série, água perfumada, água com pétalas de rosas, leite, yogurt, mel, caldo de cana e sucos de fruta. Ao final, mais água pura.

Enquanto cada *Swami* despejava um balde, os devotos, abaixo do altar, cantavam, dançavam e rodopiavam pelo salão. A acústica do local favorece muito à reverberação do som e o resultado era um fortíssimo *Hari Nama*. O local vibrava ao som de *Hare Krishna! Hare Rama!* Do alto da cúpula, que representa o mundo espiritual, eram atiradas pétalas de rosa. As paredes da cúpula são decoradas com motivos celestiais, representações das divindades hindus, e abaixo, Srila Prabhupada, o devoto

puro de Krishna, era adorado pelos seus discípulos. Ao final de todos os banhos, todo o líquido, agora transformado em *charinamrta*, néctar espiritual, foi distribuída aos presentes pelos *Swamis*. Alguns devotos haviam levado seus copos, outros bebiam nas mãos, e no final, os *swamis* simplesmente jogavam o líquido naqueles que estavam próximos do altar. Era um delírio. Ali estava o espírito de *communitas* do *sankirtana*, em todo seu vigor. A cerimônia durou até meio dia e meia, mas o *kirtana* só terminou às 14:00 horas.

O evento realizava o ideal da ISCKON, a realização da profecia de Chaitanya. Aquele rito sintetizava todo o esforço de Srila Prabhupada e seus sucessores. Ali estava a ISCKON, não somente uma sociedade civil transnacional, mas o mundo inteiro cantando *Hare Krishna!*. O rito produzia uma imagem desta realização. Ao centro, Srila Prabhupada, vivificado na adoração que recebia. Em torno dele, a liderança da ISCKON, seus discípulos, os novos *Swamis*. Em baixo, toda uma nova geração de discípulos dos novos *Gurus*, a prova viva da continuidade do Movimento. Em volta, uma multidão de simpatizantes, possíveis novos adeptos. Do lado de fora, o complexo da ISCKON, operando regularmente dentro da vida social de Mayapur.

A instalação do *Puspa Samadhi* revelou três dimensões a serem consideradas: A trajetória do *Swami*, sua história de vida mitificada e celebrada; o *sankirtana*, que, enquanto rito fundamental, constitui um complexo de atitudes e atividades ao seu redor; e a vida comunitária, centrada no cerimonial de adoração vaisnava, às deidades do templo. A estruturação da relação mestre/discípulo foi sendo construída em torno do templo e de sua vida cerimonial. Esta, precisa ser considerada sempre em relação às outras duas. A existência de um templo para as deidades e um templo para o *sankirtana*, com toda uma vida social circulando entre os dois, conforme apresentado no mapa, pode ser vista como uma imagem que sintetiza a dinâmica do Movimento Hare Krishna.

O Centenário de Srila Prabhupada tinha uma dimensão histórica dentro do *Gaudya Vaisnavismo*. Em 1986, foram celebrados os quinhentos anos do aparecimento de Chaitanya Mahaprabhu, com festivais, encontros, seminários e publicações alusivas, em diversos locais da Índia. Em 1998, por sua vez, veio a ser celebrado o Centenário da instalação do *Yoga Pitha*, onde Chaitanya Mahaprabhu nascera e Bhaktisidhantha Sarasvati vivera. As celebrações do Centenário de Srila Prabhupada fizeram parte dessa série maior de comemorações.

Os cem anos de Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami foram celebrados junto aos 24 anos da instalação do Complexo da ISCKON. Aquela cerimônia realizou o *Hari Nama Sankirtana* de uma forma nunca antes vista, seja na ISCKON, seja em Mayapur como um todo. Era fruto de um movimento devidamente organizado, realmente estruturado, normatizado. Isto era visível no rito em si. A ISCKON celebrava a si mesma, enquanto uma instituição espiritual que deu certo, por seguir as instruções de seu idealizador e realizá-las. Daí, o acesso restrito aos participantes do Festival. Não caberia, naquele momento, uma platéia, pois o objetivo do rito era a satisfação do mestre espiritual, devidamente consagrado no plano das deidades. Somente seus adoradores, inscritos em seu festival, devidamente identificados pelas pulseiras coloridas, poderiam expressar sua devoção a ele. Estavam lá para fazê-lo. Novamente, existe êxtase, mas não há lugar para o acidental, o fortuito, o casual.

Ao afirmar que a ISCKON celebrava seu próprio sucesso, buscamos demonstrar como a realização de um rito daquelas dimensões, explicita o nível de estruturação do Movimento Hare Krishna, dialeticamente. Estes ritos serviam para situar, definitivamente, o valor do *sankirtana* de Srila Prabhupada, aquele que trouxe devotos do mundo inteiro⁶² para Mayapur.

⁶² No Festival, havia um salão com cartazes dos templos e comunidades rurais Hare Krishna existentes no mundo inteiro, presentes em Mayapur. Foi possível registrar a presença de várias congregações indianas, de seus respectivos estados; congregações de comunidades indianas fora da Índia, como na Guiana, Trinidad-Tobago, Fidji, Malásia e estados africanos; congregações de países africanos, melanésios e da Ásia ocidental; congregações russas, da Europa Ocidental, Austrália, Estados Unidos, Canadá e de diversos países da América do Sul.

Às 18:30, no templo principal, os vaisnavas bengalis, vindos de *Nawadeep*, lotam o salão num *Hari Nama Sankirtana* inigualável. Era impressionante ver aquele salão lotado, os bengalis pulando, cantando, rodopiando em volta do altar, tocando o sino da entrada, junto com os devotos da ISCKON. Ali estava o espírito de *Sri Chaitanya Mahaprabhu* vivificado, a profecia de Bhaktivinoda Thakur realizada, o fruto dos esforços de Srila Prabhupada, todos condensados. Segundo *Iswara Swami* averiguou, aquela festa acontece todos os dias, naquele horário e é a mais característica de toda a Mayapur.

O templo, o lar das deidades, sede da estrutura simbólica, é tomado por aquele fervor, o anti-estrutural espírito de *communitas* do *sankirtana*, de uma maneira totalmente rotinizada. A promoção do Festival do Centenário de Srila Prabhupada, em seu contexto cultural de origem, demonstra que estruturação, neste caso, não significa perda de entusiasmo. Chaitanya Mahaprabhu nasceu e viveu ali, e os habitantes de *Navadweep*, descendentes dos habitantes da *Nadia* original, ali o celebram. Como afirmamos antes, a ISCKON, e seus adeptos estrangeiros, é que constituem-se no elemento anti-estrutural, intensificador do rito.

Naqueles dias, tal êxtase foi reforçado pela presença de um grupo de *bramacharis* vindos de Manipur, um pequeno reino do leste da Índia, na fronteira com Myanmar (ex-Birmânia). Seus habitantes, de origem tibetano-birmanesa, são vaisnavas regionais, distintos da classe média indiana presente no Festival da ISCKON. Possuem um estilo muito próprio de *kirtana*, que empolgava os presentes. Outra grande atração no Festival eram os devotos russos. Eram um grupo de duzentos jovens entusiasmados, favorecidos pela passagem barata entre Moscou e Delhi.

Segundo um experiente devoto brasileiro, participando pela quarta vez do Festival: “A situação da Rússia lembra a América Latina na década de oitenta. Muito entusiasmo, muitos *bramacharis*, muitos devotos novos. Uma explosão! Um dia desses, um jovem russo perguntou-me, com um ar de superioridade – Você também faz parte da ISCKON?” O Movimento Hare Krishna fora perseguido na União Soviética, registrando alguns mártires, mortos na prisão. Beneficiou-se muito com a abertura política e o fim do comunismo. A presença maciça de tantos adeptos na Índia era uma evidente expressão de todo aquele processo de mudança política. De maneira comparável, no Brasil, o Movimento Hare Krishna entrou em expansão durante a abertura política, no Governo Figueiredo.

A ISCKON, em Mayapur, tem um projeto muito mais ambicioso a executar. Srila Prabhupada deixou esboçado um gigantesco “Templo do Planetário Védico”, que conteria um modelo do Universo, a mais completa representação da visão de mundo contida nos Vedas, a literatura sagrada da Índia. O grande problema deste projeto é traduzir aquelas dimensões tradicionais para uma escala arquitetônica moderna, que viabilize a construção, orçada em setenta e cinco milhões de dólares. Este templo busca encarnar visões transcendentais de diversos santos vaisnavas, desde a época de Chaitanya Mahaprabhu. O plano da ISCKON é que ele seja construído com recursos externos, coletados no mundo todo, tornando-se, realmente, um centro universal do vaisnavismo. Este projeto ambiciona tornar a ISCKON o mediador principal da visão de mundo *Gaudya Vaisnava*, dentro e fora da Índia.

Um dos maiores símbolos do espírito do Festival do Centenário eram as 1008 águas sagradas da Índia. Ao longo do ano de 1995, vários devotos indianos dedicaram-se a coletar águas sagradas dos mais diversos lugares santos, em grutas e fontes dos Himalaias, *kundas* e poços dos templos. Estas águas estavam engarrafadas e expostas em Mayapur, em fevereiro, embora só fossem utilizadas para banhar Srila Prabhupada em seu centésimo aniversário, no dia 06.09.96. Neste dia o *Samadhi* esteve aberto a todos, recebendo cerca de 31.000 pessoas, a maioria bengalis. O objetivo do *parikrama* é mostrar como toda a espiritualidade da Índia está acessível em *Navadweep*, porque *Sri Chaitanya* manifestou-se lá. O objetivo do festival de Srila Prabhupada é celebrar que este *Swami* permitiu a qualquer pessoa da Terra ter acesso à toda sua potência espiritual. O *Maha Abisheka*, por

sua vez,(O maior dos banhos) de setembro, realizaria um significado oposto. Srila Prabhupada sintetizaria nele mesmo, toda a sacralidade indiana, para, em seguida, a re-distribuir pelo mundo, através de sua organização. A água do Centenário foi distribuída para todos os templos da ISCKON, para os devotos que a quisessem adquirir, tendo sido reutilizada em diversas cerimônias. Até hoje é possível comprá-la, na Índia ou nos Estados Unidos.

SWAMIS, BRAMACHARIS, BRÂMANES e BHAKTAS

Ao término do *parikrama*, havia outra programação no Complexo da ISCKON, como os seminários iniciados a partir do dia 27 de fevereiro. Às 11:30, no auditório do *Samadhi*, vários *Swamis* dividiam com os demais suas experiências, aventuras e realizações na prática do *Sankirtana*, pelo mundo afora. Num horário matinal, das 10:30 ao meio dia, e num horário vespertino, das 16:00 às 17:30, haviam pequenos seminários para grupos específicos, como os brasileiros, fazendo com que as delegações presentes se dispersassem. Todos os devotos reuniam-se na adoração matinal no templo, no salão de *prashadam*, mas, nos outros momentos, essas delegações conviviam entre si a maior parte do tempo. A atividade mais freqüentada eram seminários oferecidos pelos outros dois *Swamis* brasileiros presentes no Festival.

A mudança da inauguração do *Pushpa Samadhi*, do dia 27 para o dia 29 de fevereiro, deu aos devotos dois dias para se reinstalarem com calma dentro do Complexo de Mayapur. O estilo do Movimento Hare Krishna no Brasil se fez notar, de maneira mais nítida, no acampamento onde estávamos hospedados. Havia dois preços para acomodação no Festival. Por 200 dólares era possível ficar em tradicionais barracas de palha bengali, com chão de tecido de juta, luz fria, banheiros escavados no chão e banho de bica à manivela, localizados nos acampamentos N°08 (no mapa). Por 400 dólares, era possível ficar em barracas de lona, com chão de tijolos, em camas de campanha, com banheiros de louça e chuveiros de cano, nos acampamentos N°07.

A primeira opção revelou-se uma prova visível do lema de Srila Prabhupada : “**Vida simples e pensamento elevado**”. Tais barracas eram incrivelmente frescas durante o dia e agradáveis à noite, enquanto as barracas de lona eram insuportavelmente quentes durante o dia e geladas à noite. Além disso, uma forte tempestade noturna derrubou uma boa parte delas, na noite seguinte ao retorno do *parikrama* (27.02.96), deixando os devotos ao relento. “*Arranjos de Krsna*”, para que todos realizassem a importância da austeridade na vida espiritual, chegaram a comentar alguns devotos.

Quando chegamos ao Complexo de Mayapur, cerca de vinte e quatro devotos, do sexo masculino, foram instalados em três barracas do acampamento N° 08. Nós recebíamos, junto com a pulseira de identificação e o recibo da inscrição, uma ficha com o número do acampamento e da barraca, por parte da organização do Festival. Fora feita uma seleção dos integrantes da delegação brasileira. Minha barraca, por exemplo, era uma barraca de iniciantes e devotos que estavam voltando à vida espiritual.

Um jovem *bramachari* do Maranhão, recém-iniciado, acompanhava a peregrinação de seu mestre espiritual, *Iswara Swami*; outro *bramachari* renunciado, ainda *bhakta*, também acompanhando *Iswara Swami*, recém saído de três meses no templo de Belo Horizonte; um devoto externo de Belém do Pará, estudante de arquitetura, interessado em arquitetura indiana tradicional, sem *guru*. Esteve conhecendo todos os templos da ISCKON no Brasil antes de ir para a Índia. Outro *bhakta*, discípulo de *Iswara Swami*, natural de Campina Grande, onde é professor secundário e participa ativamente do Centro Cultural local; um brâmane uruguaio, residente em Porto Alegre, havia abandonado o padrão de adoração vaishnava e aproveitara a viagem para tentar voltar à plataforma devocional; um devoto iniciado, argentino, ex-fuzileiro naval, morando em Assuncion no Paraguai, onde é professor de Yoga. Finalmente, um pernambucano, na faixa dos quarenta anos, conhecido de alguns devotos de Recife, mas que não cantava *japa*, não acompanhava os programas espirituais do Templo, nem fizera o *parikrama*.

Na barraca seguinte, cerca de 14 brâmanes, discípulos de *Hridayananda Goswami*, o responsável pela organização do Movimento no Brasil, desde a década de setenta, haviam deixado suas bagagens e foram todos para o acampamento do *Parikrama*. Eram os devotos mais antigos, alguns líderes de Templo, uma parte da elite brasileira do Movimento, com idades entre 30-40 anos. Quando voltaram do *parikrama*, resolveram ficar todos juntos naquela barraca superlotada. Na última barraca ficaram quatro brâmanes *bramacharis*, todos discípulos de *Iswara Swami*,

revezando-se em servi-lo e em participar do *parikrama*. O *Swami* hospedou-se no edifício da distribuidora da BBT de Mayapur, junto com um discípulo mais velho.

Havia uma barraca de brasileiros na seção dos 400 dólares. Nela estavam, um brâmane mineiro retornando ao padrão de vida devocional, abandonado no seu dia a dia de cabeleireiro em Belo Horizonte. Um jovem *bramachari*, não iniciado, que acabara de se mudar para o templo do Rio de Janeiro. Um simpatizante do Movimento, paranaense, que cantava japa às vezes. As devotas brasileiras ficaram num salão, localizado no prédio N°1, junto com as devotas russas. Outros participantes do grupo, casados ou de mais idade, estavam em quartos no prédio N° 3.

Esta disposição final organizara os peregrinos segundo as grandes categorias internas do Movimento Hare Krishna. Na primeira, predominava aqueles que não seguiam uma disciplina espiritual definida, como os *bhaktas*, os aspirantes à iniciação formal. A segunda, era a barraca dos Brâmanes, os devotos propriamente ditos, firmes na prática das austeridades e no cantar do mantra Hare Krishna. Na terceira, estavam devotos situados numa posição muito privilegiada, a de “servos” do mestre espiritual. Todos eram jovens renunciados, *bramacharis* e brâmanes, dedicados a cozinhar e a lavar a roupa do *Guru*, além de serem responsáveis pelos discípulos inexperientes. Na mais cara, os mais materialistas.

O padrão dos *bramacharis*, situados na plataforma da renúncia, é, nos termos destes, “muito austero”. Acordar às quatro da manhã, banhos frios, limpeza, humildade, horários para a adoração, servidão diante dos devotos avançados. Há uma cobrança da parte dos devotos iniciados e adultos para com os mais jovens e neófitos, até que estes introjetem o padrão. Os *bramacharis* são os devotos mais conhecidos, os rapazes carecas, trajando roupas açafoadas, distribuindo livros de Prabhupada pelas ruas. Somente a partir do momento da primeira iniciação, o que até então era um processo liminar, marcado pelo espírito da *communitas espontânea*, com um candidato a devoto, o *bhakta*, adaptando-se ao novo estilo de vida, transforma-se numa obrigação fundamental, a vida devocional.

Ninguém pode ser um *bramachari* sozinho, em casa, mas não há um rito de entrada na *Bramacharya ashrama*. Ao contrário, a passagem ocorre durante a mudança de residência, para um templo ou comunidade, associado a um processo intensivo de introjeção dos valores do Movimento. Caso o devoto saia da comunidade de *ashrama*, ele tem que deixar de usar as roupas açafoadas. O *Bramachari “sankirtaneiro”*, que distribui os livros de Srila Prabhupada pelas ruas, é considerado aquele que encarna o espírito de renúncia do devoto. Ele é glorificado, existindo uma revista periódica, a “carta de *sankirtana*”, onde toda a venda de livros é registrada, assim como o desempenho de cada um. Os campeões anuais ganham prêmios, como a viagem à Índia grátis.⁶³

Bramacharis são a personificação do caráter **anti-estrutural** do movimento, que leva a alegria contagiante do *Hari Nama* às ruas. A espontaneidade ingênua dos simpatizantes vai sendo trabalhada através da disciplina espiritual, num estilo de vida totalmente ritualizado. Sem dúvida nenhuma, *bramacharya* é uma categoria social anti-estrutural, dentro da qual a normatização do espírito de *communitas* do Vaisnavismo se estabelece. Para os *bramacharis*, a primeira iniciação pode acontecer em menos de um ano, e é muito raro encontrar um jovem renunciante com mais de trinta anos. Esta é uma categoria essencialmente transitória.

Já *brâmanes vaisnavas* são os devotos por excelência. São os ‘twice borns’, duas vezes ritualmente nascidos. Aqueles que receberam o *mantra* distintivo *Gaudya vaisnava* e o *mantra Gayatri*, privilégio dos brâmanes. Estes devotos completaram o processo de formação espiritual, podem prestar serviço direto às deidades instaladas nos altares e são eles que comandam o movimento. Ser um brâmane significa pertencer a uma posição social formalmente reconhecida de pessoas estabelecidas numa plataforma de pureza ritual, com a vida individual totalmente regrada e subordinada às exigências do serviço devocional.

Os devotos da segunda barraca comportavam-se, em Mayapur, como um corpo uniforme, fechado em si mesmo. Foram todos para o *parikrama* juntos, no mesmo grupo. Iam tomar *prashada*

⁶³ Os campeões daquele ano estavam lá, mas não eram *bramacharis*. Eram devotos importantes. A imbatível campeã do templo de Belo Horizonte e um brâmane do Recife.

juntos, no mesmo horário. Até os banhos no Ganges eles tomavam reunidos. Devotos maduros, já devidamente normatizados, viviam ali a condição anti-estrutural que lhes era possível, amontoando-se em sua única barraca. Naquela liminarietàade, eles compartilhavam suas realizações espirituais.

Realização espiritual, auto-realização, conceitos chave dentro do Movimento Hare Krishna, estão inteiramente voltados para o devoto enquanto indivíduo. O que está em jogo, em primeiro lugar, é sua relação com Krishna, através do serviço devocional realizado sob a instrução de seu mestre espiritual. Tal sociabilidade está explicitamente voltada para o bom andamento da missão de Srila Prabhupada, as obrigações com a manutenção das deidades e com o serviço ao *guru*. No acampamento, estes deveres estavam sendo realizados, plenamente, pelos devotos da terceira barraca. Eles eram brâmanes, devotos definidos, eram *bramacharis*, devotos renunciados. Assim como *Iswara Swami* servira à Prabhupada, eles o serviam, atualizando o vínculo fundamental da sucessão discipular.

Os *Swamis* brasileiros não hospedaram-se no acampamento, pois todos os *Swamis* Hare Krishna ficavam nos prédios Nº 03, reservado, em primeiro lugar, para eles. No horário matinal dos seminários, *Parangacit Swami* ministrava um curso a respeito de Chaitanya Mahaprabhu, no terraço do prédio Nº 3. Ele recontava, ali, os principais momentos e significados das deidades e pessoas santas que estávamos entrando em contato, tendo produzido uma versão muito rica, daqueles mitos fundamentais, para os brasileiros.

As aulas vespertinas de *Purushatraya Swami*, numa sala do térreo da editora (Nº 19), eram voltadas para outro assunto. Ele fizera uma leitura completa do **Néctar da Devocão**, a escritura que contém a codificação do culto *Gaudya Vaisnava*. Srila Prabhupada havia feito uma versão reduzida para o inglês, acessível também numa tradução em português. Embora comentado, esta obra é muito pouco lida no Brasil, e a maioria dos devotos não procura seguir todas as suas centenas de instruções. Embora *Purushatraya Swami* as apresentasse em blocos, o mais importante era os comentários que ele fazia ao texto, pois o utilizava de base para avaliar o Movimento Hare Krishna no Brasil. Vejamos alguns trechos:

“A qualidade é mais importante do que a quantidade. O padrão do Movimento Hare Krishna é elevado, graças a fidelidade ao cantar diário das dezesseis voltas de japa, os quatro princípios da vida espiritual e ao estudo das escrituras deixadas por Srila Prabhupada. Se o padrão baixar, pessoas sem a devida qualificação são incentivadas a assumir a postura de devoto embora não tenham qualificação. Não se deve dedicar muito a coletar, coletar, coletar, para a construção de templos. Faz-se o necessário. A postura devocional do devoto atrai muito mais. Há instituições que tem prédios e igrejas monumentais, que ficam vazias. O que realmente atrai a um público é o cultivo da espiritual. O devoto abriu a boca, tem que ser reconhecido que ele é uma pessoa diferente das pessoas vulgares. No Brasil, no Rio de Janeiro e em São Paulo, os devotos tem usado muita gíria, linguagem da rua, para serem populares. Isso não é bom não! É o vocabulário das pessoas contaminadas! Isso é tolice! Pode ser engraçado mas contamina! Isso não vai purificar o coração. O devoto tem que ter um procedimento que as pessoas vejam: ele é diferente, não sei porque. Aí, a pessoa se interessa por vida espiritual. Não é a coisa externa que vai atrair as pessoas à Consciência de Krishna. Pessoas sinceras serão atraídas, pessoas mundanas não devem ser atraídas. “

(...) “Na Índia é muito comum a adoração Pancho-Pasana: Vishnu, Ganesha, Durga, Shiva e Surya, no mesmo nível, estabelecido pela filosofia Mayavada. Tem o hinduísmo popular, onde adoram a shiva lingam, Durga, Lakshmi, Rama, Ganesha, tudo junto, misturado, é uma confusão. De certa maneira, nossa situação é muito favorável. Nascemos no Ocidente e não temos um conhecimento anterior, o background tradicional, o que nos livra daquela confusão indiana, daquela adoração familiar, que as vezes o sujeito nem sabe o que é. Adora os semi-deuses, no seu bairro tem um templo de Shiva-Durga que eles freqüentam. Já os devotos tem um conhecimento técnico preciso de quem é quem neste panteão, a posição de Vishnu, Durga, etc. De acordo com a realização transcendental, não há diferença entre as formas de Narayana e Krishna. Mas em Krishna, há uma atração especial devido as relações conjugais. Então ele supera *Narayana*, em termos de rasa,

relacionamentos. Krshna é aquele que incorpora todos os tipos de rasa. Ele é superior a todas as suas expansões. É sabido através dos *shastras* (escrituras) que todos os seres humanos são elegíveis a *Hari-Bhakti*. *Bhakti* é acessível a todos. As outras formas de auto realização não o são. São muito complicados”.

A participação dos devotos brasileiros era muito passiva. Todos limitavam-se a ouvir, alguns anotavam alguma coisa, e um ou outro fazia uma pergunta no final. Mas todos estavam lá e concordavam com suas colocações. Foi possível perceber, porém, naquele momento, que, os *Swamis* brasileiros estavam procurando fazer ajustes na interpretação brasileira do simbolismo vaishnava. Para dar sentido a um estilo de vida construído segundo as instruções de Srila Prabhupada, está sendo criando um tipo de devoto peculiar, dentro do contexto brasileiro.

Embora os devotos brasileiros evitassem enfatizar suas próprias reinterpretações, o Festival do Centenário de Srila Prabhupada mostrava exemplos da construção de versões específicas a partir de um universo simbólico comum, como entre os russos, os africanos, nas ilhas Fidji, entre outros. A idéia de que *Bhakti Yoga* é única, por ser a via espiritual mais elevada e a mais acessível, ao mesmo tempo, é partilhada por todos os Hare Krishna. Dentro da dialética que lhes é peculiar, porém, seus princípios **anti-estruturais**, necessariamente, interagem com contextos sociais particulares, em processos de mudança social, produzindo suas versões locais. Mesmo na Índia, existem pelo menos sete versões, históricas e regionais, do Movimento de Chaitanya Mahaprabhu: da Bengala, da Orissa, do Assam, do Bihar e de Manipur, no leste; de Vrndavanam e do Rajasthan, no noroeste.

Tornar-se um devoto e manter-se na vida devocional é um processo em permanente construção, através de posições ritualmente construídas. O *Hari Nama Sankirtana* busca fazer com que todos os participantes sintam-se unidos num só categoria genérica, o *Bhakta*, devoto de Krishna. É possível interpretar os ideais dessa opção religiosa, *prema bhakti*, a devoção pura, como a busca pela realização de um estado de liminarietà permanente, liberto de qualquer referência social estrutural, como origens familiares ou outras posições sociais. Tal ideal só é alcançado pelos “devotos puros”, que devem transcender, inclusive, as posições propriamente espirituais dessa cultura, como a de *Swami*. É realmente necessário reconhecer as diferenças internas do plano dos adeptos, assim como as mudanças que a adesão religiosa exige para cada adepto, em particular, como dimensões sociais bem distantes do plano dos líderes e de suas heróicas jornadas. Não há devoto genérico entre os adeptos do Movimento Hare Krishna.

O dia a dia dos devotos brasileiros, após o término do *parikrama* de Mayapur, permite considerar esta diversidade de posições, a partir de suas próprias situações, marcadas por valores de liminarietà ritual. Dois incidentes, no acampamento 08, serviram de exemplo reveladores do individualismo característico do estilo de vida dos devotos brasileiros. Nós estávamos com um problema na nossa barraca. No primeiro dia do *parikrama*, quando os devotos voltaram, às 16:30, encontraram-na trancada. O pernambucano havia saído para passear e só retornara às 18:30. No dia seguinte, combinamos que a chave ficaria conosco. A situação inverteu-se e ele ficou nos esperando. No terceiro dia, optamos por deixar a chave em baixo do chão de juta, por dentro da barraca.

No quarto dia, contudo, um devoto que estava no acampamento, voltou para a nossa barraca. Não iria continuar a peregrinação no quinto dia. Ele saiu para o *Mangala Arati* de madrugada, deixando o pernambucano dormindo, trancado na barraca. Às oito horas, depois do *Govinda*, perguntei se ele, por acaso, estava com a chave. Corri para a barraca e pude abri-la na hora que o sujeito acordava. Ele levantou muito irado, pois estava tendo problemas com os devotos mais jovens, que o criticavam por não participar do *Parikrama*. Considerara o quase incidente uma agressão.

Quando o *parikrama* acabou, a crise explodiu. No dia 27.02. o pernambucano apareceu na barraca com uma maçã da *prashadam*, dentro de um pequeno pote de barro, no qual era servido o suco de *beel*, no salão de *prasadam*. Tais utensílios de barro são descartáveis e devem ser quebrados após o uso. Aos olhos dos devotos, aquele potinho com uma fruta dentro parecia uma oferenda... aos fantasmas! Levar *prashadam* para o local de dormir é uma hábito impuro, condenado nos templos. É considerado como estímulo aos seres que estão no corpo sutil, as sombras condenadas a não reencarnar num corpo humano, que acompanham o Sr. Shiva. Como tal sujeito jogava runas e dava consultas para os outros não devotos, um dos brâmanes *bramaচারis* da terceira tenda, natural do Rio de Janeiro, ao olhar para o seu “potinho” exclamou logo: - “É aí que você deixa o seu Exu?” fazendo referência aos cultos afro brasileiros.

O sujeito sentriu-se constrangido. Acabou mudando-se para a barraca de 400 dólares. Além de mudar de barraca, optou, junto com outras simpatizantes, por irem à Calcutá, visitar Madre Teresa. Ficaram lá a semana toda, só voltando no dia do nascimento de Chaitanya, 05 de março. Tal tipo de incidente foi interpretado pelos devotos como “arranjo de *Krishna*”. Aquele sujeito estava sendo visto, pelos outros, não só como um não-devoto, mas como uma pessoa impura, dominada pelo seu “*falso ego*”. Estabeleceu-se uma tensão. De um lado, ele devia ser respeitado, porque estava associado ao Festival e não era obrigado a acompanhar a programação oficial. Por outro lado, os devotos mais novos, ainda não iniciados, não resistiam à critica-lo, a partir dos princípios da disciplina na qual são socializados. Eles o tratavam com um evidente desprezo. Do ponto de vista deles, ele se colocara numa posição muito inferior, hierarquicamente, por não seguir o padrão da vida devocional que eles se esforçavam por introjetar.

Um outro incidente, envolvendo o professor de Campina Grande, tornou-se um exemplo muito feliz de como o ideal da auto realização espiritual pode ser vivenciado por um devoto iniciante. Na volta do *parikrama*, meus companheiros de barraca passaram a conversar muito, a respeito da situação de cada um, diante dos ideais da vida espiritual e de suas posições no Movimento. Era um processo de avaliação dos limites individuais dos desafios de vir a se tornar devoto. Com a saída do pernambucano, o clima ficou muito mais ameno e os sete restantes procuravam ser cordiais uns com os outros. Naquele dia todos estavam preocupados em arrumar suas coisas, lavar roupa, contar dinheiro e, principalmente, manter a barraca limpa. No dia seguinte, 28, o professor continuava às voltas com sua arrumação. Começou a desenvolver um processo de auto avaliação em voz alta, enquanto procurava uma lista de encomendas, que os membros do Centro Cultural de Campina Grande lhe haviam dado. Ele tinha uma mochila de “mil e uma utilidades”, cheia de bolsinhos e zíperes:

- “Onde eu deixei aquele papelzinho? Nunca sei onde boto as coisas! Minha mãe sempre me disse que eu não perco a cabeça porque ela está pregada no pescoço! Ele tem que estar aqui nesta mala, eu não o levei para o *parikrama*! Minha mãe ficava assustada com os modos dos devotos: – “Meu filho, você vai comer com a mão? Não perca seus bons modos!” Onde está o papel, meu Deus, eu não sirvo para nada mesmo!...”

Foi ficando meio histérico, falava coisas muito depreciativas de si mesmo, enquanto pedia que *Krishna* o ajudasse. Terminei pedindo que ele ficasse calmo, que logo encontraria o papel. Sua preocupação, era justificada pela possibilidade de poder comprar algumas parafernalias de adoração para seu Centro Cultural ali em Mayapur, onde tais artigos são de melhor qualidade. Queria aproveitar o tempo livre daqueles dias. No seu nervosismo, porém, estava desabafando suas tensões, entre os valores de sua educação familiar original e do estilo da vida devocional. Ele estava “passando”, de um estilo de vida para o outro. Eu descobriria, mais tarde, que não estive diante de um “ataque histérico”, mas de uma das mais autênticas preces que um Vaisnava pode fazer!

No dia seguinte, eu o encontrei quando saí da inauguração do *Pushpa Samadhi*, por volta das 13:30h. Ele estava com um grande problema. Havia voltado para a barraca logo após a

prashada da manhã, antes da cerimônia, e encontrara o papel que procurava, num saco de papel com seu dinheiro. Não estava junto com o dinheiro do Centro Cultural, onde imaginara que o havia deixado. Pegando esse saco de papel, com todo o seu dinheiro, foi até o empório situado em frente ao *Samadhi* (junto ao Nº 17, no mapa), comprar pilhas para sua lanterna.

Ele não sabia explicar o que aconteceu, mas o fato é que deixara o saco, com o dinheiro, no balcão. Como não falava inglês, queria que eu fosse lá, com ele, tentar reavê-lo. No empório, propriedade da ISCKON, administrado por devotos bengalis, havia de tudo um pouco à venda, pilhas, velas, remédios, *gaunchas*, copos. Era um lugar muito movimentado. Perguntei ao balconista se teria achado o saco que o devoto esquecera. Ele não disse nada, simplesmente me devolveu o saco, com a lista de compras e sem o dinheiro, 500 dólares e 2000 rúpias. Não havia, evidentemente, mais o que fazer com relação ao dinheiro.

O devoto ficou bem deprimido, inicialmente. Não queria contar nada para *Iswara Swami*, mas, na manhã seguinte, seu *Guru* o chamou para conversar sobre o assunto. Disse-lhe que essas coisas acontecem, já que existem milhares de pessoas no Festival e não se pode confiar em todo mundo. Queria saber se ele tinha condições de continuar na viagem, sem aquele dinheiro. Suas despesas, com relação à alimentação e hospedagem já estavam pagas. Se ele fosse econômico com o dinheiro de seu centro cultural, poderia comprar todas as encomendas e ainda sobraria um pouco para ele, pois as coisas na Índia são muito baratas. Eu me comprometi a lhe emprestar uma quantia quando chegássemos a Nova Delhi.

Ficamos muito ligados. Ele contou-me um pouco da sua história no Movimento. O centro cultural de Campina Grande é bastante ativo. Recebem apoio dos comerciantes indianos locais e mantém um programa regular de distribuição gratuita de *prashadam*. Existe um quadrilátero Hare Krishna composto por Campina Grande, João Pessoa, Recife e Caruaru, onde existe uma comunidade rural, **Nova Vrajadama**. Devido às condições ecológicas,⁶⁴ é semelhante à certas regiões da Índia. Por isso, muitos devotos nordestinos, como ele, sentiam-se “em casa”. No ano do Centenário estavam sendo realizadas uma série de atividades, com bastante sucesso, naquele circuito e ele estava bastante envolvido em todas as programações.

Mora numa pequena cidade próximo à Campina Grande, onde trabalha, dedicando os domingos às atividades do centro cultural. Campina Grande é a capital do forró e das festas juninas, com um estilo de vida marcado por essas manifestações culturais, com muita bebedeira e licenciosidade. Ele considerava que o Movimento Hare Krishna o “salvara”, pois estava “afundando”, naquele estilo de vida, marcado por intoxicação e sexo ilícito, atividades “contaminantes” que o Movimento condena.

Conhecera seu *guru* numa visita que este fez à Recife, num festival. O *Swami* havia pedido um copo de água, à platéia. Ele desejou servi-lo, mas um outro devoto antecipou-se a ele. Este outro devoto acabou tropeçando, caindo no chão e esfolando o joelho. Voltou até ele e disse: “Me desculpe, você devia ter levado a água. *Iswara Swami* é seu guru.” Foi, então, até o *Swami* levar a água. Este perguntou-lhe: “Você está com medo?” Disse-lhe que não, pedindo para ser aceito como discípulo. Naquela viagem à Índia, pela primeira vez, estava tendo a oportunidade de ter associação pessoal com o *Guru*, servindo-o, embora não o acompanhasse constantemente, como os *bramacharis*.

Estava cantando sessenta e quatro voltas diárias de *japa mala*!⁶⁵ Havia feito este voto no dia em que embarcamos para a Índia. Estava firmemente decidido a purificar-se naquela viagem. Sua atitude mudou completamente após o incidente. Passou a ir servir *prashadam* no grande salão, pelas manhãs, e a participar do *Hari Nama* de 24 horas, que acontecia na pequena choupana onde Srila

⁶⁴ Está localizada numa “serra”, possuindo nascentes e matas. Seu regime de chuvas é idêntico ao da maior parte da Índia, semi-árido com uma estação chuvosa no meio do ano. O maior templo nordestino, porém, é o de Salvador, que também ajuda a administrar Nova Vrajadama.

⁶⁵ Sessenta e quatro voltas no rosário de contas é o padrão indiano consagrado por Bhaktivinoda Thakur. Mesmo na Índia, porém, os membros da ISCKON seguem o padrão que Srila Prabhupada instituiu no Ocidente, de 16 voltas.

Prabhupada vivera nos anos setenta. Estas são atividades voluntárias, consideradas muito purificantes, mas poucos devotos brasileiros procuravam participar.

A associação com este *Bhakta* foi muito proveitosa. Como eu também estava com pouco dinheiro, ficamos longe do circuito “*shopping*” de outros devotos. Ele estava realizando um dos mais caros ideais do vaishnavismo. Involuntariamente, “entregara tudo à Krishna”, e agora estava entregue mesmo, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos. Segundo os demais devotos comentavam, ele havia oferecido suas impurezas para Krishna, que o estava purificando. Aquele incidente era prova da misericórdia de Krishna, era uma benção especial de Srila Prabhupada. Dramática, tratada com reservas, mas certamente espiritual.

No dia seguinte à instalação do *Puspa Samadhi*, aconteceu a distribuição de *prashadam* em Shantipur, uma aldeia situada a 50km de Mayapur. Chaitanya Mahaprabhu prometera, em vida, abençoar pessoalmente quem distribuísse *prashadam* naquele local, naquele dia. Este devoto foi para lá, participou do *Hari Nama*, dos *bhajans* e distribuiu *prashadam* num estado de espírito único, pois somente ele havia tido uma experiência tão intensa e tão única no Festival, num dia tão importante quanto o da inauguração do *Puspa Samadhi*. Dos presentes ao Festival da Índia, foi o único que tomou iniciação em 1996.

Voltando a Peirano(1995:98) e suas reanálise da obra de Turner, é possível discutir os incidentes da nossa barraca e de *Markandeya Rishi das*, a partir de sua constatação que ritos de aflição também são um tipo de rito de passagem, só que possuem um objetivo pragmático, curar um doente, apaziguar um espírito. Por isso mesmo, vários ritos podem realizar uma passagem. O caso de *Markandeya Rishi das* é exemplar porque ele passa por uma aflição inesperada, cujo resultado termina na iniciação formal ao *mantra* Hare Krishna, dentro da ocasião especial do ano do Centenário. Do ponto de vista dele, tudo o que aconteceu entre a viagem a Índia, em meados de fevereiro, e sua iniciação, em junho, fora um só rito, culminando, novamente, na formalização ritual de uma nova posição social, devoto iniciado.

Devido a seu incidente, pude ter acesso a principal dimensão da vida espiritual, que é a relação pessoal de cada devoto com Krishna, através do *Guru*, da *japa mala*, dos *Aratiks*, dos *pujas*. Toda a vida ritual *Hare Krishna* é entendida como um meio para que o indivíduo possa atingir este vínculo com a Pessoa Suprema, conectando sua alma individual a Alma Suprema. Embora este seja um dos temas mais recorrentes nas palestras dos *Swamis*, os devotos pouco falam a respeito, situando suas próprias experiências. A redundância da fala solene dos *Swamis* cria uma falsa impressão, de que todos estão reunidos num mesmo rito perpétuo cujo significado e objetivo se esgotam em si mesmos.

Graças a sua aflição, ele terminou dividindo comigo um pouco de suas emoções espirituais. Quando terminou a viagem, enviou-me uma carta, na qual demonstra estar realizando os ideais do Movimento:

“Podas as glórias ao Centenário de Srila Prabhupada!

Fiquei muito feliz ao receber sua carta juntamente com os outros objetos. Estava esperando este momento, principalmente para revelarmos um ao outro nossos caminhos. Na verdade, é impossível esquecermos da viagem à Índia. Agradeço sempre à Krishna e a Prabhupada por esta tão feliz oportunidade. A todo instante minha mente e as fotografias revelam os momentos auspiciosos que convivi e presenciei, e me bate uma saudade...

Neste mês de Junho foi realizado aqui em Campina Grande uma semana de caminhada, um *Padayatra*, em comemoração ao Centenário de Prabhupada. Fomos agraciados através da *satsanga* de *Maharaja Iswara* e *Maharaja Purushatraya*, os quais nos iluminou muito. Era dia de *Corpus Cristi* e houve uma cerimônia de iniciação, dois devotos e uma devota receberam o nome espiritual, juntamente com a entrega do cordão bramínico à três devotos. Fui um dos iniciados e recebi o nome espiritual de *Markandeya Rishi das*.

Os compromissos e responsabilidades se tornaram mais evidentes. Tenho ainda muita contaminação e desejos em minha mente, mas, mesmo assim, estou convicto que preciso esforçar-

me para ser digno da misericórdia do *Guru* e de *Krishna*, e nesta determinação me refugio no *Maha Mantra Hare Krishna(japa)*, nos devotos(*Sadhusanga*) e nos livros de Prabhupada. Encontrei um mestre espiritual que me deu Krishna e oro à Krishna para vencer os obstáculos.

Venha mesmo visitar a fazenda, quanto ao alojamento, os devotos sempre ficam com os *bramacharis* em seus *asrhamas*, não pagam hospedagem, mas, é sempre importante sermos atenciosos e darmos alguma doação ao Templo. Geralmente, quando as pessoas visitam os templos deixam doações, vimos muito isso na Índia. Vá em frente com relação à semana ambiental, é muito importante que idealizemos ou façamos eventos para divulgar a consciência de Krishna, (este era sempre o objetivo de Prabhupada). As pessoas, nesta Era, estão cada dia mergulhadas no materialismo, e assim, mais distantes de Deus, nós temos uma missão muito importante que é expandir a consciência de Krishna, levando as pessoas de volta ao Supremo. A priori, fizemos um programa no colégio onde leciono(Semana do Padayatra). Os devotos contagiaram os estudantes cantando o *Maha Mantra* com *karatalas*, tambores, harmônio. Todos cantavam, dançavam, pulavam, foi incrível, logo após, fizemos distribuição de *prashadam* (lanche natural com suco.)

Krishna a todo momento nos chama: Renda-se a mim, não temas, Eu te iluminarei, te protegerei. Não é assim mesmo que ele diz? O que estamos esperando? Por favor, aceite mesmo ser o filho mais querido do Senhor e leve uma vida mais pura. Para isto o primeiro passo é aceitar o mestre espiritual e ir em frente. “*Esforça-te para aprender aproximando-se simplesmente de um mestre espiritual, indaga submissamente e presta-lhe serviço. A alma auto-realizada pode dar-te conhecimento porque conhece a verdade... e quando tiveres então aprendido a verdade, nunca mais cairás em ilusão*”.

Vale a pena ser iniciado e aceitar o *guru* como nosso mestre, pai, professor, amigo. O que quer dizer também assumir mais responsabilidades e sacrifícios. Fazemos tantas austeridades para termos educação, comida, roupa, etc... quando sabemos que todas essas coisas são meros enfeites materiais, e além do mais, temporários. Investir no conhecimento transcendental, no amor e serviço a Suprema Personalidade de Deus, Sri Krishna, é o caminho mais inteligente, pois, nos dará o discernimento para pararmos de uma vez com o ciclo de nascimentos, velhice e morte, de nós e de nossos irmãos. Vamos continuar perseverantes na Consciência de Krishna e levar adiante a mensagem de Srila Prabhupada!”

O futuro *Markandeya Rishi dasa* realizara algo muito especial. Toda a disciplina espiritual vaishnava, todo o “serviço devocional” tem um efeito social estruturante. Eles constroem essa pessoa que é o devoto Hare Krishna. O valor anti-estrutural, porém, que os devotos realmente buscam realizar, além dessa sociabilidade, é expresso na categoria ***Krishna lila***, os passatempos transcendentais de Krishna. Esta posição, aquele devoto alcançara, diante dos demais, ao perder tudo o que tinha em Mayapur. Ele tornou-se um exemplo de resignação para todos os outros.

Lila significa literalmente “Jogo”(Play), e serve para designar praticamente todo o universo simbólico do culto à Krishna, os *bhajans*, os *pujas*, os *Aratiks*, os ritos diários domésticos e os grandes ritos anuais. Este termo, tem sido alvo de estudiosos do Ritual, como Tambiah(1985:126), Turner(1982:35) e Singer(1972:148). Não apenas os passatempos de Krishna encenados, mas a encenação, o rito e o mito, simultaneamente, são ***Lila***. Tudo é muito festivo. Todos estão brincando com Krishna e Krishna está brincando com todos, como os jovens e inocentes pastores de Vrndavanam, há 5000 anos atrás.

Todos esses folguedos, todavia, são expressões da alma humana e de seu prazer em encontrar-se com o Divino. Este é o seu verdadeiro significado transcendental, o objetivo que os devotos buscam. Sentir prazer dentro de toda aquela vida regrada pelos rituais e informada pelas narrativas míticas. Tambiah enfatiza que ***lila*** não significa algo ordinário, mas uma comunicação efetiva com o plano divino e sua extramundandade. A realização deste plano é entendida como a realização da Alma espiritual, um tema que também merece ser discutido, em outro plano, não sem dificuldades, no caso vaishnava.

No caso dos devotos brasileiros com quem eu conversava e que depois entrevistei, chamava-me a atenção que eles pouco falassem deles enquanto devotos, expondo essa dimensão. Eles falavam da necessidade da vida espiritual, da importância da purificação, da realização do *sankirtana* e do papel do *guru*. Tais assuntos são basicamente técnicos, no sentido que Mauss(1974:217) deu ao conceito de **Técnica Corporal**, atos tradicionais eficazes que constituem a vida simbólica do espírito, enquanto um sistema de montagens. Mauss(1974:233) chegou a afirmar que a Índia e a China desenvolveram técnicas corporais, principalmente respiratórias, como caminhos de seu misticismo, que podem ser estudadas socialmente.

Os ensinamentos de Srila Prabhupada e seus discípulos, são, nesses termos, técnicas eficazes de purificação, socialmente disponíveis a quem quiser experimentá-las. Seu resultado, porém, os sentimentos espirituais que induz, são um tema delicado. O máximo que eu consegui fora um depoimento como este, dado por um devoto que também esteve no Festival Indiano, e com quem eu tive muito contato durante todo o trabalho de campo:

“A minha relação com o movimento é bem mística. Não tem explicação como entrei no Movimento. Não é que eu tenha ido lá no templo e lido os livros e achado que é isso mesmo, Prabhupada está certo. Foi Krishna quem me trouxe. Eu vim aqui em 86 em Nova Gokula, para conhecer. Eu fiquei por seis meses. Eu não fiquei devoto. Eu cantava japa, usava *kanti*, fazia serviço devocional, mas eu não entendia muita coisa. Eu vim ver como era, fiquei praticando serviço devocional, mas devido a estar muito contaminado, eu não conseguia compreender muita coisa. Eu tinha muitas dúvidas. Eu tive uma experiência de vir aqui e sair. Eu tinha que passar por outro lugar, pois não estava na hora de eu despertar a consciência de Krishna. Mas Krishna fez um arranjo para que eu ficasse bem firme depois disso. Agora não tenho dificuldades. Eu não tinha realização. Você precisa de realização, se não você não compreende. Fica uma coisa artificial e você vai embora. Então, Krishna me mandou embora, porque eu precisava dar uma volta para entender alguma coisa. Eu sentia que faltava alguma coisa, um vazio no coração, a vida estava sem sentido. Mesmo tendo realização material, a vida ficava sem sentido. Eu resolvi voltar. A hora que eu botei o pé aqui eu falei: É agora! Eu me rendi a Krishna, com muita austeridade, e consegui realizar um pouco da filosofia em mim, experimentar a realização, graças ao guru”.

Com relação ao Festival do Centenário, em particular, outro devoto, também discípulo de *Iswara Swami*, chegou a comentar, numa entrevista curta e lenta:

“Foi um ano muito especial, em função do Festival. Nós participamos de um festival muito bonito na Índia, você deve estar lembrado. Mayapur, Vrndavanam. Todo serviço devocional que é prestado numa efeméride assim, ele tem um valor especial, tem uma força mais transcendental, segundo as escrituras. Isso é uma realidade. Na hora a gente não realiza, só vai realizar isso muitos anos mais tarde. Foi uma coisa muito importante. 1996 foi o ano em que eu fui iniciado. Foi o ano que eu tive oportunidade de viajar com o meu *Guru Maharaja*, fazer a excursão pelos lugares sagrados da Índia e ficar bastante tempo lá. Além disso, houveram muitas mudanças importantes na minha vida. Eu fui morar sozinho. Tomei *vanaprastha*, abandonei a família. Aliás, a família me abandonou. Foi um ano de memoráveis modificações na minha vida pessoal.”

O SANKIRTANA DE SRILA PRABHUPADA

A vinda de *swamis* indianos para o Ocidente, como Srila Prabhupada, obedece a um padrão verificável: (1) Formação espiritual em território indiano, com uma progressiva passagem do mundo das castas para o mundo das seitas; (2) Estabelecimento formal na vida renunciada em território indiano; (3) Partida para o Ocidente em missão espiritual de pregação e conversão; (4) Aceitação de discípulos, formação de comunidade de adeptos, estabelecimentos de templos no Ocidente. (5) Retorno à Índia com o estabelecimento de comunidade de adeptos e templos em território indiano. (6) Trânsito entre a Índia e os países onde a missão foi estabelecida.

As três primeiras fases podem ser consideradas como a constituição de uma “dimensão *Swami*”, que é anti:estrutural, em relação à organização social indiana. O líder espiritual forma-se, individualiza-se, põe-se em movimento, diante da estrutura social estabelecida, e parte para a realização da sua missão espiritual. Ao partir, estabelece-se numa posição totalmente liminar, onde tudo pode acontecer. Neste espírito, realiza-se sua pregação de fato, que concretiza-se na quarta fase. Uma dimensão re-estruturante só tem início, todavia, no retorno à Índia, onde a “dimensão Templo” faz sentido, enquanto símbolo de estrutura social.

Com o estabelecimento de um trânsito de adeptos entre a Índia e o Ocidente, o movimento característico do universo das seitas neo-hindus opera plenamente. *Swamis* e seus discípulos circulam por templos e comunidades, estabelecendo uma contra estruturação de um estilo de vida bastante formal, caracterizado por disciplinas espirituais e realização de cerimônias. **Contracultura** orientalizada no Ocidente, **Neo-hinduismo**⁶⁶ ocidentalizado na Índia. As seitas indianas, no caso, surgem rompendo com os valores estabelecidos da tradição hindu, mas re-estruturam-se a seguir, assumindo alguns valores da mesma, e de outros contextos sociais. Sendo assim, realização espiritual é uma noção que expressa uma influência social efetiva, realizada por esse tipo de líder carismático exemplar, que exerce sua autoridade por sobre certas passagens entre dimensões da vida social.

Srila Prabhupada, ao comentar sua opção pela vida espiritual, ilustra, sinteticamente, como este processo tem início uma ruptura com a vida social propriamente dita. Ele deixa seu mundo familiar, das obrigações e fidelidades de casta, para viver no mundo construído a partir do cumprimento de sua missão espiritual, restabelecendo-se numa nova identidade social:

“Quando encontrei-me pela primeira vez com meu mestre espiritual, eu era muito jovem na Índia, um nacionalista, ocupado em trabalho de muita responsabilidade. Mas, embora eu não quisesse ir, um dos meus amigos, que ainda vive em Calcutá, levou-me à força até sua Divina Graça. Eu estava relutante em ir vê-lo porque em nossa casa nosso pai costumava receber muitos *sannyasis* e eu não estava muito satisfeito com as atitudes deles. Eu pensei que *Bhaktisiddhanta Sarasvati Goswami Maharaja* seria um homem semelhante, e se ele o fosse, que interesse teria eu em vê-lo? (...)

Em minha primeira visita, Sua Divina Graça disse que era necessário para rapazes educados como eu ir a países estrangeiros e pregar o evangelho de Chaitanya Mahaprabhu. Eu repliquei que a Índia era nação dominada por estrangeiros e que ninguém ouviria nossa mensagem. (...) Sua Divina Graça convenceu-me de que a dependência e a independência não passam de condições temporárias, e ele chamou atenção para o fato de que, por estarmos interessados no benefício eterno

⁶⁶ Os movimentos religiosos de origem indiana, populares no Ocidente, não são tradicionais, como os cultos familiares, restritos àqueles que nascem em famílias hindus. Ao contrário, emergem de processos históricos de mudança social, que precisam ser devidamente conhecidos em suas origens, pois: “Another and a potent source of criticism of orthodox Hinduism’s obsession with pollution and ritualism lay in the nineteenth century movement to reinterpret traditional religion. It was essentially a puritanical movement in which an attempt was made to distinguish the “essence” of Hinduism from its historical accretions. Ritualism and pollution rules were interpreted as extrinsic to true religion, and as even wrong, while devotion and simplicity were the essence. There was support for such a view in the Bhagavad Gita and in the lives of the saints.” M.N. Srinivas (1966:124-125)

da humanidade, devíamos aceitar o desafio de Chaitanya Mahaprabhu. Este encontro, com sua Divina Graça, meu Guru Maharaja, aconteceu em 1922, há meio século atrás.

Fui iniciado oficialmente em 1933, justamente três anos antes do desaparecimento de Guru Maharaja deste mundo mortal. No último momento, uma quinzena antes dele partir, ele me escreveu uma carta repetindo suas instruções. Ele dizia especificamente que eu devia tentar pregar este evangelho entre o povo de língua inglesa. Após receber esta carta, eu às vezes sonhava que meu Guru Maharaja já estava me chamando e que eu deixava o lar e o seguia. Eu sonhava dessa maneira e pensava: “Preciso abandonar meu lar. Meu Guru Maharaja quer que eu abandone meu lar e tome *sannyasa*”. Ao mesmo tempo eu pensava: “Isto é horrível. Como poderei deixar meu lar? Minha esposa? Meus filhos? Isso chama-se *maya*. Na verdade eu não queria abandonar minha vida familiar, mas meu Guru Maharaja fez com que eu a abandonasse.(...)”

Quando parti sozinho em 1965, temia que passaria por muita dificuldade. O governo indiano não me permitira sair com dinheiro do país, de modo que vim com apenas alguns livros e quarenta rúpias. Cheguei à cidade de Nova York nessa condição, mas tudo ocorreu pela graça de meu Guru Maharaja e de Krishna. Tudo acontece pela misericórdia combinada de Krishna e do mestre espiritual. No *Chaitanya-caritamrta* se afirma que a misericórdia de Krishna e do *guru* são combinadas. Este é o segredo do sucesso deste movimento para a consciência de Krishna. (1982: 288-289).⁶⁷

Tal processo, no caso de Srila Prabhupada, aconteceu durante doze anos, entre 1965 e 1977, nos quais ele percorre o mundo para difundir seus ensinamentos. Ele não retorna, em momento algum, para a Índia que deixou, para sua família, seus negócios, nem mesmo para sua anônima condição de discípulo. Ele tornou-se um líder religioso à altura de seu mestre. No segundo volume de sua biografia⁶⁸, encontramos o seguinte padrão: Chegada aos Estados Unidos, onde foi recebido por indianos residentes. Contatos com indianos e orientalistas do meio alternativo. Saída em busca de um espaço próprio para pregação. Primeiros *kirtanas* e palestras, atraindo alguns jovens. Formação de um grupo de *sankirtana* novaiorquino, dentro de um primeiro templo, um ano após a sua chegada:

“Agosto, 1966. Era um improviso, uma lojinha transformada em templo e um apartamento de dois cômodos transformado em residência e estúdio do *guru*. Era um monastério completo entre os cortiços da cidade. O templo (a lojinha) rapidamente tornava-se conhecida entre o submundo de vanguarda do Lower East Side; o quintal era um lugar estranhamente pacífico para aspirantes a monges, com seu pequeno jardim, viveiro de pássaros e árvores, espremido entre o prédio da frente e o de trás; o quarto dos fundos do Swami era o recôndito retiro do monastério. Cada aposento tinha um quê todo peculiar ou melhor, assumia o caráter particular das atividades que o Swami executava nele.” [SPL 2-145]

Prabhupada instalou um primeiro altar improvisado, e a relação, entre *guru* indiano e *discípulos* ocidentais, teve lugar. As primeiras iniciações ocorreram ali. A cerimônia consistia numa formalização do compromisso de cantar o *maha mantra*, dentro do padrão de dezesseis voltas diárias, na *japa mala*. Esse rito operado através de uma cerimônia de fogo, realizando plenamente a “dimensão templo”, estabelecido nesse mesmo tempo e espaço liminar. Na biografia de Srila Prabhupada⁶⁹, esta dimensão liminar fica evidente na primeira iniciação de discípulos, realizada em 08 de setembro de 1966, no dia do Festival do aparecimento de *Krishna*, o *Jammastami* :

“ “E agora, explicar-lhes-ei o que significa iniciação. Iniciação quer dizer que o mestre espiritual aceita o aluno e concorda em responsabilizar-se por ele, e o aluno aceita o mestre espiritual e concorda em adorá-lo como a Deus.” Deus é Deus. O mestre espiritual é Seu

⁶⁷ PRABHUPADA, ACB. *A ciência da auto realização*. BBT, São Paulo.

⁶⁸ “**Srila Prabhupada Lilamrta**, organizado por Satwsarupa dasa Goswami, 1990, seis volumes.

⁶⁹ Goswami, Satsvarupa D. **SRILA PRABHUPADA LILAMRTA**. 2º volume, “*Plantando a semente*”. BBT, São Paulo. 1º edição.

representante. Portanto, e`e é tão bom como Deus porque pode dar Deus ao discípulo sincero. Está claro? ” Estava claro.

(...) A maioria dos prováveis iniciados passaram várias horas daquele dia ensartando suas brilhantes contas de madeira vermelha. Amarrando uma extremidade do fio numa trave de janela ou num radiador, enfiavam uma conta de cada vez no cordão e atavam-na firmemente, cantando um *mantra Hare Krishna* em cada conta. Isso era serviço devocional — cantar e ensartar as contas para sua iniciação. Cada vez que atavam outra conta, parecia-lhes um grande acontecimento. Prabhupāda estipulou o teto mínimo: dezesseis voltas por dia, sem falta. Quem quer que fosse iniciado teria que prometer isso.

(...) Não se solicitou a ninguém que raspasse a cabeça, nem mesmo que cortasse o cabelo ou mudasse de roupa. Ninguém ofereceu a Prabhupāda a tradicional *guru-daksina*, a doação que um discípulo deve oferecer como gesto de grande gratidão para com seu mestre. Praticamente ninguém aliviou-o de suas tarefas, de modo que o próprio *Swamiji* teve que cozinhar a maior parte das preparações e providenciar outros preparativos para a iniciação. Como estava perfeitamente ciente da mentalidade de seus rapazes, não tentou impor nada a ninguém. Alguns dos iniciados não souberam até depois da iniciação, quando perguntaram ao *Swami*, que as quatro regras – não comer carne, não praticar sexo ilícito, não se intoxicar e não praticar jogos de azar – eram compulsórias para todos os discípulos. A resposta de Prabhupāda na época foi: “Estou muito contente de ver vocês finalmente me perguntando isso” (1983:177-182)

Turner(1974:141), ao refletir sobre os movimentos de Happening e busca de êxtase no Ocidente, nos anos sessenta, viu, nesses movimentos, tentativas institucionais de preparo, no seio das sociedades industrializadas modernas, de situações "onde o existir, poderia, por alguns momentos, ser sinônimo de estar em êxtase". Não foi à toa, portanto, que Srila Prabhupada foi tão bem sucedido em difundir o canto do **Mantra Hare Krishna** nesse meio, oferecendo a jovens das camadas médias, nas grandes cidades do Ocidente, momentos como este descrito acima, no qual seu movimento começou, ritualmente, a se estruturar. Infere-se, numa leitura do “*Srila Prabhupada Lilamrta*”, que para os seus primeiros discípulos, a convivência permanente com o *guru* era um êxtase permanente, expressão dessa fase liminar só interrompida com a sua morte.

Srila Prabhupada logo deu início a sua atividade principal, traduzir e imprimir a literatura vaishnava em língua inglesa, nos Estados Unidos. Ele denominou tal atividade, de pregação na rua, de *sankirtana*, considerando-a a atividade mais importante de seu movimento. Esta seria a realização da vontade de seu *guru*, o compromisso de sua missão. O tom de seu Movimento, sua marca registrada, está contida nesta atualização que promoveu ao *Hari Nama Sankirtana*.

Com relação a este tema, um de seus seguidores, *Harikesa Swami*, divulgou o seguinte artigo no ano do Centenário⁷⁰:

“Nada é mais importante que a distribuição de livros; não tem nada que chegue perto disso. Todo o serviço de cozinhar, limpar, pregar ou administrar são subordinados a isso. Se entrarmos na viagem de *māyā* de pensar que a distribuição de livros é inferior, devemos fechar os templos e sair para distribuir livros. A única coisa que conta nesta consciência de Krsna é a distribuição de livros. Em 1974, Srila Prabhupāda colocou todos para distribuir livros. Numa carta famosa, ele falou para Sri Govinda em Chicago para fechar os templos e deixar só um devoto para fazer o pūjā e administrar. Naquele ano, Prabhupāda falou para todos saírem em *sankirtana* até que finalmente colocamos em nossas cabeças duras que ele queria que nós distribuíssemos livros. Somente então ele falou para alguns ficarem na retaguarda e fazer o pūjā e outras coisas.

Assim começamos a compreender que tem que haver um equilíbrio. No início, apenas cantávamos dia e noite nas ruas. Então fizemos templos e devotos. Então Srila Prabhupāda enviou

⁷⁰ Publicado no Brasil na “**Brasil Sankirtana-Yatra**, Nº6, ano 17, junho de 1997. BBT, Pindamonhangaba. Esta publicação mensal é a mais importante e regular da ISCKON brasileira. Todas as outras são irregulares, mas a “Carta de Sankirtana”, como é conhecida, tem uma periodicidade exemplar, e é o veículo impresso mais importante do Movimento Hare Krishna no Brasil.

todos de volta às ruas para distribuir livros. E agora temos todo um conjunto de atividades da consciência de Krishna que pensamos ser importantes. Mas o que Srila Prabhupāda fazia cada vez que tínhamos tais idéias tolas em nossas cabeças? Ele dizia: ”Parem tudo que estão fazendo, é tudo sem sentido! Saiam às ruas e preguem!” Ele fez isso porque não queremos utilizar nossa energia e sim gastá-la num arranjo de vida confortável. Mas ninguém é feliz em tais arranjos. Nós gradualmente afundamos na lama e ficamos cada vez mais cheios de infortúnios, porque conforto no mundo material quer dizer *māyā*, e logo que você está em *māyā* você está em uma condição miserável.”

Os valores em jogo estão claramente expostos aqui. O *Sankirtana* de Srila Prabhupada é complementado pela vida cerimonial do templo. Sua biografia narra como ele instituiu o padrão regular de adoração à deidade instalada no altar, em Los Angeles, num momento em que seus discípulos estavam tão entregues à distribuição de livros, que não tinham horários para nada, nem para cantar as dezesseis voltas diárias. Ele procurou estabelecer um meio termo, complementando o *sankirtana* com a adoração do altar, o centro da vida cerimonial do templo. Esta mediação, ***sankirtana/altar***, foi estabelecida em torno da adoração diária às deidades, complementando o circuito entre o movimento de pregação e a vida cerimonial.

Um de seus discípulos, *Hrinayanandana Goswami*⁷¹, relembra este momento:

“Até que, em 1970, Srila Prabhupada falou: O *sankirtana* de vocês está contaminado. Tudo o que vocês querem é dinheiro.” Em outras palavras, não havia verdadeiro espírito de pregação. Era algo deveras pesado. Ele nos castigou ao determinar: “Não quero mais *sankirtana* noturno. Vocês devem vir para o templo e levantar para o *mangala-aratik*. Prabhupada fez o que foi para nós a mudança mais significativa na ISKCON. Ninguém imaginava o que seria *mangala-aratik*.⁷² Tudo o que eu sabia era que, quando dormíamos pela manhã, o *pujari*, na sala do templo, soava o sino e fazia alguma coisa. Nenhuma idéia tínhamos do que seria vestir as Deidades. Em Berkeley, por exemplo, mesmo em 1969, os devotos iam ao *aratik* vestidos em *jeans*.” (1996: 21-22)

É possível inferir que, se o *sankirtana* é o grande responsável pelo *ethos* do movimento, a adoração diária fornece uma complementar “visão de mundo”, em sentido Geertziano, por uma razão muito importante. O “*Sankirtana* de Prabhupada estava transformando os devotos americanos, na América, num grupo de distribuidores de livros de seu *guru* indiano. A adoração diária às deidades, e o cumprimento dos horários que este ciclo ritual impõe, os transformaria realmente em Western Vaisnavas. Em contraste com suas origens indianas, surge uma inversão de valores.

O “*Sankirtana* de Prabhupada”⁷³, criação de Bhaktisiddhanta Sarasvati, tinha um evidente caráter de inovação no seu contexto indiano, uma expressão marcante da secularização do *Gaudya Vaisnavismo*. O mestre espiritual de Bhakthivedanta Swami estabeleceu uma editora, a *Bhagawat Press*, em Krishnanagar, West Bengal, voltada para a pregação em grande escala, pois considerava a imprensa como uma forma de *sankirtana*. Distribuir literatura espiritualista tornava-se um rito, como Srila Prabhupada viria sistematizar com seus discípulos.⁷⁴ Graças ao poder aquisitivo dos norte americanos, tornou-se rapidamente uma atividade rotineira, perdendo seu valor de exercício espiritual. A adoração cerimonial no templo, exótica na América, assumiu um papel anti-estrutural, ausente no contexto indiano de origem.

⁷¹ In **Memórias de Srila Acharyadeva**, Instituto Bhaktivedanta de Filosofia, 1996, Assuncion, Paraguai.

⁷² *Mangala Aratik* é a mais importante cerimônia dos altares vaisnavas. Celebra o acordar das deidades instaladas no altar, às 4:30 da manhã, e estão se apresentando a seus adoradores, que devem estar presentes para vê-los. Fazer-se presente neste rito é compulsório para quem mora num templo Hare Krishna.

⁷³ O nome espiritual de Srila Prabhupada é Bhaktivedanta Swami. O título *Prabhupada* foi-lhe oferecido pelos seus discípulos do Ocidente, sendo até então, exclusivo de seu antecessor, Bhaksiddhanta Sarasvati. *Prabhu-pada* significa “aos pés do Senhor”.

⁷⁴ Bhaktisiddhanta Sarasvati dizia que a imprensa era *bhat mrdanga*, um grande tambor de *sankirtana*.

Srila Prabhupada volta a Índia em 1967, na companhia de alguns discípulos. Foi bem recebido por seus familiares e irmãos espirituais, um tanto surpresos com os acontecimentos que ele narrava. Por mais dez anos, até sua morte, transitou entre a Índia, os Estados Unidos, a Europa e diversos países, estruturando seu movimento nesse trânsito permanente. Ele transformou-se num *sankirtana* vivo. Como seus antecessores, fundou em templos, instalou deidades, iniciou e treinou discípulos no estilo de vida devocional.

É preciso refletir, mais uma vez, sobre a diferença estrutural existente entre o *Swami* e seus discípulos. Srila Prabhupada realiza a missão, que seu *guru* lhe havia deixado, distribuindo livros vaishnavas. Criar uma comunidade de seguidores da *Chaitanya Bhakti*, pode ser entendido dentro da noção de **communitas estruturada**, ou **normativa**. Prabhupada ressocializava pessoas dentro de um estilo de vida que somente ele conhecia. A noção de **communitas espontânea** faz sentido para interpretar a relação dessas pessoas, vinda do ambiente alternativo, para o mundo que o *Swami* lhes oferecia, naqueles templos anti-estruturais. Poder viver no templo, numa comunidade Hare Krishna, para os discípulos de Srila Prabhupada, significaria uma ruptura com seu estilo de vida anterior.

Iswara Swami, ao comentar o início do Movimento Hare Krishna no Brasil, sugere a construção desse tipo de relacionamento, anti-estrutural, em torno do *Sankirtana* de Srila Prabhupada:

“Contato com Prabhupada nunca tive. Perdi a chance de vê-lo, várias vezes. Era para ele vir ao Brasil, mas não pode vir. Nunca o vi pessoalmente. Eu fui iniciado por carta, mas a relação com Prabhupada, na época, era uma coisa muito íntima. Cada um de nós sentia uma ligação guru-discípulo com Prabhupada. Era uma coisa muito pessoal. Todos nós tínhamos naquela época. Agora a gente pode argumentar, talvez fosse um culto de personalidade. Mas eu não posso dizer que era um culto de personalidade porque a gente não colocava Prabhupada acima de qualquer coisa, a gente adorava a Krishna, mas Prabhupada nos ensinava quem era Krishna, então a gente tinha muita gratidão por Srila Prabhupada, um sentimento muito forte em pessoa com ele. Todas as estórias que nos contavam dele e coisas assim. Dessa maneira nós fomos nos relacionando com ele. Do grupo de devotos brasileiros do início, a grande maioria não conheceu pessoalmente Prabhupada, mas conheceu no íntimo, naquela parte de vamos ajudar, vamos ser missionários e ajudá-lo nessa sua missão aqui no Brasil. Logo no comecinho, fevereiro de 1975, quem morava no templo eram um grupo de quinze a vinte. Eram moços e moças que já tinham tido algum contato de acordo com alguns pregadores norte americanos que tinham vindo aqui nos anos de 1973 e 1974 e depois foram embora, porque não era nada oficial. Mas a semente estava lá. Era um grupo de jovens de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, principalmente. Aí, quando foi aberto o templo em São Paulo, por ser uma cidade grande e prover uma série de facilidades, esses jovens todos vieram para morar no templo. Eles estavam prontos para morar no templo.

Haviam também alguns simpatizantes que moravam fora e começaram a participar, como eu e a minha irmã. Quando Prabhupada mandou seus discípulos abrirem um templo oficial no Brasil, no início de 1975, um dos endereços que eles tinham era da minha irmã. Ela começou a freqüentar o templo mas eu não. Passou dois meses que o templo estava aberto no Brasil e a minha irmã freqüentando...Eu fui freqüentar, foi de uma hora para outra, eu sabia pela atração que eu sentia, que eu ia me engajar. E dito e feito, depois de mais um mês, minha irmã me levou ao Centro Hare Krishna, era no Butantã, e eu passei a freqüentar, todos os domingos. Fui visitando e me entrosando mais, tendo amizade, conhecendo a filosofia, toda aquela visão espiritual de Krishna. Até que um ano e meio depois, eu ingressei completamente, para morar em tempo integral no templo. Até então eu estudava fora. Nesse ano e meio, que eu fiquei morando fora, eu participava muito, eu ajudei muito a traduzir os primeiros livros. Eu vi a batalha que era, a dificuldade para traduzir, mas a gente fazia com muito gosto, muito ideal. Quando eu fui morar no templo, eu pude me dedicar integralmente a essa atividade. E assim o Movimento foi crescendo. Eu pude ajudar, fui uma das pequenas peças.

Os devotos saíram às ruas logo de cara. Esse grupo de vinte devotos que haviam vindo para São Paulo, não tinham outros afazeres além de participar de tempo integral do Movimento. Eles se dedicaram a sair às ruas para divulgar o Movimento, distribuir os livros. Antes mesmo dos livros, a gente pedia uma doação para as pessoas: “olhe ajudem-nos a imprimir estes livros aqui”, e mostrávamos os livros em inglês. Dessa maneira, o movimento se tornou logo muito conhecido, principalmente entre uma classe de pessoas mais intelectualizadas que já conhecia um pouco de cultura indiana, conhecia alguma coisa das atividades do Movimento Hare Krishna em outros países. Naquela época, no meio da década de setenta, estava em moda, *yogis* e *gurus* indianos, grupos formados em torno de gurus indianos. O Hare Krishna foi o mais, no sentido da imagem exótica do Movimento. Os devotos saíam pelas ruas com seus *dotis* e aqueles rabinhos de cavalo. Isso era fevereiro, março de 1975, as pessoas achavam que eram calouros de Universidade.

Um grupo de dez devotos espalhados pelos principais pontos da cidade, fazia com que se pudesse ter uma noção do que é. Era muito visível. As vezes a gente ficava em semáforos na Avenida Brasil e na Avenida Rebouças, onde há um grande fluxo de pessoas de grande poder aquisitivo, pessoas formadoras de opinião, que passam sempre por aquelas vias. Nós éramos cinco e ficávamos cada um em casa semáforo, todos os dias, então as pessoas pensavam que éramos milhares, que os Hare Krishna haviam tomado São Paulo. Depois de alguns meses, saiu uma reportagem muito favorável na revista POP, um revista para jovens, intitulada “Os alegres filhos de Krishna”, nos recebendo muito bem. O Brasil nos recebeu muito bem. Graças a esses contatos, as festas de domingo enchiam e um grupo de pessoas começou a freqüentar o templo todos os dias. Era um outro grupo de mais vinte pessoas.”

A vida no templo é um ideal do movimento de Srila Prabhupada, decorrência da necessidade de organizar o movimento de *sankirtana*. O devoto precisa da associação dos demais para se fortalecer e consolidar o processo espiritual. É necessária para a adoração correta às deidades e para a compreensão do que realmente seja “Serviço devocional”, enquanto uma relação com a pessoa suprema, *Krishna*. A vida devocional comunitária é um meio, não é o objetivo último da *Bhakti Yoga*. A realização espiritual última, a devoção pura, deve ser alcançada individualmente, dentro de uma nova sociabilidade estruturada.

Na reestruturação que o Movimento de Srila Prabhupada propõe, ocorre um processo de mudança social. Quem torna-se adepto iniciado do Movimento Hare Krishna, re-estrutura suas vidas, noutros arranjos sociais. O exemplo óbvio são os *ex-hippies* que tornaram-se *Swamis* da ISCKON. A partir da individualidade genérica promovida pelo ritualismo⁷⁵ do *sankirtana*, novas distinções sociais podem vir a ser construídas, dentro dos templos Hare Krishna. Tornar-se devoto realiza-se quando alguém decide conhecer mais desta cultura espiritual, ressocializando-se conscientemente diante deste simbolismo, através de um relacionamento deliberado com os devotos propriamente ditos. Cada novo adepto repete uma série de relacionamentos, “passa” por uma série de situações, que teve início em Srila Prabhupada e sua atividade missionária em Nova Iorque e São Francisco, e sua apoteose, no Centenário, em Mayapur.

Chaitanya Mahaprabhu, o santo bengali do século XVI, não era um Messias, no sentido judaico cristão, mas um *Avatar*, a penúltima das 25 encarnações eternas de Krishna, conforme descritas em escrituras como o *Vishnu Purana* e o *Bhagavatam Purana*. Ele veio para restabelecer o *dharma*, a ordem universal, dentro da presente era das desavenças, a *Kali Yuga*. Srila Prabhupada, segundo seus seguidores, veio universalizar seus ensinamentos, difundindo-os por todo o mundo, a partir do Ocidente. É considerado o líder de uma revolução vitoriosa, iniciada não no Vale do Ganges, mas no *Central Park* de Nova York, em 1966.

⁷⁵ **Ritualismo** aqui está sendo entendido a partir de Gluckman(1966:02), que distinguiu a **ritualização** própria às dramatizações de papéis sociais, nas sociedades tribais, do **ritualismo** das celebrações rotineiras das grandes religiões mundiais, nas quais os adeptos formam uma fraternidade cerimonial.

É interessante lembrar Jean Baudrillard e suas considerações a respeito do advento do Messias e da Revolução. Ele pergunta: “O Messias e a Revolução seriam tão irrisórios que só advenham perenemente atrasados, como uma sombra projetada, como um efeito de realidade passada, já que, no entanto as coisas nunca tiveram necessidade nem de Messias, nem da revolução, para acontecerem?” (1984:76).

Nada mais distante dos horizontes de Srila Prabhupada e de seu Movimento, até certo ponto. O Movimento Hare Krishna também traz um confronto diante dos horizontes míticos do Ocidente cristão, não por negá-los, como o pensamento moderno, mas por já o terem realizado, à sua maneira. Diante do Movimento de Srila Prabhupada, a noção moderna de que, “**Deus está morto**”, é de veras simplória, por razões eminentemente sociológicas. O Movimento Hare Krishna tem para ensinar, afinal das contas, como pretendeu Emile Durkheim e Max Weber, que divindades, santos e profetas vivem na adoração que seus adeptos e crentes lhes oferecem. Sendo assim, são eternos enquanto essa durar.

Lugares santos, como Mayapur, são consideradas manifestações terrenas do mundo espiritual, a origem eterna deste nosso, sujeito às leis da mutabilidade. O mundo espiritual não é apenas um mundo ideal imaginário, ele é, particularmente nestes locais sagrados, um cenário, no qual cada indivíduo deve agir e ser reconhecido como um ator que realiza seus valores. Como observou Eliade(1996), **Salvação**, no sentido indiano, significa uma libertação dos efeitos do tempo, uma paradoxal realização da eternidade subjacente a impermanência evidente do mundo. Eliade também considera a mediação que os mestres espirituais da Índia moderna, operam para os seus discípulos, entre o rotineiro tempo histórico e o eterno tempo cósmico, permitindo aqueles viverem na irrealidade do primeiro, subordinando-se aos valores do segundo. Ele termina afirmando: “É interessante notar que esta última posição indiana prolonga, de certa forma, o comportamento do “homem primitivo” diante do Tempo. (1996:53)

A universalização do *Hari Nama Sankirtana*, realizada por Srila Prabhupada, irá permitir afirmar outra coisa. Não se trata de uma concepção “primitiva” de tempo, mas de uma paradoxal concepção atemporal do tempo. O Vaisnavismo de Srila Prabhupada não tem nada a ver com os poderes místicos dos *yogis* dos Himalaias, embora refira-se a essas pessoas. Seus lugares santos revelam, através da permanente repetição de seus ritos, que a eternidade espiritual realiza-se na atualização permanente desse cenário socialmente construído. Sua “alma” está contida em seus ritos, esse é o seu encanto.

BIBLIOGRAFIA*

- ABREU, A.C. HARE KRISHNA. In Sinais dos tempos: Diversidade religiosa no Brasil. ISER, 1990, Rio de Janeiro.
- AMARAL, L. As implicações éticas dos sentidos Nova Era de comunidade. In Religião e Sociedade Nº 17/1-2. Pgs 54-75. ISER, 1994. Rio de Janeiro.
- BAUDRILLARD, J. Esquecer Foucault. Rocco, 1984. São Paulo.
- BROOKS, C. The Hare Krishnas in India. Motilal Banarsidass, 1992. Delhi.
- BOURDIEU, P. A Economia das trocas simbólicas. 1987, Perspectiva. 2ª edição. São Paulo.
- CHATTOPADHYAYA, B.D. Change to Continuity: Notes toward an Understanding of the transition to Early Medieval India. In JHA, D.N. Society and Ideology in India. 1996. Munshiram Manoharlal, Delhi.
- DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. 1996, Edições Paulinas.
- ELIADE, M. Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Martins Fontes, São Paulo, 1996. 2ª edição.
- DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. 1976, Perspectiva, São Paulo.
- GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. 1985. Zahar Editores. Rio de Janeiro.
- GELBERG, S. Hare Krishna Hare Krishna. Grove Press, New York, 1983.
- GLUCKMAN, M.(ed) The ritual of social relations. Manchester, 1966. 2ª edição. M.U.P.
- GUERRIERO, S. O movimento Hare Krishna no Brasil: A comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação de Mestrado, PUC, 1989.
- HUBERT & MAUSS, M. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In MAUSS, M. Ensaio de Sociologia. 1999[1968], Perspectiva. 2ª edição.
- LEACH, E.R. Sistemas Políticos da Alta Birmânia. 1995, Edusp. São Paulo.
- LEVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. EDUSP, 1997, São Paulo.
- _____ Tristes Trópicos. 1981, Edições 70. Lisboa.
- LYRA, V. Integrando Corpo e Mente. 1987, Dissertação de mestrado. Antropologia, UNB.
- MADAN, T.N. Non-renunciation - themes and interpretations of Hindu Culture. 1987, Oxford University Press, Delhi.
- _____ Pathways: Approaches to the study of society in Índia. 1994, Delhi, Oxford.

- MAUSS, M. A Prece. In CARDOSO DE OLIVEIRA, R.(Org) Mauss. Ática, 1979.
- _____ Sociologia e Antropologia. 1974, EPU, EDUSP. Vol 1 e 2. _
- PEIRANO, M. Uma Antropologia no Plural.. 1991, EdUnB., Brasília.
- _____ A Favor da Etnografia. 1995, Relume Dumerá, Rio de Janeiro.
- ROCHFORD Jr. B, Hare Krishna in America. 1984, Rutgers University Press.
- SANYAL, H. Trends of Change in Bhakti Movement in Bengal. In JHA, D.N. Society and Ideology in India. 1996. Munshiram Manoharlal, Delhi.
- SINGER, M. When a Great Tradition Modernizes. 1972, The University of Chicago Press.
- SRINIVAS, M. Social Change in Modern India. 1966. University of California Press.
- TAMBIAH, S. Culture, Thought and Social Action. 1985, Harvard.
- _____ Continuidade, integração e horizontes em expansão. In **Mana 3/2**. 1997, Contra Capa, Rio de Janeiro.
- TURNER, V. Dramas, fields, and metaphors. 1975, Cornell University Press. 2ª edição.
- _____ O Processo Ritual. Vozes, 1974. Petrópolis.
- _____ From Ritual to Theatre. 1982, Performing Arts, USA.
- VAN GENNEP, A. Os ritos de passagem. Vozes, 1978. Petrópolis.
- WEBER, M The Religion of India. The Free Press, Illinois, 1958, 1ª edição.
- A Bibliografia editada pelo Movimento Hare Krishna no Brasil consta nas notas de rodapé. Tais livros são acessíveis junto aos devotos que fazem *sankirtana* nas ruas, nos casos da obra de Srila Prabhupada. Os demais podem ser encomendados junto à sede da ISCKON em Pindamonhangaba, SP. [www.gopala.com] A biblioteca da Universidade de Brasília possui uma coleção completa dos principais livros de Srila Prabhupada, como o *Bhagavad Gita*, *Srimad Bhagavatam*, e *Caitanya Carinamrta*. Edições antigas são facilmente encontradas em sebos.

SÉRIE ANTROPOLOGIA
Últimos títulos publicados

268. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. Individualism, Collective Identities and Citizenship: The United States and Quebec Seen from Brazil. 2000.
269. BOSKOVIC, Aleksandar. The Other Side of the Window: Gender and Difference in Prespa, Republic of Macedonia. 2000.
270. PEIRANO, Mariza G.S. A Análise Antropológica de Rituais. 2000.
271. SEGATO, Rita Laura. (Em colaboração com: Tania Mara Campos de Almeida e Mônica Pechincha). Las Dos Vírgenes Brasileñas: Local y Global en el Culto Mariano. 2000.
272. PEIRANO, Mariza G.S. The Anthropological Analysis of Rituals. 2000.
273. BUCHILLET, Dominique. Tuberculose, Cultura e Saúde Pública. 2000.
274. TEIXEIRA, Carla Costa. Mentira Ritual e Retórica da Desculpa na Cassação de Sérgio Naya. 2000.
275. CARVALHO, José Jorge de. Um Panorama da Música Afro-Brasileira. Parte 1. Dos Gêneros Tradicionais aos Primórdios do Samba. 2000.
276. CARVALHO, José Jorge de. The Mysticism of Marginal Spirits. 2000.
277. SILVEIRA, Marcos Silva da. *Hari Nama Sankirtana*: Etnografia de um processo ritual. 2000.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília
70910-900 – Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368
Fone/Fax: (061) 273-3264/307-3006